

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
RIO GRANDE DO SUL – CAMPUS FELIZ  
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS E  
INGLÊS**

**Flavia Arenhardt**

**ANALFABETISMO E LETRAMENTO: A REALIDADE DE SUJEITOS  
ANALFABETOS NA CIDADE DE FELIZ/RS**

**Feliz  
2019**

**Flavia Arenhardt**

**ANALFABETISMO E LETRAMENTO: A REALIDADE DE SUJEITOS  
ANALFABETOS NA CIDADE DE FELIZ/RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Evers

Aprovada em 27 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Evers - IFRS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bianca Franco Pasqualini - UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Cátia Alves Martins - IFRS

*Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.*

**Paulo Freire**

### ***Dedicatória***

Dedico este trabalho, primeiramente, aos Sujeitos A, B, C e D que se disponibilizaram a fazer parte desta pesquisa, além de contribuírem para o meu desenvolvimento como ser humano.

Aos meus pais, por oferecerem força e apoio ao longo deste período, como também a todos aqueles que de alguma forma me ajudaram na elaboração deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Obrigado, Deus, por me conceder a vida, a saúde e a oportunidade para concluir o curso superior de Licenciatura em Letras - Português e Inglês. Agradeço a minha família pela afetividade e apoio em meus estudos, compreensão nos momentos mais difíceis; ao meu namorado, Róger, que sempre esteve ao meu lado; à professora Aline Evers, pela orientação e acompanhamento indispensável na realização deste trabalho; aos meus amigos, especialmente à Ane Caroline Berres pelo auxílio prestado, e ao IFRS Campus Feliz, por oferecer os recursos necessários para aquisição de novos conhecimentos. Aos professores do curso de Licenciatura em Letras, por contribuírem para o aprendizado dos alunos e desenvolvimento da sociedade. A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho e, ainda, às pessoas que participaram desta pesquisa, que fizeram com que este trabalho de fato fosse realizado.

## RESUMO

Esta pesquisa apresenta reflexões sobre os processos de *alfabetização e letramento* na cidade de Feliz/RS. Apesar de serem processos distintos, caminham juntos desde o início da trajetória escolar das pessoas, conforme aponta Soares (1998). Na mesma linha de pensamento, para Freire (2001), desde pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia e, mesmo antes de aprendermos a ler e a escrever, já estamos lendo esse mundo. No Brasil, há, ainda, um grande número de analfabetos. Os sujeitos analfabetos adultos, no entanto, são letrados, pois vivenciam o mundo por meio da mediação de pessoas alfabetizadas e realizam a prática da leitura através da audição. Pessoas analfabetas, conforme entendemos, são aquelas que não possuem a habilidade de decodificar palavras; já pessoas alfabetizadas tiveram essa habilidade desenvolvida no ambiente familiar e escolar. Tendo em vista que letramento envolve fazer parte das práticas sociais escritas de uma sociedade letrada, neste trabalho, buscamos compreender as trajetórias de vida de pessoas analfabetas ou em processo de alfabetização, moradores da cidade de Feliz/RS, a cidade com o menor índice de analfabetismo do Brasil. Para isso, entrevistamos quatro sujeitos moradores da cidade, analfabetos ou em processo de alfabetização. Foram realizadas entrevistas orais, gravadas e transcritas posteriormente para análise. A análise foi feita a partir dos seguintes eixos: Condição Pessoal e Familiar, Trajetória Escolar, Percepções com Relação aos Estudos, Dificuldades e Estratégias no Mundo Letrado, Percepções sobre Ser Analfabeto. Como conclusões do estudo desenvolvido nesta pesquisa, para além de histórias de vida de superação, encontramos pessoas analfabetas que desenvolveram suas próprias estratégias para lidar com os desafios de viver em uma comunidade que desenvolve boa parte de suas práticas sociais pela escrita.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Analfabetismo; Cidadania; Educação; Letramento.

## ABSTRACT

This research presents reflections on illiteracy and literacy processes in the city of Feliz/RS. Despite being distinct processes, they are developed together since the beginning of people's school career, as Soares (1998) points out. In the same way, Freire (2001) points out that since childhood we learn to understand and read the world around us, even before we learn to read and write we are reading this world. In Brazil, there are still a large number of illiterates. Adult illiterate subjects, however, are literate because they experience the world through the mediation of literate people and perform reading through hearing. Illiterate people, as we understand, are those who lack the ability to decode words. On the other hand, literate people had this skill developed in the family and school environment. Considering that literacy involves being part of the written social practices of a literate society, in this paper we seek to understand the life trajectories of illiterate people living in the city of Feliz/RS, the city with the lowest illiteracy in Brazil. In order to do that, we interviewed four subjects, illiterate or in the process of literacy. Oral interviews were recorded and later were transcribed for analysis. The analysis was based on the following axes: Personal and Family Condition, School Trajectory, Perceptions Regarding Studies, Difficulties and Strategies in the Literate World, Perceptions about Being Illiterate. As conclusions from the study developed in this research, in addition to overcoming life stories, we found that illiterate people have developed their own strategies for dealing with the challenges of living in a community that develops much of their social practices through writing.

**Keywords:** Literacy; Illiteracy; Citizenship; Education; Literacy.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Desenho elaborado por Sujeito B.....	49
Figura 2 Desenho elaborado por Sujeito B.....	49
Figura 3 Desenho elaborado por Sujeito B.....	50
Figura 4 Desenho elaborado por Sujeito B.....	51
Figura 5 Desenho elaborado por Sujeito B.....	51
Figura 6 Desenho elaborado por Sujeito B.....	52

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Informações Básicas dos Sujeitos de Pesquisa.....	36
Quadro 2 Códigos e seus significados.....	37
Quadro 3 Sujeitos, locais e tempos de entrevista. ....	43

## **LISTA DE SIGLAS**

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Feliz

CEMEJA – Centro Municipal de Jovens e Adultos

EEEF – Escola Estadual de Ensino Fundamental

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil

ENCCEJA – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FIES – Financiamento Estudantil

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFRS – Instituto Federal do Rio Grande do Sul

MEC – Ministério da Educação

NUMEJA – Núcleo Municipal de Educação de Jovens e Adultos

ONU – Organização das Nações Unidas

PBA – Programa Brasil Alfabetizado

PROUNI – Programa Universidade para Todos

RS – Rio Grande do Sul

SINE – Sistema Nacional de Emprego

SISU – Sistema de Seleção Unificada

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE FELIZ/RS .....</b>	<b>16</b>
2.1 Breve História das Escolas em Feliz/RS .....	16
2.2 Feliz: a cidade com o menor índice de analfabetismo do Brasil.....	18
2.3 Dados disponíveis sobre pessoas analfabetas em Feliz/RS .....	18
2.4 Os programas de educação de jovens e adultos .....	19
<b>3 ANALFABETISMO E LETRAMENTO .....</b>	<b>22</b>
3.1 Analfabetismo .....	22
3.2 Analfabetismo Funcional .....	25
3.3 Letramento .....	26
3.4 Analfabetismo e Políticas Públicas.....	30
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>32</b>
4.1 Busca por pessoas analfabetas.....	32
4.1.1 Sujeitos de Pesquisa .....	33
4.2 Sujeitos Entrevistados: perfil dos entrevistados .....	34
4.3 Termo de Consentimento de Pesquisa .....	36
4.4 Formulação do Roteiro de Entrevista.....	37
4.4.1 Realização da Entrevista Piloto.....	41
4.4.2 Reformulação do Roteiro de Entrevista .....	41
4.5 Entrevistas: datas e dados básicos .....	42
4.6 Transcrição das Entrevistas .....	43
<b>5 ENTREVISTAS E ANÁLISE .....</b>	<b>45</b>
5.1 Sujeitos e entrevistas .....	45
5.1.1 Sujeito A .....	45
5.1.2 Sujeito B .....	46
5.1.3 Sujeito C.....	53
5.1.4 Sujeito D .....	55
5.2 Eixos Referenciais.....	57
5.2.1 Percepções com Relação aos Estudos .....	57
5.2.2 Percepções sobre Ser Analfabeto .....	59
5.2.3 Condição Pessoal e Familiar e Trajetória Escolar.....	60
5.2.4 Dificuldades e Estratégias no Mundo Letrado .....	61
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>63</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>69</b>
<b>ANEXO A: Termo de Consentimento de Pesquisa .....</b>	<b>72</b>
<b>ANEXO B: Roteiro de Entrevista Piloto .....</b>	<b>73</b>
<b>ANEXO C: Roteiro de Entrevista 2.....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICE A: Transcrição do termo de consentimento .....</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICE B: Transcrição das entrevistas .....</b>	<b>78</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo o Artigo 205 da Constituição Federal de 1988, a educação é direito de todos. No entanto, crianças precisam abandonar os estudos ou são retiradas das escolas porque necessitam encontrar um emprego para ajudar no sustento da família. Essa é parte da realidade das pessoas selecionadas para a realização deste trabalho. Elas nasceram a partir da década de 50, época em que o Estado ainda não era obrigado formalmente a garantir a educação para todos os brasileiros.

A proposta de universalização, solidariedade democrática e justiça social para todos, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº 9.394/96, nos artigos que tratam da Educação Básica (artigos 37 e 38), determina que todo cidadão, independentemente de cor, raça, credo ou nível social, tem direito à gratuidade da educação básica, quando oferecida pelo poder público, e adequação às características dos alunos, aos seus interesses, as suas condições de vida e trabalho.

Embora haja uma série de publicações e trabalhos na área tratando do desenvolvimento de pessoas não alfabetizadas em seus contextos sociais (GALVÃO e DI PIERRO, 2007; KLEIN, 2000; PETRÓ, 2009), o que se passa com pessoas não alfabetizadas na cidade de Feliz/RS e como essas pessoas lidam com situações em que seria indispensável saber ler e escrever ainda não foi objeto de estudo. Sendo assim, este trabalho busca preencher essa lacuna através da metodologia empregada e dos dados analisados e descritos.

O objetivo principal deste trabalho é compreender como, atualmente, dá-se o dia a dia de pessoas sem a habilidade da leitura e da escrita, como lidam com esse fato e o que os faz querer ou não voltar ou começar a aprender a ler e a escrever no município mais alfabetizado do Brasil<sup>1</sup>. A partir disso, foram selecionadas quatro pessoas – moradores da cidade de Feliz – para participarem desta pesquisa. Essas pessoas estão desidentificadas, sendo a elas atribuídos nomes fictícios, a fim de preservar suas identidades. Neste trabalho, elas são os Sujeitos A, B, C e D. A coleta de dados foi feita através de gravações, que foram posteriormente transcritas manualmente sem a ajuda de *softwares* devido à mistura da linguagem usada pelos sujeitos entrevistados, composta por língua portuguesa e pela língua local, o Hünsrückish.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.feliz.rs.gov.br/web/noticia/98/feliz-e-o-municipio-mais-alfabetizado-do-brasil> Acesso em 07 Dez 2019.

Devido ao fato de estar em contato com pessoas que não possuem a habilidade da escrita, meu interesse sobre o tema foi criando forma a partir da disciplina cursada no 2º semestre da graduação em Letras, “Literatura, Leitura e Letramento”. O termo Letramento que, para Soares (1998, p. 18), é o “resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”, tornou-se presente em praticamente todas as aulas dos semestres subsequentes, e esse termo, até então pouco ouvido por mim, logo começou a ganhar outros sentidos.

Por ter contato com uma pessoa analfabeta<sup>2</sup>, sempre ouvi relatos referentes ao quão difícil é a vida de alguém que não sabe “ler” na sociedade em que vivemos, e quanto é grande o esforço de quem sempre fez de tudo para esconder esse “pequeno” detalhe. A partir desses contatos, esta pesquisa ganhou rumos. Apresentamos aqui a investigação realizada por meio de uma pesquisa exploratória, com a finalidade de compreender alfabetização e letramento por meio de pessoas analfabetas da cidade de Feliz/RS e como essas pessoas vivem e se veem em um mundo em que a escrita aparece em todos os lugares.

Primeiramente, foi elaborado um termo de consentimento de fácil compreensão para que fosse lido aos sujeitos de pesquisa, visto que essas pessoas não sabem decodificar as palavras escritas. O consentimento a esse termo, por sua vez, foi colhido de forma oral e gravado. Logo, os sujeitos deveriam concordar ou não em participar da entrevista por nós elaborada. A investigação foi realizada por meio de entrevistas, portanto, que foram gravadas e transcritas manualmente. Dessas, algumas partes foram selecionadas para serem analisadas neste trabalho.

O trabalho aqui proposto baseia-se em entrevistas que foram realizadas com pessoas entre 46 e 69 anos, não alfabetizadas e/ou em processo de alfabetização, moradores da cidade de Feliz/RS. Com a finalidade de compreender seus processos de alfabetização e de letramento, além de identificar como se dão as práticas do dia a dia em um mundo letrado, distinguimos como se estabeleceu a distribuição dos saberes dessas pessoas visto que, para Freire (2001, p. 29), “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

---

<sup>2</sup> Privada do alfabeto, que não sabe ler e escrever (SOARES, 1998, p. 30).

Uma vez que houve um tempo em que a alfabetização era de difícil acesso, atualmente, poder alfabetizar-se faz parte do cotidiano dos moradores de nosso município. As instituições de ensino do município de Feliz/RS buscam colocar todas as crianças na escola desde a educação infantil, logo, o ato de ler e escrever se torna presente desde os primeiros anos de vida, fazendo parte do seu cotidiano.

A importância da investigação deste trabalho de conclusão de curso deve-se, principalmente, a buscar compreender como pessoas não alfabetizadas lidam com o mundo em si, visto que, para Galvão e Di Pierro:

o analfabetismo não é percebido como expressão de processos de exclusão social ou como violação de direitos coletivos, e sim como uma experiência individual de desvio ou fracasso, que provoca repetidas situações de discriminação e humilhação, vividas com grande sofrimento e, por vezes, acompanhadas por sentimentos de culpa e vergonha. (2007, p. 15)

Em segundo lugar, o trabalho aqui proposto é pertinente porque em todos os lugares que vamos vemos palavras escritas, sendo assim, busco compreender o que as pessoas não alfabetizadas do município de Feliz/RS sentem quando estão entre o meio das palavras e como reagem diante dessas situações. Para complementar esse objetivo, busco, também, assimilar como pessoas adultas em processo de alfabetização se sentiam com relação ao fato de serem analfabetas.

Finalmente, a relevância deste trabalho refere-se ao fato de buscar entender como as pessoas não alfabetizadas ou com pouca escolaridade se veem e/ou lidam com as representações e/ou discursos negativos advindos de sujeitos alfabetizados no município de Feliz/RS, visto que, “atualmente, ser analfabeto é muito diferente do ser analfabeto de muitos anos atrás” (BARROS, 2012, p. 3). Além disso, procuramos indagar por que essas pessoas estão, ainda nos dias de hoje, na condição de analfabetos, ou seja, por que não aprenderam a ler e a escrever no tempo que é estipulado como “ideal”, e por que não retomam seus estudos.

Enfim, identificadas as principais questões que embasam o presente trabalho, esclarecemos a seguir a sua organização. No Capítulo 2 apresentamos o histórico do município de Feliz/RS, visto que, de acordo com os dados do Censo 2010, compilados pelo IBGE, a cidade de Feliz/RS ocupa o topo da lista dos municípios mais alfabetizados do Brasil, com 0,95% de analfabetismo entre a população adulta.

No Capítulo 3, articulamos a fundamentação teórica sobre o analfabetismo, analfabetismo funcional e letramento. No Capítulo 4 são apresentados os procedimentos metodológicos adotados, a formulação do roteiro de entrevista e dados básicos dos sujeitos de

pesquisa. No Capítulo 5 apresentamos as entrevistas e análises relativas às leituras que fizemos a partir delas, relacionadas à alfabetização e letramento. No Capítulo 6 apresentamos os resultados e discussões a partir das entrevistas e nas Considerações Finais trazemos as reflexões a que chegamos através da análise dos dados, das entrevistas e de nosso arcabouço teórico, bem como apresentamos perspectivas futuras de estudo.

## **2 EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE FELIZ/RS**

Neste Capítulo, trazemos a descrição histórica do município de Feliz/RS, no qual vivem os sujeitos que integram nossa pesquisa, abordando questões do passado e também questões do presente, em especial, que dizem respeito ao tema da nossa pesquisa, tais como: o programa de educação de jovens e adultos executado no município, os índices atualizados sobre analfabetismo e dados sobre a realidade do ensino formal.

### **2.1 Breve História das Escolas em Feliz/RS**

Estudos arqueológicos comprovam a passagem de grupos indígenas pela Região do Vale do Rio Caí, região na qual o município de Feliz se situa. Sabemos que a Região Sul do Brasil foi a região mais tardiamente ocupada por imigrantes. Em 1824 chegaram os primeiros colonos ao Rio Grande do Sul, mas o município de Feliz foi colonizado a partir de 1846 por imigrantes alemães. Em 1959 foi decretada a emancipação política, tornando Feliz um município.

O município de Feliz está localizado a 87 km de Porto Alegre, com uma área de 95,37 km<sup>2</sup> dividida em zona urbana e rural, contando com mais de 13 mil habitantes de acordo com dados do IBGE/2010<sup>3</sup>. A população é constituída, em sua maioria, por descendentes de origem alemã, sendo que a língua alemã (dialeto Hunsrückisch) ainda é falada por muitos habitantes da cidade, principalmente por pessoas mais velhas.

Entre 1846 e 1850, a cidade recebeu suas primeiras escolas católicas, dando início ao processo de alfabetização dos filhos dos imigrantes. Até aquele momento, o indivíduo mais culto da comunidade era o responsável pela educação das crianças, processo que ocorria todo em alemão.

Aos poucos, foram surgindo escolas do governo. Surgiram os grupos escolares nos centros maiores e as escolas rurais nas comunidades do interior. O Colégio Imaculado Coração de Maria, das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, foi criado em 1948 e, em 1960, surgiram as primeiras escolas rurais e municipais de Feliz. O Colégio Estadual Professor Jacob Milton Bennemann surgiu em 1975. E a primeira escola estadual do município, denominada Grupo Escolar Paes e Leme e Grupo Escolar Tenente Oldegard de Sapucaia, foi criada em 1903. No

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/feliz/panorama> Acesso em: 25 abr. 2019.

mesmo prédio, em 1962, o Ginásio Estadual de Feliz oferecia o Curso Ginásial de quatro anos. Em 1978, o Grupo e o Ginásio foram unidos e se tornaram uma escola de 1º grau de oito séries, hoje conhecida como a Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Saturnina Ruschel, localizada no centro da cidade.

A cidade de Feliz conta com 5 escolas da rede Estadual (EEEF Maria Saturnina Ruschel, Colégio Estadual Professor Jacob Milton Bennemann, EEEF Marquês do Herval, EEEF Ivonny Kayser, EEEF Dóris José Schlatter) e 1 escola da rede particular (Capital do Saber). Enquanto que a rede municipal também é composta por 5 escolas (EMEF Cônego Alberto Schwade, EMEF Alfredo Spier, EMEF Arthur Ernesto Gutheil, EMEF A.J. Renner, EMEF Conselheiro João Braun).

A educação infantil é contemplada na rede municipal por 7 escolas (EMEI Criança Feliz, EMEI Bem Me Quer, EMEI Sorriso Feliz, EMEI Criança Esperança, EMEI Criança Feliz, EMEI Escadinhas do Saber, EMEI Primeiros Passos) e 1 escola particular (Escola Mundo Infantil). A cidade conta também com a APAE, que está comprometida com a aprendizagem e inclusão social de crianças, jovens e adultos com deficiência intelectual e múltipla.

Em 2008, foi inaugurado o Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves – Unidade de Feliz. Essa instituição foi implantada na cidade de Feliz de forma planejada, buscando atender a demandas da região. O Campus Feliz do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) surgiu através da determinação de alguns cidadãos e cidadãs da cidade que se uniram e criaram a Fundação do Vale do Rio Caí, fundando a Escola Técnica do Vale do Caí, sendo uma instituição sem fins lucrativos que possibilitou, em 2008, um ensino público, gratuito e de qualidade.

Nesse mesmo ano, foram criados os Institutos Federais, e essa unidade de ensino passou a ser de responsabilidade do IFRS – Campus Bento Gonçalves, passando a se chamar Núcleo Avançado de Feliz. As atividades iniciaram com a primeira turma do curso Técnico em Administração no mês de agosto do mesmo ano e, após 5 anos, a unidade passou a ser (oficialmente) IFRS – Campus Feliz. Atualmente, o Campus Feliz é uma das 17 unidades do IFRS ofertando à comunidade cursos regulares desde o Técnico Integrado ao Ensino Médio até pós-graduação e mestrado.

Os colonizadores alemães trouxeram consigo os seus costumes e cultura, e tinham como objetivo formar uma comunidade como a que deixaram, com escola e igreja. Os habitantes da cidade sempre foram bastante unidos e com espírito comunitário. E, ainda hoje, percebe-se que

há vestígios dos colonizadores, pois os habitantes têm como prioridade o trabalho, a saúde e a educação como forma de melhorar a qualidade de vida. Em 2002 o município ficou entre as dez cidades com o menor índice de analfabetismo e, em 2006, recebeu o título de “Município Alfabetizado”.

## **2.2 Feliz: a cidade com o menor índice de analfabetismo do Brasil**

Segundo Assmann (2009, p. 26), desde o início de sua colonização, a cidade de Feliz caracteriza-se pela valorização do trabalho, saúde e educação, sendo conhecida como a “Cidade de Melhor Qualidade de Vida no Brasil”, através de dados divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1998.

Em 2006, Feliz recebeu o título de “Município Alfabetizado” por ter um índice mínimo de analfabetismo. Além disso, no ano de 2007, o município atingiu o Índice de Desenvolvimento da Educação nos anos iniciais de 5,3 e, nos anos finais, de 4,8, superando os índices nacionais, estaduais e ainda as metas previstas para o respectivo ano (ASSMANN, 2009, p. 27).

Na EMEF Alfredo Spier está implantado o Núcleo Municipal de Educação de Jovens e Adultos (NUMEJA). Lá os encontros acontecem no turno da noite, ofertando educação para estudantes em séries iniciais, finais e ensino médio através de aulas presenciais e por módulos, em que o estudante pode gerenciar seu tempo para o aprendizado, além de oferecer aulas a jovens e adultos em processo de alfabetização.

A divulgação desse programa ocorreu principalmente entre as pessoas da cidade, juntamente com a ajuda de funcionários do posto de saúde da cidade, especialmente as agentes de saúde que, quando visitavam as pessoas em suas casas, acabavam divulgando o programa, com atenção especial para famílias que tinham entre seus membros pessoas analfabetas.

## **2.3 Dados disponíveis sobre pessoas analfabetas em Feliz/RS**

Os postos de saúde do município de Feliz possuem uma agente de saúde por micro área e é de sua responsabilidade visitar mensalmente as casas dos moradores para acompanhar as questões de vulnerabilidade, a caderneta de vacinas dos menores de 5 anos, acompanhar hipertensos, diabéticos, gestantes e todos os doentes crônicos. Muitas são as atividades atribuídas às agentes de saúde, sendo elas responsáveis desde o registro do cadastro até as

visitas de acompanhamento das pessoas atendidas. Nesse cadastro, consta uma série de informações sobre as pessoas atendidas, desde dados sobre o seu nascimento até escolaridade.

Dessa forma, as agentes de saúde do posto de saúde do município têm acesso a dados individuais de cada morador da sua área. Esses dados, atualmente, são lançados no sistema pelas próprias agentes de saúde, mas muitos ainda não foram sistematizados, estando apenas salvos em documentos que estão arquivados no posto de saúde.

#### **2.4 Os programas de educação de jovens e adultos**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma forma de educação com o objetivo de promover o ensino fundamental e médio com qualidade para as pessoas que não tiveram oportunidade de concluir seus estudos em idade própria. A EMEF Alfredo Spier sedia o NUMEJA do município de Feliz/RS, que tem como proposta oferecer a formação do aluno, integrando-o à sociedade e ao mercado de trabalho.

A escola originou-se em 1998 através da criação do Centro de Educação Municipal de Jovens e Adultos (CEMEJA), que atendia 290 alunos no turno da noite, na EEEF Maria Saturnina Ruschel. Em seguida, o CEMEJA foi transferido para o prédio do Colégio Imaculado Coração de Maria (atual Capital do Saber). Em março de 1999, o CEMEJA passou a ser Escola Municipal de Ensino Fundamental Alfredo Spier. A escola localizava-se no centro da cidade – onde atualmente se encontra o Serviço Nacional de Emprego (SINE) de Feliz – e, em 2005, a escola mudou-se para novo endereço, localizando-se no bairro Matiel.

O NUMEJA oferece o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano no modo presencial, com aulas uma vez por semana. Do 6º ao 9º ano e o Ensino Médio, a metodologia de ensino-aprendizagem é semipresencial, ou seja, os alunos, em casa, fazem o trabalho, os exercícios propostos nos módulos, leituras e estudo.

Na escola são feitos os esclarecimentos de dúvidas pelo professor titular da disciplina e a realização de provas. A média para aprovação é 70 (setenta) e, caso o estudante não consiga atingir a média após a terceira tentativa, uma aula explicativa é oferecida antes da realização da quarta avaliação.

Para os alunos sem comprovante de escolaridade é oferecida uma prova de ingresso, sendo 60 (sessenta) a nota para averiguar a série. Os alunos que concluíram parcialmente o ensino regular podem aproveitar as disciplinas nas quais tiveram aprovação e, a partir delas,

dar sequência aos estudos. Também podem ser aproveitados os resultados parciais dos exames supletivos (ENCCEJA e ENEM).

O Exame Nacional para Certificação de Competência de Jovens e Adultos (ENCCEJA) é uma avaliação a qual tem como finalidade aplicar provas a alunos que repetiram de ano ou não o concluíram na faixa etária considerada ideal. Por meio desse exame, os candidatos podem adquirir diplomas para o Ensino Fundamental e Médio. Já o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), criado em 1998, como objetivo de ser uma avaliação de certificação dos alunos do Ensino Médio, além de selecionar alunos (que obtiverem melhores notas) para estudarem em instituições federais de ensino superior através de programas do Governo Federal, como Fies, ProUni e Sisu.

Atualmente, o NUMEJA atende 303 alunos, em sua maioria, alunos com idade inferior a 30 anos, solteiros, sem filhos e moradores de Feliz, sendo que 2 (dois), com idade superior a 40 anos, estão em processo de alfabetização. Grande parte dos alunos teve reprovação na escola regular no 6º ano do Ensino Fundamental e no 1º ano do Ensino Médio, principalmente nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa. Os alunos procuram essa modalidade de ensino pela facilidade de conciliar o estudo com o trabalho e pelas aulas serem semipresenciais. Estudam com o objetivo de realização pessoal e com a pretensão de prosseguir nos estudos.

Inicialmente, o município disponibilizava professores para preparar os alunos que queriam concluir o Ensino Médio e fazer uma prova na cidade de Caxias do Sul. Em 1998 foram implantadas aulas presenciais até a antiga 5ª série (atualmente 6º ano dos anos finais) sendo uma turma para os alunos dos anos finais, e uma turma para os alunos que não haviam finalizado a antiga 4ª série. Havia apenas uma turma de alunos para os anos iniciais, dos quais a maioria era alfabetizada, e uma turma para cada ano dos anos finais. Todas as aulas ocorriam de forma presencial. Sendo assim, em dois anos o aluno concluía o ensino fundamental - anos finais. Em 2005, quando a escola mudou-se para o bairro Matiel, iniciaram-se as aulas à distância. A escola oferecia as apostilas de estudos para todos os alunos, que se deslocavam até a escola somente para realizar as provas.

Ao entrarmos em contato com a direção da escola para obter mais informações sobre o programa, recebemos a informação de que atualmente há apenas dois alunos, entre 46 e 59 anos, em processo de alfabetização, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, ambos moradores do município.

De acordo com a direção da escola, um desses alunos já havia iniciado anteriormente o processo de alfabetização, mas não permaneceu por muito tempo devido a problemas familiares, tendo retomado os estudos no início de 2019. Ambos são atendidos pela mesma professora na biblioteca da escola, e as aulas acontecem nas terças-feiras à noite, das 18h30min às 21h30min. A escola também já atendeu imigrantes haitianos, alfabetizando-os na língua portuguesa.

A importância da educação está presente na cidade desde a sua colonização, quando o processo de alfabetização era desenvolvido pela pessoa mais culta da cidade. Ainda hoje, temos traços dessa educação, percebida pelo uso do Hunsrückisch, língua falada, majoritariamente, pelos habitantes mais velhos da cidade. Com o passar dos anos, foram surgindo mais escolas, contemplando desde a educação infantil até o ensino superior. Dessa maneira, percebe-se que um dos maiores objetivos da administração da cidade é manter a educação em primeiro lugar.

Em vista do baixo número de analfabetos na cidade, fomos em busca de dados na prefeitura da cidade, posto de saúde e escolas. Cada setor nos abria portas para outro, até que chegamos a uma escola que sedia o NUMEJA, atendendo a jovens e adultos para a conclusão do ensino fundamental e médio, como também alunos que estão em processo de alfabetização.

Esses alunos, por sua vez, frequentam aulas semanalmente em uma escola da cidade, pessoas que passaram grande parte de sua vida sem poder pegar um ônibus sem pedir ajuda, sem saber o que significam símbolos em placas, livros, símbolos esses que aparecem em todos lugares e que hoje aprendem a reconhecer as letras do alfabeto.

Assim, traremos nos capítulos seguintes os conceitos de alfabetização e letramento, dois conceitos diferentes, pois ter aprendido a ler e escrever é diferente de ter se apropriado da escrita.

### 3 ANALFABETISMO E LETRAMENTO

#### 3.1 Analfabetismo

Podem ser diversas as causas do analfabetismo, mas o que há de mais comum é a desigualdade social, o que faz com que as pessoas com baixa renda tenham pouco ou nenhum acesso à escola. Tendo em vista as dificuldades financeiras e a constituição das famílias – que, há algum tempo, ainda eram formadas por um grande número de filhos –, as crianças eram “obrigadas” a auxiliar aos pais no trabalho da lavoura, deixando a escola em segundo plano. Essa é uma realidade encontrada em Feliz/RS, o que é verdade também em outras situações, como demonstrado pela pesquisa realizada por Galvão e Di Pierro (2007, p. 16), que indicam que a “ampla maioria dos analfabetos é constituída por pessoas oriundas do campo, de municípios de pequeno porte, nascidas em famílias numerosas e muito pobres, cuja subsistência necessitou da mão-de-obra de todos os membros desde cedo”. O trabalho precoce na lavoura, as dificuldades de acesso ou a ausência de escolas na zona rural impediram ou limitaram os estudos dessas pessoas na infância e adolescência.

Dessa maneira, essas pessoas acabavam não frequentando ou abandonando a escola antes mesmo de serem alfabetizadas, o que também afirma Petró ao relatar que “há casos em que apenas alguns dos filhos iam à escola” (2009, p. 90-91). Os contatos sociais das famílias de analfabetos eram limitados apenas à família e vizinhos, e as aprendizagens eram relacionadas ao trabalho doméstico ou na lavoura, que eram realizadas por imitação ou mediante instruções verbais orais. Alguns sujeitos nessas realidades foram à escola por períodos curtos e descontínuos, em que acabaram realizando aprendizagens pouco significativas, o que levava à comum situação relatada por Galvão e Di Pierro: “a interrupção dos estudos e o reduzido uso social das habilidades adquiridas na escola levaram posteriormente à regressão à condição de analfabetos” (2007, p. 16).

Ainda segundo o estudo de Petró (2009, p. 91), “não havia uma cultura de valorização do estudo, isso vinculado à falta de oportunidades de acesso à escola no meio rural”, decorrente da distância em relação ao estabelecimento de ensino e das poucas séries oferecidas. Além desses fatores, a necessidade de trabalhar ainda na infância criou uma cultura de maior valorização do trabalho em relação ao estudo, geralmente porque, em uma perspectiva mais imediata, o resultado do trabalho era mais evidente do que o do estudo.

O estudo das autoras Galvão e Di Pierro (2007) nos indica que o analfabetismo também estava presente, embora de maneira diferente, em todas as camadas e grupos sociais: “entre homens e mulheres brancos, proprietários de terras, homens e mulheres escravos e libertos” (GALVÃO e DI PIERRO, p. 34), evidenciando a existência da valorização da cultura do trabalho em detrimento da cultura de valorização do estudo, aspecto apontado no estudo de Petró (2009).

Dentre os lugares-comuns que circulam nas conversações a respeito da educação na idade adulta está o ditado popular “papagaio velho não aprende”. Sobre isso, Galvão e Di Pierro comentam:

Embora escassos, a maior parte dos estudos psicopedagógicos recentes sustentam que as pessoas são plenamente capazes de seguir aprendendo em qualquer idade (PALÁCIOS, 1995), ainda que a pertinência a determinados subgrupos socioculturais ou etários possa levar à variância em determinadas características, estilos e funções cognitivas, como a memória, por exemplo (2007, p. 79).

Ou seja, de fato, uma das fontes do preconceito em relação aos analfabetos reside na suposição de que a ausência das habilidades de leitura e escrita ou sua aquisição “tardia”, quando adultos, restringiriam o desenvolvimento psicológico ou cognitivo dos indivíduos ou grupos sociais. Vemos, no entanto, que esses lugares-comuns, embora não corroborados por pesquisas acadêmicas, fazem parte do imaginário do que significa ser analfabeto, associando analfabetismo a disfunções cognitivas.

Convém, neste momento e com base no que trouxemos anteriormente, refletirmos sobre o conceito de “pessoa analfabeta” e o que de fato significa “ser analfabeto”. Para Soares (1998, p. 30), “analfabeto é aquele que não conhece o alfabeto, que não sabe ler e escrever”. Atualmente, para muitos, não saber ler e escrever é o mesmo que não ter conhecimento. Conforme ressaltam Galvão e Di Pierro (2007, p. 10), “o ‘ser analfabeto’ quase sempre está carregado de sentido negativo, tornando-se perceptível que, de modo geral, a relação que as pessoas tem com o analfabeto é mediada por preconceitos, pré-julgamentos e estigmas”.

Para Jacques e Casagrande (2017, p. 124-125), assim como para Galvão e Di Pierro (2012), “designar uma pessoa como *analfabeto* na sociedade contemporânea é caracterizar esse sujeito por aquilo que ele não possui, pela falta de algo, é atribuir a ele a incapacidade, o despreparo e colocá-lo como um ser sem conhecimento”. O fato de essas pessoas não terem a leitura da palavra faz com que a sociedade as veja como “pessoas perdidas”, cegas e fora da realidade, como aponta, também, Freire (2001). Muitas vezes, essa também é a visão que elas mesmas têm de si.

Analfabeto é aquele que é privado do alfabeto, a quem falta o alfabeto, ou seja, aquele que não conhece o alfabeto, que não sabe ler e escrever. “Ao pé da letra, significa aquele que não sabe nem o alfa, nem o beta – as primeiras letras do alfabeto grego; em outras palavras: aquele que não sabe o bê-á-bá”. Ainda, na palavra *analfabetismo*, o sufixo *-ismo* indica um modo de proceder como analfabeto, ou seja: analfabetismo é um estado, uma condição, o modo de proceder daquele que é analfabeto (SOARES, 2006).

Segundo Osakabe (1982, p. 149, apud BRITTO, 2003, p. 43), “aprender a ler e a escrever é ter acesso a um mundo distinto daquele em que a oralidade se instala e se organiza: o mundo da escrita”. A ampla maioria dos analfabetos é constituída por pessoas oriundas do campo, de municípios de pequeno porte, nascidas em famílias numerosas e muito pobres, cuja subsistência necessitou da mão-de-obra de todos os membros desde cedo. Conforme Galvão e Di Pierro, “o trabalho precoce na lavoura, as dificuldades de acesso ou a ausência de escolas na zona rural impediram ou limitaram os estudos dessas pessoas na infância e adolescência” (2010, p. 16).

Ter acesso à cultura escrita, objetivamente, quer dizer ser capaz de:

- ler jornais, revistas, livros;
- ler documentos e outros textos que façam parte da sua profissão, crença, participação político-cultural-social;
- conhecer e aplicar recursos característicos da escrita (sínteses, resumos, quadros, gráficos, fichas, esquemas, roteiros) e usar em suas atividades (inclusive de leitura e redação de textos) de acordo com a necessidade; escrever o que precisa (avisos, bilhetes, cartas, textos de avaliação, relatórios, registros, documentos, etc.), tanto para a vida pessoal como para a ação social e profissional (BRITTO, 2003, p. 43).

Dessa forma, no que diz respeito à proposta de universalização, solidariedade democrática e justiça social para todos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº 9.394/96, nos artigos que tratam da Educação Básica (artigos 37 e 38), determina que todo cidadão, independentemente de cor, raça, credo ou nível social, tem direito à gratuidade da educação básica, quando oferecida pelo poder público, e adequação às características dos alunos, seus interesses, condições de vida e trabalho.

Os termos *analfabetismo* ou *analfabeto* logo são associados a um público específico: o adulto, pois dificilmente associamos o analfabetismo ou a imagem de analfabeto à uma criança.

Essa questão nos remete tanto à especificidade etária como à especificidade cultural, ou seja, tanto à concepção de corte por idade (jovens e adultos são, basicamente, “não crianças”) quanto ao fato de a maior parte das pessoas analfabetas pertencerem a um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneas (BARROS, 2012, p. 8).

Mesmo para as pessoas conscientes de que o analfabetismo é expressão de processos de exclusão sociocultural, que não afetam a competência intelectual ou o discernimento moral dos sujeitos,

a condição de analfabeto provoca sentimentos de frustração e incompletude, já que restringe a privacidade da comunicação e a autonomia para os deslocamentos territoriais, rebaixa o horizonte profissional aos trabalhos braçais mais pesados e impede os indivíduos de partilharem certas práticas culturais prazerosas e socialmente valorizadas, como a leitura de jornais, livros ou letreiros de cinema (GALVÃO e DI PIERRO, 2007, p. 26).

A alfabetização de adultos e pós-alfabetização implicam esforços no sentido de uma correta compreensão do que é a palavra escrita, a linguagem, as suas relações com o contexto de quem fala e de quem lê e escreve, compreensão, portanto, da relação entre “leitura” do mundo e leitura da palavra (FREIRE, 2001, p. 45).

Já as pessoas que não possuem a familiaridade com as letras, e que podem omitir a sua condição de analfabetos, por se sentirem constrangidos e/ou envergonhados, acabam recorrendo a “estratégias de dissimulação” (GALVÃO e DI PIERRO, 2007, p. 20-21), pois o que aparenta ser uma tarefa fácil para uma pessoa alfabetizada, para quem não possui essa habilidade, torna-se algo muito difícil e às vezes constrangedor. Ainda, percebemos que pessoas analfabetas são caracterizadas por outras pessoas e às vezes por si próprias como “indivíduo sem inteligência”, aquele que “não sabe nada”, assim, confunde-se a capacidade de saber ler e escrever com a função de pensar e refletir.

### **3.2 Analfabetismo Funcional**

Muitas das pessoas não alfabetizadas são oriundas de famílias com histórico de analfabetismo, em que as situações de leitura e escrita foram escassas. Colocando essa afirmação sob uma perspectiva histórica, nos anos 60 os contatos sociais centralizavam-se nas relações com a família e vizinhança, e as aprendizagens relacionadas ao trabalho eram desenvolvidas através de imitação e instruções verbais orais.

Algumas pessoas frequentavam a escola por períodos curtos, mas não desenvolviam uma aprendizagem significativa, sendo que a interrupção nos estudos e a ausência da utilidade

das habilidades adquiridas no ambiente escolar tiveram como consequência um retrocesso, surgindo assim os analfabetos funcionais.

Para tal afirmação, Ribeiro (2002, apud SOARES, 1995, p. 51) afirma que é considerada “alfabetizada funcional a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e de usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida”. Em todo o mundo, a modernização das sociedades, o desenvolvimento tecnológico, a ampliação da participação social e política colocam demandas cada vez maiores com relação às habilidades de leitura e escrita. A questão não é mais apenas saber se as pessoas conseguem ou não ler e escrever, mas também o que elas são capazes de fazer com essas habilidades ou com a falta delas.

Há quem considere a expressão *analfabetismo funcional* inadequada porque, “em uma sociedade grafocêntrica como esta em que vivemos, mesmo um conhecimento bastante rudimentar do sistema de escrita pode ser muito valioso e, portanto, *funcional* para quem o possui” (GALVÃO e DI PIERRO, 2007, p. 66). Para as autoras, por exemplo, ser capaz de escrever o próprio nome, substituindo a impressão digital pela assinatura em situações formais de identificação, tem enorme significação para os jovens e adultos que se encontram em processo de alfabetização, pois “simboliza o passaporte de acesso à cultura letrada dominante na sociedade” (GALVÃO e DI PIERRO, 2007, p. 66).

Dessa forma, levando-se em consideração que analfabeto funcional é a pessoa que tem domínio da leitura e da escrita, sendo caracterizado pela dificuldade de interpretar textos e contas matemáticas, não usaremos a questão do analfabetismo funcional neste trabalho porque os sujeitos de pesquisa desconhecem total ou parcialmente as letras do alfabeto.

### 3.3 Letramento

Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, “antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca” (FREIRE, 2001, p. 85-86).

Apesar de serem conceitos distintos, entendemos que *alfabetização* e *letramento* andam juntos a partir do início da trajetória escolar das pessoas, muito embora a leitura de mundo seja um processo em desenvolvimento anterior à etapa de alfabetização. Para Freire (2001, p. 29) “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra”, sendo assim, entende-se que o

letramento precede a alfabetização que, em sua maioria, acontece a partir do contato das pessoas com ambientes escolares. Conforme aponta Soares (1998, p. 47), “desde o início do processo de alfabetização nas trajetórias escolares, os estudantes são levados a desenvolverem o hábito da leitura e da escrita em diferentes contextos sociais”.

O ato de estudar, de caráter social e não apenas individual, se dá aí também, independentemente de estarem seus sujeitos conscientes disto ou não. No fundo, o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo, “é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem, mas sabem que sabem” (FREIRE, 2001, p. 74-75).

Para Silva (2011, p. 20), quando falamos em linguagem, o termo alfabetização é logo destacado, porém, “apenas decodificar palavras é insuficiente para a participação em práticas sociais que envolvem a língua escrita, é necessário algo mais: saber utilizar a leitura e a escrita de acordo com as exigências sociais”. Esse algo a mais é o que se vem designando letramento.

Diante disso, Soares (1998, p. 18) afirma que “ser letrado é o ‘estado’ ou a ‘condição’ que o indivíduo ou o grupo social passam a ter. Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou aprender”.

Considerando que pessoas analfabetas são as que não possuem a habilidade de decodificar palavras e pessoas letradas possuem uma habilidade desenvolvida no ambiente familiar e escolar que proporciona momentos de aprendizagem através da mediação e interpretação de histórias (FREIRE, 2001), neste trabalho, buscamos verificar a junção desses conceitos ao longo do processo de alfabetização, explorando a leitura de mundo dos sujeitos entrevistados pois, para Freire (2001, p. 85), “desde pequenos aprendemos a ler o mundo no qual vivemos”.

Para tanto, encontramos suporte teórico na teoria de Freire (2001) buscando refletir sobre a leitura de mundo e da palavra dos entrevistados, pois ninguém sabe tudo, tudo é adquirido e aprendido. Logo, para Freire (2001, p. 14), “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação dinâmica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. Com isso, entendemos que a leitura de mundo se dá a partir dos primeiros anos de vida, e que a leitura de palavra entra em nosso mundo posteriormente, quando passamos a frequentar ambientes escolares.

Complementando a teoria de Freire, no que se refere à leitura de mundo, Soares (1998) apresenta “os processos de letramento como integrantes de uma prática social”. As teorias se complementam quando relatam que a alfabetização e o letramento devem andar juntos, mesmo sendo processos distintos. Se, por um lado, o letramento é o conjunto de conhecimentos envolvidos com o uso da língua em práticas sociais, a alfabetização é apenas o ato de aprender a ler e a escrever.

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: “o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 1998, p. 18). Assim,

toda pessoa que utiliza a língua para produzir significados e agir no mundo por meio de gêneros utilizados na sociedade, não necessariamente em suas formas escritas, é considerada letrada, pois uma pessoa analfabeta pode ser letrada, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, já que faz uso da escrita, envolvendo-se em práticas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 1998, p. 24).

De fato, o termo letramento, “pode ter várias significações, dependendo do tipo de raciocínio que se desenvolva” (BRITTO, 2003, p. 11), pois

quando se fala em letramento de grupos, não se imagina que isto seja a somatória de competências ou habilidades singulares, mas sim formas de organização social, de intercâmbio e de produção de produtos, de circulação de cultura, de estabelecimento de valores e padrões de comportamento (BRITTO, 2003, p. 11).

Aqueles que priorizam, no fenômeno letramento, a sua dimensão social, argumentam que letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, “letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES, 1998, p. 72).

Letramento, estando diretamente relacionado com os modos de escolarização e aos processos de produção e difusão da cultura escrita, não deve ser tomado como específico da área da linguagem ou, no caso escolar, de Língua Portuguesa, nem ser um substituto do conceito de alfabetização. “O que está em questão é uma nova compreensão da própria noção de educação e de construção e de circulação do conhecimento na sociedade industrial de massa” (BRITTO, 2003, p. 13-14).

Uma última inferência que se pode fazer sobre o conceito de letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, em grande medida, letrado (atribuindo a este adjetivo o sentido vinculado ao termo letramento). Assim, um adulto

pode ser analfabeto, porque fora/é marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em *ouvir* a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se *dita* cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto pode ser considerado *letrado* porque faz uso da cultura escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 1998, p. 24).

Segundo informações levantadas pela Unesco (1978a, p. 1, apud SOARES, 1998, p. 73), uma pessoa é funcionalmente letrada quando pode participar de todas aquelas atividades nas quais “o letramento é necessário para o efetivo funcionamento de seu grupo e comunidade e, também, para capacitá-la a continuar usando a leitura, a escrita e o cálculo para seu desenvolvimento e o de sua comunidade”.

Há, assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser alfabetizado, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser letrado. Ou seja: a pessoa que aprende a ler e a escrever e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna letrada – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é alfabetizada, mas não é letrada, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita (SOARES, 1998, p. 36).

Letramento, portanto, não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; “é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES, 1998, p. 72). Se a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo, logo, aprender a ler e a escrever, “alfabetizar-se, é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade” (FREIRE, 2001, p. 14)

Desde o começo, na prática democrática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. “O comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador” (FREIRE, 2001, p. 41).

Aqueles que priorizam, no fenômeno letramento, a sua dimensão social, argumentam que ele não é um atributo unicamente ou essencialmente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática

social: “letramento é o que as pessoas *fazem* com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais”<sup>4</sup> (SOARES, 1998, p. 72).

Atualmente ainda percebemos um grande índice de analfabetos – principalmente entre pessoas mais velhas –, mas não de iletrados<sup>5</sup>, porque um indivíduo que não possui o domínio da leitura e escrita acaba se envolvendo com ambas através da mediação de uma pessoa alfabetizada. Logo, através dessas práticas, esses indivíduos desenvolvem uma série de conhecimentos, tornando-se pessoas letradas que possuem a sua leitura de mundo, mas não a da palavra escrita.

Percebe-se, assim, que não só na escola se aprende e se desenvolve a capacidade de ler e escrever, mas também no trabalho, na família, nas atividades culturais ou comunitárias, nas igrejas ou na interação com os meios de comunicação de massa (GALVÃO e DI PIERRO, 2007, p. 68-69) que se dão, em nossa sociedade, através de um cultura escrita. Sobre isso, há a “hipótese de que tornar-se letrado é também tornar-se cognitivamente diferente: a pessoa passa a ter uma forma de pensar diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta ou iletrada” (SOARES, 1998, p. 37). De acordo com a afirmação acima, a hipótese é que aprender a ler e a escrever e, além disso, fazer uso da leitura e da escrita, transformam o indivíduo, levam o indivíduo a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros (SOARES, 1998, p. 38).

### **3.4 Analfabetismo e Políticas Públicas**

Até a década de 40, o formulário do Censo definia o indivíduo como analfabeto ou alfabetizado perguntando-lhe se sabia assinar o nome: as condições culturais, sociais e políticas do país, até então, não exigiam muito mais que isso de grande parte da população. Naquela época, “as pessoas aprendiam a desenhar o nome para poder votar ou assinar um contrato de trabalho” (SOARES, 1998, p. 55).

No cenário político emergiram novos interesses, dentre eles a constatação da existência de um grande número de pessoas analfabetas, e “o combate ao analfabetismo passou a fazer parte dos programas de governo dali em diante” (KLEIN, 2000, p. 30). Em 2004, o IBGE

---

<sup>4</sup> Grifo da autora.

<sup>5</sup> Pessoa que não tem conhecimentos literários, que não é erudita; analfabeta, ou quase analfabeta (SOARES, 1998, p. 32).

apurou que cerca de 13,9 milhões de brasileiros viviam em condição de analfabetismo absoluto, sem saber ler ou escrever um bilhete simples, o que representa 11,4% dos mais de 120 milhões de pessoas que tinham 15 anos ou mais (GALVÃO e DI PIERRO, 2007, p. 56).

De 2003 a 2017, o MEC implementou o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), voltado para a educação de jovens e adultos. Esse programa foi desenvolvido em todo o território nacional, atendendo principalmente aos municípios que apresentavam uma alta taxa de analfabetismo, recebendo apoio técnico a fim de garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizando. O programa tinha como objetivo promover a superação do analfabetismo entre jovens, adultos e idosos, tendo em vista que a educação é um direito de todos. O PBA atendeu cerca de 14,7 milhões de jovens e adultos entre 2003 e 2012. Em 2012, cerca de 1 milhão e 200 mil alfabetizando foram atendidos<sup>6</sup>.

No município de Feliz/RS está implantado o NUMEJA, que oferece aulas presenciais nas terças-feiras, no turno da noite. Inicialmente, as aulas contaram com a presença de dois alunos que estavam em processo de alfabetização, e o programa já atendeu imigrantes haitianos. A princípio, as aulas iniciariam apenas com uma turma de, no mínimo, 8 alunos, porém isso não se concretizou. Logo, a prefeitura da cidade disponibilizou uma professora formada em Pedagogia para realizar as aulas, que são realizadas na biblioteca da EMEF Alfredo Spier.

---

<sup>6</sup> Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=19002](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19002) Acesso em: 23 jul. 2019.

## 4 METODOLOGIA

Os pressupostos teóricos apresentados embasaram a organização desta pesquisa, desde a determinação dos objetivos até a formulação do roteiro de entrevista e a análise das conversas transcritas. Para que se possa avaliar como os sujeitos entrevistados se sentem em um mundo majoritariamente alfabetizado, foi feito um estudo de caso com indivíduos não alfabetizados que residem na cidade de Feliz/RS. Através desta pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas, relatamos os aspectos relevantes destacados nas falas dos sujeitos entrevistados.

### 4.1 Busca por pessoas analfabetas

Encontrar pessoas analfabetas em um dos municípios mais alfabetizados do Brasil não foi uma tarefa trivial. Essa busca teve início quando surgiram as primeiras questões de pesquisa que norteiam este trabalho. Primeiramente, os sujeitos que fariam parte desta pesquisa seriam duas pessoas analfabetas com as quais a autora deste trabalho já fizera contato. Porém, com a finalidade de trazer mais vozes para este trabalho, mapeamos possibilidades para ampliar o número de sujeitos a serem entrevistados e nosso *corpus* de estudo.

Com a finalidade de ampliar o número de entrevistados, entramos em contato com o Secretário da Saúde de Feliz/RS. Conforme já mencionado no item 2.2, a divulgação do NUMEJA ocorreu entre as pessoas da cidade com a ajuda de funcionários dos Postos de Saúde. Dessa forma, entendemos que os/as agentes de saúde da cidade, tendo em vista suas atribuições de visitar mensalmente as casas dos moradores, de acompanhar as questões de vulnerabilidade, seriam de grande ajuda para fornecer pistas sobre pessoas analfabetas já que, nos cadastros da secretaria de saúde, uma série de informações sobre as pessoas atendidas são compiladas, desde dados sobre o seu nascimento até escolaridade.

De acordo com o Secretário da Saúde, esses dados de fato estão compilados em arquivos manuscritos, no entanto, esses manuscritos não podem ser disponibilizados, a fim de que a privacidade dos pacientes seja mantida; portanto, não fomos autorizadas a entrar em contato com os/as agentes de saúde nem a buscar pessoas analfabetas a partir dessa fonte.

Entramos em contato, a partir dessa negativa, com a Prefeitura da Cidade, para verificar se dados referentes à quantidade de pessoas analfabetas em Feliz/RS eram registrados com alguma regularidade pela prefeitura. Uma das Secretárias da Educação, por sua vez, informou-nos de que a única fonte de dados disponível é o último Censo do IBGE, realizado em 2010.

Entretanto, no decorrer de uma das disciplinas do curso, Estágio em Língua Portuguesa I, realizado na EMEF Alfredo Spier – que oferece o NUMEJA –, tive conhecimento de que havia dois alunos em processo de alfabetização. Ao conversar com a coordenação e direção da escola a respeito deste trabalho, ambas entrariam em contato com a professora dos sujeitos para ver se havia a possibilidade de incluí-los nesta pesquisa, assim, ampliando o número de sujeitos de 2 para 4.

#### *4.1.1 Sujeitos de Pesquisa*

Após a tentativa de aumento do número dos sujeitos de pesquisa, chegamos aos 4 entrevistados. Todas as pessoas que fazem parte deste trabalho tiveram suas identidades preservadas, para tanto, a elas foram atribuídos nomes fictícios. Primeiramente, foram selecionadas duas pessoas analfabetas com 62 e 64 anos, uma do sexo masculino e outra do sexo feminino, respectivamente. Um dos indivíduos sempre soube assinar seu nome e faz todas as atividades do dia a dia sozinho, já o outro precisa da ajuda de um de seus filhos para realizar quaisquer atividades fora do ambiente doméstico. Como os dois indivíduos possuem níveis de alfabetização e letramento diferentes, entendemos que suas declarações e vivências, justamente por serem contrastantes, seriam interessantes para a elaboração deste trabalho.

Primeiramente, entrei em contato com um dos indivíduos para falar sobre esta pesquisa, o qual, de imediato, se disponibilizou a responder às minhas perguntas. Durante a aplicação da entrevista piloto, o sujeito de pesquisa recebeu a visita de um amigo, o qual relatou-me que possuía dois irmãos analfabetos. O mesmo fez questão que eu o acompanhasse até a residência deles. Após uma longa conversa para saber se eles gostariam de fazer parte deste trabalho, obtive o não como resposta. Foi possível perceber que o medo e a insegurança tomaram conta das duas pessoas, pelo fato de não terem a habilidade de decodificar as palavras. Mesmo após a insistência do seu irmão e de suas esposas, ambos não queriam responder às minhas perguntas. Percebi que um deles havia ficado constrangido, e deixei meu contato para o caso de algum deles mudar de ideia. Porém, isso não aconteceu.

Devido ao posto de saúde não poder disponibilizar os dados de escolaridade das pessoas cadastradas, e a prefeitura não ter dados em seu sistema, tive que buscar ajuda de pessoas conhecidas para encontrar mais sujeitos de pesquisa, pois após a aplicação e a transcrição da entrevista piloto, fui até a residência da outra pessoa selecionada, porém a mesma não

encontrava-se bem de saúde, e mais adiante acabou falecendo. Assim, fiquei apenas com um sujeito de pesquisa.

No ambiente de trabalho, e em meio a conversas com amigos, tomei conhecimento de uma pessoa analfabeta. A pessoa que havia me passado essa informação ofereceu-se para ir conversar com a pessoa analfabeta para ver se essa aceitaria fazer parte desta pesquisa. A senhora, que até então não conhecia, se dispôs, de imediato, a responder aos meus questionamentos.

Em um momento posterior, durante a realização do estágio obrigatório em Língua Portuguesa I, em uma escola de Ensino Fundamental, fui apresentada a dois adultos em processo de alfabetização, que prontamente se disponibilizaram a fazer parte deste trabalho.

Primeiramente conversei com a coordenação e a direção da escola, e posteriormente com a professora. Todas me receberam muito bem e me autorizaram a conversar com os dois alunos. Combinei com a professora para que ela já adiantasse o assunto para os dois alunos e averiguasse se ambos aceitariam responder às minhas questões.

Na semana posterior a minha conversa com a professora, fui até a escola e ela, de imediato disse que eu poderia ir à escola qualquer dia (terças-feiras a noite) para falar com os alunos, pois ambos concordaram em fazer parte desta pesquisa.

#### **4.2 Sujeitos Entrevistados: perfil dos entrevistados**

Primeiramente, foi entrevistado o Sujeito A, com 62 anos, do sexo masculino. A entrevista sucedeu de maneira tranquila, porém o entrevistado ficou bastante emocionado com algumas perguntas. O Sujeito A relatou-me o quanto sua infância fora sofrida e, quando foi questionado sobre o interesse em aprender a ler e escrever, a resposta foi que sentia muita vontade e que isso seria muito bom, porém, relatou não se considerar capaz de aprender nada pelo fato de ser “velho”.

Em um momento posterior, foi realizada a entrevista com o Sujeito B, do sexo feminino e com 69 anos. Ela não teve a oportunidade de ingressar na escola, mas aprendeu a “assinar” o nome através da repetição, pois sua mãe havia escrito seu nome em um papel e ela, todas as noites, copiava-o, até que conseguiu desenhá-lo sozinha. A entrevistada relatou-me que desde pequena tinha que ajudar a mãe no serviço doméstico, cuidar das irmãs mais novas e, também, ajudar seu pai na lavoura. Durante a nossa conversa, contou-me que não tinha vontade de

aprender a ler, pois considera-se “burra” e muita “velha” para isso, da mesma maneira que o Sujeito A. Esses relatos corroboram o que ressalta Petró (2009, p. 93) quando diz que considera “comum encontrarmos pessoas analfabetas com o sentimento de que não conseguirão se alfabetizar, pois se consideram ‘velhos’ e vem com uma auto estima baixa”.

Quando questionados sobre a quantidade de irmãos que possuem, ambos se confundem. Fica claro que vieram de famílias numerosas, os dois com 11 irmãos. Eles relatam que, quando crianças tiveram que ajudar seus pais na lavoura, deixando a escola em segundo plano, confirmando o que Petró (2009, p. 90-91) ressalta quando diz que “o fato das pessoas oriundas do meio rural, pertencentes a famílias numerosas e muito pobres, gerou a necessidade de que todos trabalhassem desde muito cedo, o que fez com que não frequentassem ou abandonassem a escola antes mesmo de serem alfabetizados”.

Em seguida, foram entrevistados dois adultos que estão em processo de alfabetização. Ambos são mais novos que os dois primeiros entrevistados, um com 54 e outro com 46 anos. Primeiramente, foi entrevistado o Sujeito C, do sexo masculino, o qual relatou ser o mais novo em uma família de 9 filhos. Ele permaneceu por pouco tempo na escola (meses) pois seus pais não tinham condições de pagar pela educação de mais de um filho. Mais tarde, uma de suas irmãs tentou matriculá-lo em um escola fora da cidade, entretanto, nas duas tentativas realizadas foram informados de que a escola não possuía vagas, fazendo com que ele não retornasse aos estudos.

Logo após, iniciei a entrevista com o Sujeito D, do sexo feminino. Esse sujeito, por sua vez, vem de uma família pequena e bastante humilde. Ela relatou-me que permaneceu na escola por três anos, mas como tinha bastante dificuldade em aprender, por ter sido reprovada em algumas séries, seus pais resolveram tirá-la da escola para que ajudasse a mãe com serviços de limpeza nas residências da cidade. Assim sendo, o Sujeito D começou a trabalhar muito cedo em uma casa de família e, devido a isso, não pôde frequentar a escola.

As trajetórias de vida e configurações familiares dos quatro entrevistados são bastante parecidas e emocionantes. Apenas um deles (Sujeito B) não teve a oportunidade de ir à escola, já os demais frequentaram o ambiente escolar por pouco tempo. O Quadro 1 abaixo sintetiza as informações dos sujeitos que participaram desta pesquisa.

<b>Sujeito</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Cidade/Bairro</b>	<b>Escola</b>	<b>Alfabetizado ou não</b>	<b>Família</b>
Sujeito A	62 anos	Masculino	Matiel/Feliz	2ª série	Não	Numerosa
Sujeito B	69 anos	Feminino	Vale do Lobo	Não	Não	Numerosa
Sujeito C	54 anos	Masculino	Matiel/Feliz	3 meses	Alfabetizando	Numerosa
Sujeito D	46 anos	Feminino	Escadinhas	2ª série	Alfabetizanda	Pequena

**Quadro 1 Informações Básicas dos Sujeitos de Pesquisa.**

### 4.3 Termo de Consentimento de Pesquisa

Ao lidarmos com sujeitos analfabetos ou em processo de alfabetização, compreendemos que adaptações deveriam ser realizadas em nosso Termo de Consentimento de Pesquisa (ANEXO A). Como estávamos lidando com relatos e histórias de vida, elaboramos um termo de consentimento oral para autorização de uso das respostas dos entrevistados neste trabalho. Esse termo passou por adaptações lexicais (através da troca de palavras complexas para palavras simples) de modo que, quando fosse lido em voz alta, pudesse ser facilmente compreendido pelos sujeitos a serem entrevistados.

Pelo fato das pessoas entrevistadas não terem a capacidade de codificar e decodificar as palavras, o termo de pesquisa foi lido oralmente para todos, antes do início da entrevista. Um dos sujeitos que está em processo de alfabetização fez questão de ler o termo, mas teve dificuldades com o vocabulário empregado em um documento desse tipo. Sendo assim, o termo foi lido pela autora deste trabalho e, posteriormente, explicado parte a parte utilizando um vocabulário mais acessível.

Dessa forma, após a leitura e compreensão do termo, os sujeitos de pesquisa foram deixados à vontade para fazerem questionamentos e decidirem se desejavam ou não fazer parte da pesquisa. Todos questionaram sobre o que aconteceria caso não compreendessem alguma pergunta durante a entrevista, dessa forma, brevemente, falei sobre como seriam as perguntas e os informei que não havia necessidade de responder a todas.

Após tomadas as decisões sobre fazer parte da pesquisa, o termo foi lido novamente e gravado, com o auxílio de um aparelho celular, para obtenção das respostas dos entrevistados. A leitura do termo e o consentimento oral dos sujeitos entrevistados foram captados em gravações, presentes no APÊNDICE A.

Durante as entrevistas, a autora deste trabalho realizou anotações através de códigos para que não se perdessem dados como expressões faciais, falta de compreensão e sentimentos expressos de forma não verbal pelos entrevistados. Assim, quando as entrevistas foram transcritas, essas anotações foram registradas. O Quadro 2 abaixo representa os códigos utilizados e seus significados.

<b>Símbolo</b>	<b>Significado</b>
A	alegria
AF	afirma com a cabeça
C	confuso
CC	concorda com a cabeça
F	felicidade
L	lágrimas
LO	lágrimas nos olhos
MO	mexe os ombros
NC	nega com a cabeça
P	pensativo
R	risada
S	sorriso
AS	sorriso de alegria
SS	sorriso de satisfação
ST	suspiro de tristeza
SU	suspiro
T	tristeza
Z	silêncio

**Quadro 2 Códigos e seus significados.**

#### **4.4 Formulação do Roteiro de Entrevista**

Nosso roteiro de entrevista tem caráter semiestruturado e foi elaborado com a finalidade de compreender como se deu o processo de alfabetização e letramento dos sujeitos de pesquisa, bem como esses sujeitos se sentem com relação as suas condições de pessoas analfabetas na cidade de Feliz/RS. Primeiramente, foi elaborado um Roteiro de Entrevista Piloto (ANEXO B), atentando para o vocabulário de fácil compreensão. Em seguida, foi aplicada a Entrevista Piloto, com o Sujeito A, para verificar se seriam necessárias alterações em nosso roteiro. Durante a aplicação da entrevista, as perguntas do roteiro não seguiram a mesma ordem, pois foram feitas adaptações de acordo com o que cada entrevistado falava. As questões foram ordenadas das mais simples às mais complexas de serem respondidas.

Após a transcrição e breve análise da Entrevista Piloto, o questionário sofreu algumas alterações. Perguntas foram acrescentadas com o intuito de transformar a entrevista em uma

conversa mais agradável, pois alguns questionamentos deixaram o Sujeito A bastante emocionado, o que comprometeu em parte a continuidade da entrevista e a obtenção de informações consideradas importantes pela autora deste trabalho. A entrevista, tal como aplicada com os demais sujeitos de pesquisa, segue:

### Roteiro de Entrevista Final

Questão	Objetivos	Eixos
1. Qual seu nome? 2. Qual a sua idade? 3. Local de nascimento? 4. Você possui irmãos? (Se sim) Quantos? Todos frequentavam a escola?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer o sujeito de pesquisa e descobrir informações sobre sua identidade.</li> <li>• Identificar e estabelecer seu contexto familiar.</li> </ul>	Condição Pessoal e Familiar
5. Como era sua vida quando criança? Você ia para a escola? Trabalhava? 6. Se ia para a escola, ela era perto da sua casa? Como ia até lá? Até que série você estudou? Como era a educação nessa época? 7. Por que você não foi mais à escola? Quando você saiu da escola, você sabia ler e escrever? Com quantos anos você começou a trabalhar? E como era o seu trabalho? Exigia que você fosse alfabetizado? 8. Os seus pais frequentaram a escola quando jovens? Eles sabiam ler e escrever? E você, sabe ler e escrever? (Se não) Existe mais alguém da sua família que não sabe ler e escrever? (Se sim) Quantas pessoas? Qual a idade delas? Eles moram com você?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ativar as memórias de infância do sujeito, especialmente de suas memórias escolares.</li> <li>• Traçar o perfil escolar do sujeito.</li> <li>• Identificar motivos para a continuidade ou não dos estudos.</li> <li>• Descobrir a trajetória de alfabetização de pessoas da família do sujeito.</li> </ul>	Trajatória Escolar
9. Qual a importância que você atribui à educação? 10. Você pensa que algo teria sido diferente na sua vida se fosse alfabetizado? Por quê? 11. Você tem vontade de aprender a ler e escrever?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer a percepção do sujeito com relação à educação e à alfabetização.</li> <li>• Identificar a visão do sujeito com relação à vontade de aprender a ler e escrever.</li> </ul>	Percepções com Relação aos Estudos
12. Você encontra dificuldades no seu dia a dia por não saber ler e escrever? (Se sim) Que tipo de dificuldades? 13. Você vai ao supermercado? A lojas? (Se sim) Como você desenvolve essas atividades? Em casa ou até fora de casa, o que você pensa quando vê algo escrito? Como você se sente por não saber o que está escrito? 14. Quando você tem dúvida sobre alguma coisa ou quando algo lhe chama a atenção, você pergunta e pede ajuda a outra(s) pessoa(s)? Ou desiste e volta para casa? Você se sente mal com isso?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar as dificuldades enfrentadas no dia a dia devido à condição de analfabeto.</li> <li>• Mapear as estratégias utilizadas no dia a dia para contornar o analfabetismo.</li> <li>• Descobrir estratégias utilizadas para solucionar dúvidas.</li> </ul>	Dificuldades e Estratégias no Mundo Letrado

<p>15. Em algum momento você já se sentiu mal com alguma situação que ocorreu pelo fato de não saber ler e escrever? (Se sim) Como foi essa experiência?</p> <p>16. O que lhe vem à mente quando você ouve os seguintes termos: Pessoa analfabeta, Pessoa alfabetizada, Analfabetismo, Alfabetização, Seu futuro.</p> <p>17. Você acha que ainda existe um grande número de pessoas analfabetas? Por quê?</p> <p>18. Como as pessoas reagem quando você diz que é analfabeto(a)?</p> <p>19. Como é a vida de uma pessoa não alfabetizada? Quais as principais dificuldades vivenciadas por você, pelo fato de não saber ler e escrever? E como você enfrenta essas dificuldades?</p> <p>20. Você acha que a alfabetização poderia trazer mudanças para sua vida? (Se sim) Que tipo de mudanças?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ativar as memórias do sujeito com relação ao fato de não saber ler e escrever.</li> <li>• Descobrir quando e sobre o que o sujeito pensa quanto ao tema do analfabetismo.</li> <li>• Reconhecer como uma pessoa analfabeta convive com a comunidade a sua volta.</li> </ul>	<p>Percepções sobre Ser Analfabeto</p>
---	--	--

#### *4.4.1 Realização da Entrevista Piloto*

A Entrevista Piloto foi realizada com o Sujeito A, com quem a autora possuía contato prévio. A Entrevista ocorreu de maneira tranquila, mas o entrevistado ficou bastante sensibilizado com alguns questionamentos. O Sujeito A se emocionou ao relembrar momentos de sua infância, como também o fato de não saber ler, além de tratar bastante de momentos constrangedores que passou ao longo da vida. Relatou, inúmeras vezes, que não se sente capaz de aprender a ler e escrever, devido a sua idade.

Ao término da entrevista, o Sujeito A recebeu a visita de um amigo, o qual apresentou-me dois irmãos analfabetos. Fui convidada a visitar os dois, mas ambos sentiram-se pressionados e com medo da pesquisadora, acreditando que ela poderia fazer algum “mal” a eles. Mesmo após explicar o que de fato seria questionado, e após a leitura do questionário ser realizada por suas esposas, ambos decidiram não fazer parte desta pesquisa.

A partir dos percalços enfrentados na aplicação da Entrevista Piloto, retomamos o Roteiro de Entrevista e fizemos alterações. As alterações são acréscimos e deslocamentos de perguntas, pensando na continuidade da conversa com os sujeitos a serem entrevistados e na obtenção de respostas mais completas para questões que desejávamos abordar neste trabalho.

#### *4.4.2 Reformulação do Roteiro de Entrevista*

O Roteiro de Entrevista (ANEXO C) foi modificado após a aplicação da Entrevista Piloto, pois ficou nítida a tristeza do primeiro entrevistado perante algumas perguntas. Foram acrescentadas perguntas relacionadas ao dia a dia dos Sujeitos não alfabetizados, tais como:

- O que você costuma fazer no seu dia a dia para saber das notícias?
- Você se interessa pelas notícias da cidade e do Brasil?
- Você trabalha? O que você gosta de fazer quando não está trabalhando?
- Você costuma passear pela cidade? Quais são seus lugares preferidos?
- Você sente dificuldades por não saber ler e escrever?
- Você gostaria de aprender a ler e escrever?
- Você já ouviu falar sobre o NUMEJA da cidade?
- Conhece alguém que está se alfabetizando?

Já para os Sujeitos que estão em processo de alfabetização, foram acrescentadas as seguintes perguntas:

- Depois que começou a frequentar as aulas de alfabetização, houve mudanças na sua vida, no seu cotidiano?
- Você acha que muda alguma coisa quando a gente sabe ler e escrever?

A partir da inserção dessas perguntas, as entrevistas acabaram tornando-se um diálogo mais agradável e amigável, apesar de haver momentos em que era perceptível o sentimento de tristeza, principalmente quando uma das entrevistadas, que está em processo de alfabetização, diz “Parece que as pessoas olham pra gente com mais carinho”, quando foi questionada se alguma coisa mudou desde que está em processo de alfabetização, relatando que muitas vezes foi prejudicada, em lojas da cidade, por exemplo, por não ter a habilidade de decodificar palavras.

#### **4.5 Entrevistas: datas e dados básicos**

A primeira entrevista foi realizada no dia 09 de março de 2019, na residência do Sujeito A. Como já mencionado anteriormente, a autora deste trabalho já possuía contato com o Sujeito, portanto, o entrevistado parecia estar bem calmo ao receber a pesquisadora. A conversa durou 17 minutos e 24 segundos, porém, após o gravador ser desligado, o mesmo declarou que estava bastante nervoso, apesar do aparelho celular ter sido colocado em um local não visível para ele.

A segunda entrevista também aconteceu na residência do Sujeito B, contudo, a pesquisadora foi até a sua residência duas vezes. A primeira visita foi realizada com o intuito de nos apresentarmos, pois até então não nos conhecíamos, e também para que o dia da entrevista fosse marcado. A entrevista ocorreu em 01 de junho de 2019. O aparelho celular foi deixado em um lugar próximo, porém não muito visível, para que a entrevistada não se sentisse incomodada/intimidada. A conversa durou 26 minutos e 13 segundos, em que, mais uma vez, obteve-se conhecimento de uma história de vida emocionante.

A terceira e a quarta entrevistas aconteceram na escola EMEF Alfredo Spier, que sedia o NUMEJA. Primeiramente, conforme já mencionado, conversei com a professora para que ela comentasse com seus alunos sobre o assunto da pesquisa, a fim de saber se aceitariam fazer parte dela. Ambos sujeitos concordaram em fazer parte da pesquisa, pois gostam de partilhar suas histórias de vida.

Na semana seguinte, a pesquisadora deslocou-se até a escola para se apresentar aos sujeitos de pesquisa e explicar como seria a entrevista. A escolha do dia 18 de junho foi

combinada, juntamente com a professora, para que as entrevistas fossem realizadas. Enquanto uma entrevista estava sendo realizada, o outro aluno assistia à aula normalmente.

A primeira entrevista, com o Sujeito C, durou 26 minutos e 28 segundos, e a segunda, com o Sujeito D, durou mais tempo, 39 minutos e 53 segundos. Ao finalizarmos as entrevistas, elaboramos o Quadro 3 a seguir, com a finalidade de visualizarmos locais e tempos de entrevista com cada Sujeito de Pesquisa.

<b>Sujeito</b>	<b>Local</b>	<b>Tempo</b>
Sujeito A	Casa	17 minutos
Sujeito B	Casa	26 minutos
Sujeito C	Escola	26 minutos
Sujeito D	Escola	39 minutos

**Quadro 3 Sujeitos, locais e tempos de entrevista.**

Cabe, aqui, fazer uma nota com relação ao término das entrevistas na sede do Numeja. A pesquisadora foi até a biblioteca agradecer à professora e aos seus dois alunos, que se disponibilizaram a responder suas perguntas e, ao entrar na sala, percebeu que o espaço contava com mais uma pessoa. Tratava-se de um aluno novo, bastante jovem, com aproximadamente 30 anos. Era o seu primeiro dia de aula e parecia bastante interessado em aprender. A ideia deste trabalho foi comentada com ele, mas ele não se sentiu à vontade em responder às perguntas, sendo perceptível o seu incômodo com a minha presença. Assim, antes de ir embora, a pesquisadora deixou seu contato com a professora caso o aluno mudasse de ideia.

Algum tempo depois, a pesquisadora encontrou-se com a professora e ela relatou que o aluno novo não estava mais participando das aulas, não tendo mais retornado à escola, concluindo-se, então, que ele havia desistido de se alfabetizar. Tornou-se visível que a professora havia ficado entristecida com o fato, mas disse já estar acostumada com essas situações.

#### **4.6 Transcrição das Entrevistas**

A transcrição das entrevistas foi feita manualmente, portanto, não foi utilizado nenhum tipo de *software* para auxiliar o trabalho de transcrição. Inicialmente, foram feitas pesquisas a fim de encontrar *softwares* que auxiliassem no processo de transcrição das entrevistas, porém, dos programas instalados e testados, nenhum mostrou-se produtivo devido ao dialeto e sotaque alemão presentes na fala dos Sujeitos de Pesquisa.

Alguns entrevistados, por se sentirem mais à vontade em falar o alemão, pronunciaram algumas frases nessa língua durante as entrevistas. Essas foram traduzidas para a Língua

Portuguesa pela autora deste trabalho. A transcrição das entrevistas seguiu fielmente o que e como os entrevistados relataram, o que resulta, nas transcrições, em palavras que estão fora da norma padrão. Houve cuidado e atenção especiais durante a transcrição, a fim de preservar os falares e as identidades culturais e linguísticas dos sujeitos de nossa pesquisa.

A transcrição não foi feita logo após as entrevistas serem realizadas. Por se tratar de um processo trabalhoso, as transcrições foram sendo realizadas aos poucos. Dessa forma, houve um distanciamento temporal e emocional da pesquisadora das entrevistas e sujeitos entrevistados. Durante as entrevistas, além do registro nas gravações, muitos momentos não aparentes na fala dos entrevistados, de tristeza e de alegria, ficaram evidentes no encontro presencial. Em função disso, a pesquisadora tomou notas para que fosse possível registrar esses momentos. As notas foram tomadas em folhas durante as entrevistas, usando palavras-chave e códigos de acordo com o sentimento que os entrevistados transmitiam, conforme vimos no Quadro 2. Dessa maneira, no momento das transcrições das gravações, também foi possível fazer a anotação de algumas das emoções captadas durante as entrevistas.

## 5 ENTREVISTAS E ANÁLISE

Neste capítulo, articulamos o referencial teórico do trabalho às entrevistas realizadas com os sujeitos de pesquisa. Primeiro, apresentamos as entrevistas realizadas com cada um dos sujeitos, remontando às suas falas no item 5.1. Nesse item são trazidos trechos considerados por nós importantes para a compreensão dos contextos nos quais os sujeitos estão inseridos, para perceber suas visões com relação ao analfabetismo e para compreender suas expectativas referentes ao estudo. Também nesse item apresentamos nossas impressões, registradas no momento da entrevista, e colocações em destaque que apontam para o modo como esses sujeitos lidam com situações em que a cultura letrada se apresenta como condicionante para exercerem suas cidadanias.

Após a descrição das entrevistas, no item 5.2, apresentamos a análise realizada a partir dos eixos que fazem parte da entrevista e que se relacionam com nosso referencial teórico, agrupando as falas dos sujeitos com relação: à **Condição Pessoal e Familiar**, à **Trajatória Escolar**, às **Percepções com Relação aos Estudos**, às **Dificuldades e Estratégias no Mundo Letrado**, às **Percepções sobre Ser Analfabeto**. Nesse item, retomamos os conceitos de alfabetização e letramento.

Nos tópicos subsequentes encontramos situações de vida individuais, porém bastante semelhantes. Trazemos as dificuldades enfrentadas por cada um dos sujeitos entrevistados, o sentimento de incapacidade e de vergonha vivenciados por eles, como também histórias de superação e estratégias de socialização em uma sociedade alfabetizada.

### 5.1 Sujeitos e entrevistas

#### 5.1.1 *Sujeito A*

Conforme relata o Sujeito A, desde pequeno precisou ajudar os pais “porque o meu pai disse assim, para mim ir na roça trabalhar. Trabalhar com ele”. Assim, o entrevistado deixava de ir à escola por ter de ajudar na lavoura e também por ter medo da professora: “eu tava com medo. A professora era muito brava. Ela bateu a régua na mão, ainda. A régua na mão. Aí eu fiquei com mais medo de ir na escola”. Percebe-se que o medo que ele criou da professora contribuiu para o fato de ter deixado de ir à escola, pois, como ele mesmo relata, sempre que retornava à escola, após um dia de trabalho com seu pai, recebia castigos da professora. O

sentimento de tristeza predomina quando fala sobre os castigos e o medo que adquiriu da professora.

Ao contrário de seus irmãos, o Sujeito A começou a trabalhar em empresas muito cedo, “quando tinha 12 aninhos eu fui na olaria”. Devido ao pouco tempo de estudo, o entrevistado apenas sabe “escrever” seu nome, diferentemente de seus irmãos, que permaneceram na escola por mais tempo. Ao relatar que seus irmãos sabem ler e escrever, o mesmo demonstrou tristeza durante sua fala.

Quando questionado se acha importante saber ler e escrever, ele diz, com um semblante triste: “pra mim seria muito bom, se podia escrevê. Lê e escrevê. Seria muito bom. Só que não consigo”. Ao relatar, com muita firmeza, que gostaria de aprender, o entrevistado diz que não consegue, e se emociona ao proferir que tem “cabeça fraca”. Ele acredita fielmente que, devido a sua idade, não possui condições de aprender, afirmando, algumas vezes: “TENHO CERTEZA que não vô conseguí”. Em seguida, ele permanece um tempo em silêncio e, com expressão triste, diz: “antigamente era... Todo mundo tinha que trabalhá, né? De vez de ir na escola, todo mundo tinha que trabalhar na roça” e, finaliza, com lágrimas, “daí ficou analfabetos”.

Constata-se que o entrevistado sente-se muito incomodado com sua condição de analfabeto, além de acreditar que, devido a sua idade, é incapaz de mudar essa condição. Destaca que existem mais pessoas nessa condição pelo fato de não terem frequentado a escola quando criança, pois era comum ver crianças ajudando os pais na lavoura.

No decorrer da entrevista, perguntei se, quando ele tinha dúvidas, ele fazia pergunta para as pessoas. Ele afirma que sim, porém, não fala às pessoas que é analfabeto, relatando que “eu me senti mal que não sabia lê e escrevê, né? Aí me senti meio mal, porque passei vergonha”. Questionado por que sente vergonha pela condição de analfabeto, tenta explicar, mas não consegue: “porque não sabê lê e escreve, é...”.

Devido às suas emoções, ficou perceptível que o Sujeito A se incomoda bastante com a sua condição de analfabeto, pois durante toda a conversa demonstrou tristeza, dizendo que seria muito bom ter aprendido a ler e escrever. Quando fala sobre seus empregos, ele se confunde um pouco, mas diz que em todas as empresas onde trabalhou, as pessoas o ajudavam com as atividades que exigiam leitura e/ou escrita.

### *5.1.2 Sujeito B*

Durante a conversa, o Sujeito B relatou ser de família grande, sendo no total 11 irmãos, e que alguns foram à escola e outros não. Ela, por sua vez, “não foi na escola. Nenhuma vez. Escola era longe. Não tinha ônibus, não tinha. Não tinha condições”, e sempre teve que ajudar os pais na lavoura e a mãe a cuidar das irmãs mais novas. Percebe-se que seu semblante muda ao dizer que não pôde ir à escola mas, com o intuito de disfarçar a tristeza, ela diz “fazê o quê?”, e dá risada.

Quando pergunto se ela tem vontade de aprender a ler e a escrever, ela diz que se sente “velha” para tal atividade, que de agora em diante isso não mudaria sua vida. Mas, quando pergunto se ela acha que algo iria mudar em sua vida se fosse alfabetizada, ela concorda, dizendo “Ahh... Ia mudar muito diferente coisa”.

Durante essa conversa, o Sujeito B diz que se fosse alfabetizada, quando mais jovem, poderia ter trabalhado em empresas, mas como não possuía essa habilidade, sua única ocupação foi a lavoura: “sempre na roça, não tinha estudo”.

Ao contar sobre quando veio morar na cidade de Feliz/RS, o Sujeito B diz que trabalhou como costureira, o que a deixou muito feliz, pois gostava de costurar. Mas como não tinha conhecimentos suficientes, retornou ao trabalho na lavoura. E, algum tempo depois de casada, seu marido abriu um bar, onde aprendeu a fazer alguns cálculos matemáticos mais simples.

Com um sorriso no rosto, a entrevistada relata que faz tudo sozinha no seu dia a dia, sem precisar da ajuda de ninguém: “Siiiiim! Eu vô por tudo! Ihh... Isso não tem problema”. Ela demonstra alegria em dizer que não precisa pedir ajuda, que não é dependente de ninguém, pois faz as suas compras e paga suas contas sozinha.

Mesmo sendo aposentada, a entrevistada ainda trabalha na lavoura juntamente com seu marido e uma de suas filhas, pois não gosta de ficar em casa sem fazer nada. Acrescenta que assiste TV apenas à noite, e que gosta muito de assistir novelas.

Sorridente, ao relatar que vai até o centro da cidade, diz que faz tudo sozinha, desde sacar a sua aposentadoria até fazer compras, mas que quando tem dúvidas “eu sempre chamo”. Ela conta que sempre conseguiu sacar seu salário no banco sem a ajuda de ninguém, porém, desde que o sistema dos caixas eletrônicos sofreram alterações, precisa de ajuda. Diz que muitas vezes tem que esperar a ajuda de alguém, mas que não se importa. Porém, ao ser questionada se pede ajuda quando tem alguma dúvida nos estabelecimentos comerciais, ela diz, com uma expressão triste: “Não, eu fico quéta e vô embora. Porque eu tenho vergonha”.

Quando pergunto o que ela pensa quando ouve a expressão “pessoa analfabeta”, sua resposta é bastante triste: “Iah... Acho a mesma coisa como eu tô... Fazê o quê?! Mais um burro!”. Ao proferir essas palavras, percebo que ela tenta mascarar a tristeza que sente ao dar risada, como se não se importasse com essa condição, pois logo em seguida diz “Eu gostava de ir pra escola! É verdade...”, querendo dizer que gostaria de ter ido à escola. A entrevistada carrega consigo o peso que a sociedade impõe sobre a condição de analfabeta, considera-se burra, incapaz, mas suas atitudes no dia a dia demonstram o contrário: que apesar da falta de conhecimento do alfabeto, ela tem um vasto conhecimento de mundo.

Aproveitando a oportunidade, a questiono se gostaria de aprender a ler e a escrever e ela diz que não, pois quando precisa ligar para alguém, ela consegue. Nesse momento da conversa, ela levanta e busca um caderninho e mostra um celular; ambos estão em sua bolsa; ela informa que nesse caderninho estão os telefones das pessoas com quem ela mais tem contato.

Nesse momento, penso em maneiras de como ela poderia ter feito essas anotações, visto que não possuía a habilidade de decodificar e codificar palavras. Quando ela abriu o caderninho e o mostrou com entusiasmo, fiquei bastante surpresa com o que vi. Primeiramente, com sua reação e, posteriormente, com sua criatividade. A entrevistada conta que não conhece as letras, mas os números sim, pois quando ela e seu marido possuíam um bar em casa, ele a ensinou a fazer contas, apesar de serem contas simples.

Então, ela mostra o primeiro número de telefone, juntamente com um desenho. A entrevistada explica: “Esse aqui é o telefone do meu marido! Ele sempre tá de chapéu”, conforme podemos ver na imagem a seguir:



**Figura 1 Desenho elaborado por Sujeito B.**

Logo após, ela mostra a imagem de uma de suas filhas, dizendo “Essa é minha filha, com as duas filhas dela!”.



**Figura 2 Desenho elaborado por Sujeito B.**

Posteriormente, ela traz a imagem de outra filha, dizendo: “Ela gosta de cerveja!”. Fiquei surpresa com a criatividade da entrevistada, pois nunca havia cogitado a hipótese de que alguém que não sabe ler conseguisse realizar ligações sem ter os números dos telefones memorizados.



**Figura 3 Desenho elaborado por Sujeito B.**

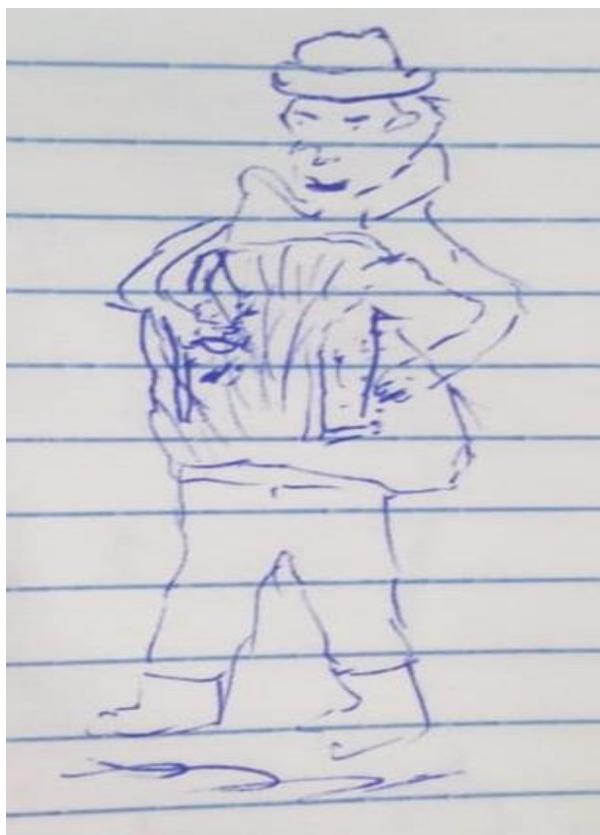
Percebe-se que cada desenho possui uma característica da pessoa ou algo de que essa pessoa gosta. Essa foi a maneira que a entrevistada encontrou para conseguir telefonar para as pessoas mais próximas sem precisar pedir ajuda, a fim de tornar-se independente.

Em seguida, ela mostra a imagem de um homem com um peixe em cada mão, dizendo: “Esse é o telefone do meu cunhado! Ele gosta de peixe, daí desenhei os peixe!”.



**Figura 4 Desenho elaborado por Sujeito B.**

Logo em seguida, ela mostra mais um desenho e diz: “Esse é meu irmão... Ele toca gaita... Daí desenhei a gaita! Assim sei que é ele!”.



**Figura 5 Desenho elaborado por Sujeito B.**

Imediatamente depois, ela mostra o desenho de uma mulher com uma tesoura na mão, e diz: “É a que corta meu cabelo, desenhei uma tesoura! Assim eu marquei tudo!”.



**Figura 6 Desenho elaborado por Sujeito B.**

Conforme podemos perceber, em todas imagens ela usa objetos para descrever características das pessoas, a fim de identificá-las e relacioná-las aos seus números de telefone. São pessoas com as quais ela tem mais contato, portanto, para não precisar solicitar a ajuda de alguém, ela encontrou uma maneira de “se virar”.

Após mostrar e explicar o seu caderninho, pergunto se ela comenta com as pessoas que não sabe ler, e ela diz: “Não, não! Eu falo! Eu não tenho vergonha na minha cara pra dizê, eu não sô culpado”. Quando digo que ela não tem culpa dessa condição, ela a remete a seus pais: “Pai e mãe são culpado”. Ela os culpa por não terem dado a ela a oportunidade de ir à escola.

Ela então diz: “Eu só sei assiná meu nome por causa da minha mãe, porque eu ia casar...”. Ela conta que aprendeu a “assinar” seu nome porque sua mãe lhe disse que, para casar, ela precisava saber escrever seu nome, e a partir de então, sua mãe escreveu o nome dela em um pedaço de papel e ela, todas as noites, copiava da mesma maneira, até que aprendeu a “desenhar” sua “assinatura”.

Quando a questiono se a alfabetização poderia mudar sua vida ela diz que, atualmente, do jeito que está, está bom, mas que antigamente fazia falta, pelo fato de não conseguir trabalhar em empresas.

### 5.1.3 *Sujeito C*

Antes de iniciar a conversa com um dos sujeitos que está em processo de alfabetização, entreguei-lhe a folha do termo de consentimento de pesquisa. Ele o leu em silêncio e perguntou-me o que aquelas palavras queriam dizer. Expliquei-lhe que era um termo de consentimento, e que ele deveria dizer se me autorizava ou não a usar suas respostas neste trabalho. Nesse momento, ele logo concordou e demos início a nossa entrevista.

Conforme os outros entrevistados, o Sujeito C também vem de uma família numerosa, sendo entre 8 irmãos no total. Ele, por sua vez, é o filho mais novo, tendo 18 anos de diferença do irmão mais velho que, segundo ele, também não sabe ler e escrever. Quando fala sobre como era sua infância, diz com tristeza: “Nós trabalhava na roça e ia pra escola... E eu fui uns três mês, por aí. Daí eu fui mandado pra casa porque a mãe e o pai não tinha mais dinheiro pra pagá a escola”.

Vindo de uma família humilde, o Sujeito C teve que sair da escola para ajudar seus pais no trabalho da lavoura. E, com tristeza, diz: “Aquele tempo nós trabalhava na roça né. Não tinha, nem bicicleta nós tinha... Pobre, nada pra comê”; “Só na roça, só em casa, na roça... Era de manhã até de noite... Que não tinha outra coisa, né?!”. As condições de pobreza são os fatores principais para a causa do seu analfabetismo, pois devido à falta de condições, os pais obrigavam os filhos a os auxiliarem no trabalho da lavoura ou a procurar empregos em troca de dinheiro.

Segundo o Sujeito C, nenhum dos seus irmãos terminou o Ensino Fundamental, com exceção de um, que ele considera “bom de estudo”, pois os pais tinham condições de pagar a escola apenas para um dos filhos. Dessa forma, ele foi um dos filhos que teve que deixar de ir à escola para ir trabalhar.

O Sujeito C relata que, quando mais velho, foi em busca de aprendizagem, pois sempre teve vontade de aprender a ler e escrever, “mas nunca dava tempo, tanto serviço”. O entrevistado diz que foi buscar ajuda até em escolas de municípios vizinhos, quando o NUMEJA da cidade Feliz/RS não tinha alunos suficientes. Com um sorriso no rosto, ele diz:

“Quando tu quer uma coisa, sabe? Tu insiste, insiste, insiste” e, emocionado, diz que vem a todas as aulas.

Quando questionado sobre como reagia quando não sabia o que estava escrito, o Sujeito C diz que sempre “dava um jeito de entender”, mas quando não conseguia, perguntava para alguém, e que todos sempre o ajudavam, pois diz ter problemas de visão. O entrevistado diz, então, que não gostava de falar que era analfabeto: “Eu tenho vergonha de falá que não sei lê, né?!”. Percebe-se que, por algumas vezes durante a entrevista, o Sujeito C usa o fato de ter problemas de visão para mascarar a sua condição de analfabeto.

Quando questionado se gosta de assistir TV ou ler notícias, o entrevistado diz que assiste ao jornal todas as noites e que, se pudesse, assistiria televisão o dia inteiro.

Pergunto como está sendo o seu aprendizado na escola, se ele já aprendeu bastante coisa desde que iniciou o processo de alfabetização, e ele, com um sorriso no rosto, diz: “Já! Já aprendi bastante!” e diz que, algum tempo atrás, quando ainda trabalhava, ia na casa de uma professora que morava perto da sua casa para ter aulas, mas que infelizmente não pôde dar continuidade devido ao seu trabalho, pois não tinha horário fixo e precisava de tempo para descansar.

O Sujeito C então diz que ganhou um livro de caça-palavras dessa professora, e que desde então vem aprendendo palavras novas com ele, que fica até tarde da noite realizando as atividades. Percebe-se que sua vontade de aprender o motiva ainda mais a adquirir novos conhecimentos.

Quando questionado se acha que sua vida teria sido diferente se ele soubesse ler e escrever, o Sujeito C diz: “Eu acho que ia se diferente! Que daí eu não taria aqui, né!”. E, com um sorriso no rosto, diz acreditar que poderia ter realizado o seu sonho de ser caminhoneiro e estar viajando.

Com alegria, ele diz que, desde que retomou os estudos, sua vida mudou, que está realizando mais leituras, e que antes não tinha oportunidade de estudar devido ao seu emprego não ter horário fixo.

Em um momento da entrevista, ele diz que ainda se considera analfabeto, mas acha que todos que têm essa condição deveriam buscar ajuda, ressaltando que ficou muito feliz quando ligaram da escola dizendo que havia sido disponibilizado um professor para alfabetizá-lo. O entrevistado sempre teve interesse em aprender a ler e escrever pois, como relata durante a

entrevista, caso não abrissem vagas no NUMEJA da cidade, ele iria para um município vizinho para se alfabetizar.

O Sujeito C acredita que aprender a ler e escrever desde pequeno torna o processo mais fácil e rápido porque “Daí a cabeça ajuda mais, acho!”, mas que mesmo indo à escola um vez por semana, ele tenta realizar todas as atividades que ganha da professora como tema de casa.

Ao ser questionado sobre o que pensa sobre alfabetização, ele diz: “Ahh... Isso é bom, né?! O que eu vou pensar? Coisa boa, porque todos precisam, né?!”, pois acredita que ser alfabetizado, nos dias de hoje, é indispensável.

Quando pergunto sobre o seu futuro, o entrevistado frisa, com um sorriso de alegria, que agora ele consegue ler um livro, um jornal, pois desde que iniciou o processo de alfabetização, tudo ficou mais fácil. Mas que quando não sabia ler, “É ruim, mas se leva também! A gente vive também! Que a vida é uma só, né?! A gente vive também! Só que a gente não sabe lê nem escrevê, né!!”.

#### *5.1.4 Sujeito D*

Antes de iniciarmos a entrevista, eu pergunto à entrevistada se ela gostaria de ler o termo de consentimento. Ao contrário do Sujeito C, ela diz que não porque iria demorar bastante. Então, leio o termo de consentimento e verifico, por meio de perguntas, se a entrevistada compreendeu tudo.

Iniciamos a entrevista e ela conta ter vindo de uma família pequena. Com tristeza, diz que apenas ela não havia permanecido na escola, pois como tinha muita dificuldade, seus pais decidiram tirá-la da escola para que a mãe a levasse consigo com o intuito de auxiliar nas faxinas que fazia na cidade. Com um olhar triste, ela diz: “Os meus irmãos, todos eles sabem lê, todos eles sabem escrevê. Só eu que não”; “A única coisa que eu aprendi a fazê no colégio foi escrevê meu nome”.

A entrevistada conta que, no intervalo das aulas, ia até a cozinha da escola para ajudar as merendeiras: “É. Daí elas faziam assim, elas me davam merenda, porque eu não levava merenda. Nós tinha merenda, sabe? (referindo-se à escola) Daí pelo menos tinha merenda pra comê, né?”. Apesar de gostar de ajudar as merendeiras, nota-se que ela o fazia também em troca de comida, pois em casa as condições eram precárias. Então, a partir dos 9 anos, após ter sido reprovada mais uma vez na 2ª série, seus pais decidiram tirá-la da escola.

Segundo a entrevistada, a partir dos 13 anos começou a trabalhar em uma casa de família como babá e lá permaneceu por 14 anos, indo apenas no último final de semana de cada mês para casa, para levar o dinheiro que ganhava para seus pais: “Eu trabalhei mesmo pra ajudá meus pais, de babá”. Diz que aprendeu muito com sua patroa, e que hoje tudo que sabe deve a ela. Antes disso, ela ajudava a mãe com o serviço doméstico nas casas em que ela trabalhava.

Quando o Sujeito D se mudou para a cidade de Feliz/RS, ao ser contratada como doméstica em uma residência da cidade, ela de imediato disse a sua patroa que não sabia ler e escrever. A patroa, por ser professora, a estimulou a retomar os estudos, mas como ela mesma disse sorridente: “Eu que quis!”.

Cerca de 13 anos atrás, a entrevistada havia iniciado o processo de alfabetização na mesma escola, mas foi obrigada a abandonar os estudos quando engravidou do seu segundo filho, pois como as aulas eram à noite, ela não tinha com quem deixar os dois filhos.

Após 9 anos do nascimento de seu segundo filho, ela retornou aos estudos, e relata que o que de fato a fez retornar à escola foram seus filhos, pois eles lhe solicitavam ajuda na realização dos temas escolares: “Porque eles pede as coisa pra mim, porque o pai deles não tem paciência. Aí eles pede as coisa pra mim: Aí eu resolvi voltá, pra mim ajudá os meus filhos”, e, com tristeza, diz que não conseguia ajudar. Durante a entrevista, ela também conta que outro motivo a trouxe de volta aos estudos: o sonho de conseguir a carteira de habilitação. “Eu voltei porque eu quero tirá a carteira”.

Ao ser questionada se pedia ajuda às pessoas quando tinha alguma dúvida, ela disse que quando ia ao mercado, por exemplo, “levava um papel escrito e pedia pra guria do mercado. Daí ela separava as coisas”. A entrevistada relata nunca ter se importado em pedir ajuda, principalmente quando precisava de auxílio para pegar um ônibus, pois não sabia qual era o horário, como também em qual ônibus deveria embarcar.

No momento em que perguntei como estavam sendo as aulas, ela abriu um sorriso largo e disse: “Aiii... Ótimo! Ótimo! Maravilhoso... Porque agora eu tô lendo!”; “Agora é uma beleza! Sim! Sim, tô bem feliz!”; “E daí EU vô no mercado sozinha, com o papelzinho! Não preciso mais pedir pra ninguém. Eu vô!”. Ela se sente muito orgulhosa por não precisar mais pedir ajuda a ninguém, por ter se tornado ainda mais independente.

A entrevistada conta que muitas vezes passou por situações constrangedoras, dando o exemplo de idas ao banco e também ao correio da cidade, quando não sabia que deveria pegar

senha para ser atendida: “Eu ficava lá, sentada, esperando”. Ao falar das dificuldades, ela diz que é muito triste não saber ler, que não sentia vergonha da sua condição de analfabeta, mas “Muitas vezes eu chorava”, pois diz que algumas pessoas se aproveitaram da sua condição de analfabeta. E diz ser muito triste tentar ler alguma coisa e não conseguir: “É triste! Tu pega, assim, e as coisa tá escrita ali, e tu não conségui juntá as letra pra lê...”.

Quando pergunto o que ela sente quando ouve “pessoa alfabetizada”, ela dá um sorriso e diz: “Aiii.. Tu fica feliz, assim... Felicidade, eu acho. Tô feliz! Foi o que eu senti quando eu fui no mercado! O que eu senti, na semana passada, quando eu consegui lê”. Ela ficou bastante emocionada com o fato de ter conseguido juntar as letras e fazer a leitura das palavras. Sente muito orgulho de si mesma por isso, ainda mais quando relata que agora consegue ajudar seu filho com as contas matemáticas.

Logo, pergunto o que ela pensa sobre a educação, e ela responde dizendo que “vale ouro! Porque tudo tu tem que lê, hoje em dia, né?! Tudo, tudo, tudo tu tem que lê. Eu acho muito importante a educação. Qualquer lugar tem coisa escrita e tu tem que lê”.

O que chamou bastante atenção foi sua resposta ao questionar o que muda depois que se aprende a ler e a escrever. Ela diz: “Aiiii... Muita coisa... Muita, muita coisa! Parece que as pessoas olham pra gente com mais carinho”.

A entrevistada diz que sua vida não irá mudar nem melhorar, pois “Só, eu vô sabê lê, né?! [...] Não porque que eu não sei lê, que eu vô sê burra”.

## 5.2 Eixos Referenciais

Para melhor visualizarmos o que os entrevistados dizem a respeito de suas condições como pessoas analfabetas/em processo de alfabetização, separamos as entrevistas em Eixos Referenciais: **Condição Pessoal e Familiar, Trajetória Escolar, Percepções com Relação aos Estudos, Dificuldades e Estratégias no Mundo Letrado, Percepções sobre Ser Analfabeto**. É através desses eixos que analisamos os relatos dos sujeitos de pesquisa.

### 5.2.1 *Percepções com Relação aos Estudos*

Os quatro sujeitos entrevistados são moradores da cidade de Feliz/RS, porém, todos nasceram em outras cidades e fazem parte de famílias menos favorecidas economicamente, pois

desde pequenos precisavam ajudar os pais na lavoura ou tiveram que trabalhar fora de casa, para ganhar dinheiro em troca do sustento da família.

Os dois indivíduos que não estão dispostos a aprender a ler e escrever (um do sexo feminino e outro do sexo masculino) dão como motivo o fato de se considerarem incapazes e muito “velhos” para tal atividade. Além disso, afirmam que suas vidas teriam sido menos sofridas em relação ao serviço braçal, pois acham que se tivessem tido a oportunidade de aprender a ler e escrever, quando jovens, teriam empregos melhores.

Já os dois entrevistados que estão em processo de alfabetização declararam que foram em busca desse aprendizado, achando que nunca é tarde para se aprender alguma coisa e que sempre há algo a mais para melhorar. Ambos, ao entrarem em contato com a coordenação e a direção da escola, a fim de iniciar/retomar os estudos, tiveram a negação como resposta, pois não havia candidatos suficientes para que a escola desse início às aulas pois, segundo a instituição, as aulas iniciariam apenas quando a turma fosse composta por, no mínimo, 8 alunos.

Então, um deles procurou por vagas nas escolas das cidades vizinhas para se alfabetizar. O Sujeito D, um pouco mais ousado e independente, procurou a direção da escola, a prefeitura e também foi até a promotoria da cidade (conforme relatado), pois havia ficado revoltada, visto que sua vontade de retomar os estudos era muito grande, porque o que interessava para ela era o fato de ter alunos com vontade de alfabetizar-se, e não a quantidade de alunos.

Após algum tempo, ambos (Sujeito C e D) receberam a tão esperada ligação – segundo o Sujeito D, menos de uma semana após ter procurado a promotoria da cidade –, pois a prefeitura da cidade havia liberado um professor para dar início às aulas. As aulas iniciaram no mês de abril deste ano (2019). E hoje ambos carregam a alegria no rosto de quem já sabe ler frases, fazer contas matemáticas e que pode dizer “Não preciso mais pedir ajuda pra ninguém” (Sujeito D).

Conforme relata um dos entrevistados quando diz que poderia ter oportunidades de emprego melhor se fosse alfabetizado, temos a confirmação do que ressalta Petró (2009, p. 80) quando diz que “a falta de acesso à educação tem implicações nas condições de vida daqueles que são privados desse direito, pois essas pessoas estão à margem da sociedade que pode ter acesso a melhores condições de trabalho e aos serviços públicos”. Assim, percebe-se que sujeitos analfabetos sentem-se inferiores em relação a outras pessoas, passando por momentos de desprezo e vergonha.

No contexto urbano letrado, as habilidades básicas de leitura, escrita e cálculo passam a ser requeridas com maior frequência para a resolução de questões financeiras e burocráticas, para a obtenção de emprego e desempenho profissional, para a orientação e deslocamento no espaço. Sem domínio dessas habilidades, os analfabetos não se ressentem somente das limitações objetivas com que se defrontam, mas “se sentem especialmente constrangidos com os rótulos pejorativos e a desqualificação simbólica que a sociedade lhes impõe” (GALVÃO e DI PIERRO, 2007, p. 20).

Acredita-se, portanto, que as pessoas analfabetas da cidade de Feliz/RS possuem essa condição devido ao fato de terem de trabalhar junto com seus pais na lavoura, para o sustento da família, deixando assim, a educação em segundo plano. E todos concluem que se fossem alfabetizados quando mais jovens teriam tido oportunidades de emprego melhores ao longo de suas vidas.

### *5.2.2 Percepções sobre Ser Analfabeto*

O Sujeito A foi a pessoa que mais se emocionou durante nossa conversa. O sentimento de tristeza ficou perceptível em praticamente toda a sua fala. Os demais entrevistados não demonstraram seus sentimentos com tanta facilidade, porém as expressões faciais e olhares de tristeza falaram mais que palavras. Levando-se em consideração o que todos pensam sobre a educação, todos apontaram que suas vidas seriam diferentes caso fossem alfabetizados, levantando hipóteses desde a oportunidade de terem empregos melhores até a realização de seus sonhos.

Quanto às dificuldades enfrentadas no dia a dia, todos relatam idas a estabelecimentos comerciais em que precisam de ajuda para realizarem suas compras. Muitas vezes até envergonham-se da condição de analfabeto e saem sem comprar nada, com exceção do Sujeito D, que diz que nunca sentiu vergonha de sua condição, e o Sujeito C, que diz que a situação é difícil mas que é possível superá-la. Já o Sujeito B relata que não costuma pedir ajuda de outras pessoas. A maioria dos entrevistados pede ajuda a outras pessoas, mas também sentem-se envergonhados e inferiores por esse motivo. A única pessoa que não se sente incomodada relata que fala às pessoas que não sabe ler e escrever, pois não tem vergonha dessa condição (Sujeito D).

Ao ouvirem a expressão “pessoa analfabeta”, todos os sujeitos de pesquisa usam palavras negativas, tais como “é muito ruim”, “triste”, “difícil” e “burro”. Vemos que a palavra

analfabeto é carregada, até por eles próprios, de negatividade e incapacidades, com ressalva para o Sujeito C, que diz que todos podem ir em busca de ajuda para mudar essa condição.

### *5.2.3 Condição Pessoal e Familiar e Trajetória Escolar*

Conforme percebemos nos relatos dos Sujeito A e Sujeito B, ambos dizem se sentirem incapazes de aprender a ler devido a suas idades. Além de se considerarem velhos, classificam-se como pessoas com “cabeça fraca” (Sujeito A) e como “burro” (Sujeito B). Também levanta-se a hipótese de que, no caso do Sujeito A, um trauma possa ter sido adquirido no universo escolar, pois conforme relata, no dia seguinte ao que ele não podia ir para a aula, quando retornava à escola, a professora lhe dava castigos, agredindo-o fisicamente com materiais, a fim de puni-lo. Com isso, ele mesmo relata ter ficado com medo de ir à escola. Ao longo da conversa, o Sujeito A relata que seria muito bom se soubesse ler e escrever, mas, com muita convicção e com lágrimas nos olhos, afirma: “Seria muito bom. Só que não consigo”, pois se considera incapaz e velho para isso.

O Sujeito B diz ser muito velho para aprender a ler e escrever, e que já se acostumou com essa condição, quando diz: “Se não faltô até agora, não vai faltar agora em diante”, alegando que essa habilidade não lhe faz falta atualmente, apenas quando mais nova.

Conforme percebemos nos Sujeito C e D, nenhum sente-se incapaz de aprender a ler e escrever. Ambos tiveram suas dificuldades quando mais novos, porém, na vida adulta, foram atrás de seus objetivos. Cada um soube lidar com suas dificuldades além de ir em busca desse aprendizado por motivos individuais e específicos.

O Sujeito D ressalta que sua maior inspiração para aprender a ler e escrever foi para poder ajudar seus filhos com as lições de casa. Já o Sujeito C sempre teve vontade de aprender, porém não lhe restava tempo disponível para tal atividade, pois seu trabalho exigia esforço braçal, muitas horas de trabalho e trabalhava sem horário fixo, como ressalta quando diz: “Sempre quis, mas nunca dava tempo, tanto serviço.”. Pode-se perceber, portanto, que o que prevalece entre os dois é a sua força de vontade, pois ambos fazem questão em estar presentes em todas as aulas.

Os Sujeito A e B reconhecem que suas vidas teriam sido diferentes se tivessem aprendido a ler e a escrever na escola quando novos, pois acreditam que poderiam ter encontrado empregos melhores durante a juventude. Ambos atualmente são aposentados. O Sujeito A diz que se fosse alfabetizado não precisaria solicitar a ajuda das pessoas. O Sujeito B

ressalta que, se fosse alfabetizada, poderia ter tido a oportunidade de trabalhar em uma empresa, já que sempre trabalhou na lavoura e nas atividades domésticas de sua casa.

Já os sujeitos que estão em processo de alfabetização dizem que se tivessem aprendido a ler e escrever quando mais jovens, suas vidas teriam sido bem diferentes. O Sujeito C diz que se tivesse tido a oportunidade de estudar quando mais jovem, poderia realizar o sonho de ser caminhoneiro e conhecer o mundo. Já o Sujeito D afirma que sua vida provavelmente seria diferente, muito embora ressalte que sua vida foi muito boa e que sempre foi muito feliz, mesmo sendo analfabeta.

#### *5.2.4 Dificuldades e Estratégias no Mundo Letrado*

Ao falarmos sobre o assunto “compras do dia a dia”, tanto o Sujeito A quanto o Sujeito C, dizem que vão ao supermercado sozinhos realizarem as compras. Ambos não relataram compras em outros estabelecimentos comerciais, apenas em supermercados.

Eles dizem que quando não sabem o que está escrito em alguma prateleira, perguntam aos funcionários do estabelecimento, mas percebe-se que ficam incomodados com o fato de terem de perguntar. Um deles (Sujeito A) ressalta que fica incomodado com o fato de não saber o que está escrito, pois não sabe se o produto está disponível para compra ou não, e se de fato é o que ele procura, tendo de solicitar a ajuda de funcionários que, segundo ele, o auxiliam com boa vontade, muito embora já tenha ocorrido de o Sujeito A voltar para casa sem nada por ter sentido vergonha de pedir ajuda. Em contrapartida, vemos que o Sujeito C, que também vai ao supermercado sozinho, faz suas compras do mês buscando compreender o que dizem as embalagens e prateleiras, fazendo o máximo esforço possível para que não precise solicitar a ajuda de ninguém.

O Sujeito D relata que desde sempre levou um papel escrito com as compras do dia a dia ao supermercado, e o entregava para uma funcionária, para que a mesma separasse os produtos solicitados por sua chefe, não se importando com o fato de alguém lhe ajudar. Mas após conhecer o alfabeto, o Sujeito D procura as mercadorias nas prateleiras sem precisar solicitar a ajuda de ninguém, sentindo-se muito feliz por isso. Ao ser questionada sobre demais estabelecimentos comerciais, ela relata que muitas vezes se sentiu prejudicada, pois acreditava que as lojas da cidade cobravam suas dívidas mais de uma vez, pois sabiam da sua condição de analfabeta. Ela relata também que teve dificuldades em ir ao banco ou aos correios da cidade,

pois não tinha sido informada que deveria retirar uma senha, assim, ela ficava sentada esperando ser chamada pelos funcionários, mas muitas vezes era avisada por pessoas que também estavam aguardando. Ressalta que faz suas atividades do dia a dia sozinha e que vai em busca das coisas que quer.

Em contrapartida, temos o Sujeito B, que relata que seu marido a leva ao centro da cidade, e lá ela realiza todas as atividades sozinha. Antes das agências bancárias alterarem os sistemas dos caixas eletrônicos, ela conseguia receber sua aposentadoria sozinha, porém, após alterações, precisa aguardar até um atendente do estabelecimento ir ajudá-la. Alegremente, ela ressalta que faz as compras do supermercado sozinha, e que possui crediário em lojas da cidade, realizando todas as compras sozinha. Além disso, relata que tem seu aparelho celular, e que quando precisa telefonar para alguém, consegue. Para isso, desenvolveu uma técnica para que não precisasse pedir a ajuda de ninguém para funções básicas do dia a dia, tais como ligar para o marido, as filhas, o cunhado, o irmão, e também para a pessoa que corta seu cabelo, desenhando a todos em seu caderninho, que carrega na bolsa, juntamente com o celular. Ela demonstra felicidade quando diz que possui autonomia para realizar tais atividades.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme relatado por todos os sujeitos entrevistados, desde pequenos, todos tiveram que ajudar seus pais no serviço da lavoura e/ou auxiliando suas mães no trabalho doméstico ou tendo que trabalhar em casas de famílias bem remuneradas (para ajudar a cuidar da casa e dos filhos dos patrões) em troca de dinheiro, que era entregue para seus pais. Devido a esse fator, todos deixaram de frequentar a escola antes mesmo de completarem o processo de alfabetização. Dois dos entrevistados relataram que a única coisa que aprenderam na escola foi “assinar” seu nome. Uma delas aprendeu a “assinar” o nome por um motivo específico, o casamento. Retirados, em sua maioria, do ambiente escolar para que pudessem ajudar os pais com as despesas familiares, sua educação ficou em segundo plano.

A educação em segundo plano, percebida nos relatos dos entrevistados, corrobora o que diz Petró (2009, p. 92), que afirma não ser possível identificar uma relação direta entre a educação formal e o trabalho. Dessa forma, a escola é colocada em segundo plano, embora, na maturidade, seja concebida como importante. Nossos sujeitos de pesquisa expressam a vontade de serem alfabetizados e demonstram pesar pelo tempo passado sem estudo. Embora alguns tenham tido interesse em retomar os estudos, apenas 2 dos 4 entrevistados colocaram essa atividade em prática na vida adulta.

As circunstâncias da vida de todos os entrevistados fazem com que se sintam inferiores a outras pessoas. Isso é demonstrado quando afirmam se sentirem enganados, e/ou ao tentarem disfarçar sua condição de analfabetos (como dizer que tem baixa visão, caso do Sujeito C). Infelizmente, todos eles relataram passar por momentos constrangedores, de tristeza e vergonha ao longo de suas vidas, pelo fato de não terem a habilidade de leitura e escrita, o que de algum modo marcou bastante a vida de um entrevistado especificamente (Sujeito A). Assim, os constrangimentos e a vergonha fazem com que pessoas com pouca familiaridade com as letras ocultem a condição de analfabetos. Nosso trabalho conversa com o que afirma Galvão e Di Pierro, ao afirmarem que pessoas analfabetas frequentemente recorrem a estratégias de dissimulação (2007, p. 20-21).

Algo que nos chamou a atenção nas entrevistas, e que vale ser comentado, é a relação entre gênero e faixa etária. Como mencionamos, na década de 50 nasceram os Sujeito A e B, um do sexo masculino e o outro feminino. Ambos não tem vontade de aprender a ler e escrever, mas acreditam que isso seja algo muito difícil devido a suas idades. Já os sujeitos C e D, que

estão em processo de alfabetização, nasceram a partir da década de 60, em que já podemos perceber que há diferenças na relação como levam a vida na condição de analfabetos, pois ambos acreditam que o que os faz ser diferentes de outras pessoas é apenas o fato de não saberem ler e escrever, apesar de suas vidas serem difíceis.

Os sujeitos do sexo masculino (A e C) são pessoas completamente opostas, com 8 anos de diferença. O Sujeito A acredita que não consegue mais aprender a ler e escrever, enquanto que o Sujeito C diz que nunca é tarde para aprender, tanto que se dispôs a ir para outra cidade caso não conseguisse ter aulas na cidade de Feliz/RS.

O Sujeito A permaneceu na escola por mais tempo que o Sujeito C, mas as circunstâncias da vida fizeram com que o Sujeito C se tornasse mais otimista em poder aprender a ler e escrever. Ambos tiveram que parar de estudar para ajudar os pais no trabalho da lavoura, um pelas condições financeiras dos pais e outro também pela mesma condição além de ser o mais velho dos filhos.

Já os sujeitos do sexo feminino (B e D) possuem 23 anos de diferença, mas comportamentos bastante semelhantes, pois fizeram e ainda fazem de tudo para não dependerem de outras pessoas, demonstrando bastante alegria quando dizem que realizam as atividades do dia a dia sozinhas. O Sujeito B fez desenhos em seu caderninho para que nunca precisasse pedir ajuda para ligar para as pessoas com quem mais tem contato, faz suas compras sozinhas e vai ao banco sozinha. Já o Sujeito D sempre se virou do jeito que conseguia, é uma pessoa que se esforça no trabalho e que sempre vai em busca de seus sonhos, enfrentando as dificuldades do dia a dia de cabeça erguida, sem deixar que alguém a menospreze devido a sua condição de analfabeta. Além disso, uma diz que sua vida não mudaria se hoje aprendesse a ler e escrever, e a outra diz que, apesar de estar em processo de alfabetização, sua vida continuará igual, pois só terá a habilidade de leitura e escrita.

Embora a condição de analfabeto nunca os tenha impedido de realizarem as atividades do dia a dia, às vezes, essas atividades se tornavam constrangedoras em determinadas situações. Com exceção de um dos sujeitos, todos sentiam vergonha pelo fato de não saberem ler e escrever, e até relataram que muitas vezes deixavam de comprar alguns itens devido a esse sentimento. Uma das entrevistadas diz que já passou por momentos que a deixaram muito triste ao longo da vida devido a sua condição de analfabeta, e conta que muitas vezes percebeu que funcionários de estabelecimentos comerciais da cidade alteravam os preços dos produtos ou

diziam que sua prestação não havia sido quitada, quando ela tinha certeza de que já o havia feito. Apesar desses fatos, isso nunca os impediu de realizarem as atividades do dia a dia.

A maioria dos sujeitos de pesquisa acreditam que, se tivessem sido alfabetizados na infância, teriam oportunidades melhores de emprego na vida adulta. Os sujeitos relatam que, além de melhores empregos, a alfabetização teria trazido a chance de realizarem sonhos que os acompanham desde pequenos. Essas afirmações e percepções com relação à alfabetização aproxima os relatos dos sujeitos de pesquisa do que diz Petró: há a compreensão de que se tivessem estudado, suas vidas teriam sido diferentes, pois concebem que a escolarização é responsável por melhores condições de trabalho (2009, p. 95).

Em suma, tudo que aprenderam ao longo de suas vidas, foi através de movimentos repetitivos (como assinar o nome) e expressão oral, em que as pessoas lhes davam as instruções oralmente, e cada um de sua maneira lidava com o conteúdo, levando-o para sua vida, além dos ensinamentos que obtiveram em seus ambientes de trabalho. Novamente, como destaca Petró (2009, p. 91-92), esses sujeitos, mesmo que não tenham podido ir à escola, tiveram acesso a ensinamentos, através de suas famílias, sobre como trabalhar, e isso possibilitou a sua sobrevivência, o que na percepção dos alfabetizados não teria sido possível apenas na escola.

Apesar de todos os obstáculos encontrados ao longo da vida, todos encontraram uma maneira de não demonstrarem às pessoas a sua condição de analfabetos, ou ao menos de não fazer desta condição a grande marca de suas identidades. Todos, de algum modo, encontraram maneiras para não precisarem solicitar ajuda das outras pessoas, apenas em casos extremos. Os dois sujeitos que estão em processo de alfabetização, ao serem questionados se acham que suas vidas irão mudar a partir de agora, relatam que a vida, em si, não muda, mas que a capacidade de decodificar palavras pode fazer surgirem novas oportunidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho era o de contribuir com os estudos sobre alfabetização e letramento, abordando situações de vida de sujeitos analfabetos. Especificamente, voltamos nosso estudo para os sujeitos que vivem essa condição na cidade de Feliz/RS, o município com o menor índice de analfabetismo do Brasil. Sendo assim, ocupamos em verificar quais eram os principais motivos que fizeram com que essas pessoas se mantivessem analfabetas, através de entrevistas. Também desejávamos conhecer como desempenham suas atividades do dia a dia em um mundo majoritariamente alfabetizado e letrado, cujas principais atividades que um cidadão precisa desenvolver no seu cotidiano se dão através de práticas sociais que envolvem leitura e escrita.

O que encontramos no fazer deste trabalho foi muito mais do que isso. Lidar com histórias de vida não é uma tarefa simples: por trás de cada experiência de vida estão os valores que cada sujeito carrega consigo, tornando as lições apreendidas por nós, por meio das entrevistas e dos contatos com essas pessoas, ainda mais grandiosas. Ouvimos relatos de pais que, em sua juventude, não tiveram condições/oportunidade para estudar, mas que hoje dão toda a educação necessária para seus filhos, conforme apontam os Sujeito A e B. Ouvimos os esforços que uma mãe faz para auxiliar seus filhos com os temas da escola. Ouvimos a história do trabalhador que, mesmo sem tempo para estudar, devido a sua alta carga horária de trabalho, buscou, mesmo que por pouco tempo, ter contato maior com o mundo das letras.

Além disso, ouvimos relatos diversos sobre momentos constrangedores e de vergonha que os fizeram – e ainda fazem – chorar. Além de tudo, vimos situações jamais imaginadas por nós, como os desenhos elaborados pelo Sujeito B para que pudesse se comunicar com as pessoas mais próximas, destacando, com um sorriso no rosto, que “Eu me viro sozinha!”. Assim, cada um com seu jeito, busca maneiras de superar pequenos desafios do dia a dia. Todos esses são exemplos de histórias que carregam grandes exemplos de dedicação, empenho e, principalmente, superação.

Para além de histórias de superação, retomamos aqui o Artigo 205 da Constituição Federal de 1988, que diz que a educação é direito de todos. Porém, algumas vezes, as crianças precisam abandonar os estudos ou são retiradas das escolas porque necessitam encontrar um emprego para ajudar no sustento da família. Essa é parte da realidade das pessoas selecionadas

para a realização deste trabalho. Elas nasceram a partir da década de 50, época em que o Estado ainda não era obrigado formalmente a garantir a educação para todos os brasileiros.

Apesar de alguns se considerarem incapazes e fora da idade para darem início ao processo de alfabetização, todos encontram maneiras de superar as dificuldades enfrentadas no dia a dia. Logo, ainda podemos ter esperança quando vemos que existem pessoas que vão em busca de aprendizado e não se deixam abater diante de determinadas dificuldades, superando os pré-conceitos e pré-julgamentos de outras pessoas por não possuírem a habilidade de decodificar palavras. Conforme relatado pelos sujeitos A e B, percebemos que pelo fato de serem analfabetos, carregam consigo o sentimento de serem incapazes, e por isso não vão em busca da alfabetização, além da vergonha que sentem por essa condição. Em contrapartida, temos os Sujeitos C e D, que foram em busca e lutaram pelo direito à alfabetização, para que não precisassem mais pedir ajuda em tarefas simples, como idas ao supermercado, por exemplo. Quebrando esses paradigmas, destacamos as seguintes falas: “Não porque que eu não sei lê, que eu vô sê burra.” (Sujeito D) e “A gente vive também! Só que a gente não sabe lê nem escrevê, né!!” (Sujeito C).

A proposta de universalização, solidariedade democrática e justiça social para todos, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº 9.394/96, nos artigos que tratam da Educação Básica (artigos 37 e 38), determina que todo cidadão, independentemente de cor, raça, credo ou nível social, tenha direito à gratuidade da educação básica, quando oferecida pelo poder público, e adequação às características dos alunos, aos seus interesses, as suas condições de vida e trabalho. Contudo, a escolarização não fez parte da vida dos sujeitos entrevistados quando crianças. Embora dois dos entrevistados tenham buscado alfabetizar-se, percebemos que os demais acreditam ser incapazes para tal atividade devido, principalmente, a suas idades. Porém, usam o fato de saberem “assinar” o nome como uma forma de esconder a condição de analfabetos.

Diante do que está apresentado neste trabalho, entendemos que, anos atrás, o ingresso e a permanência na escola era mais difícil para quem não tinha boas condições financeiras. Isso porque, na época, dava-se prioridade ao trabalho e não à educação: os meninos precisavam ajudar com o trabalho na lavoura e as meninas auxiliavam suas mães nas tarefas domésticas. No entanto, devido à urbanização, a demanda pela escolarização aumentou, visto que, para entrar no mercado de trabalho (empresas), era e é necessário ser alfabetizado. Por isso, os

sujeitos desta pesquisa, especificamente os do sexo feminino, apenas trabalharam na lavoura e/ou em casas de família.

Este trabalho visa mostrar às pessoas como é a vida de alguém que não possui a habilidade de decodificar as palavras, revelando como esses sujeitos lidam com tal realidade. O que foi possível perceber é que suas trajetórias de vida não foram fáceis, pois desde pequenos todos tiveram que deixar a escola para ajudar aos pais no serviço de casa ou da lavoura. Todos tiveram direito e acesso à educação (com exceção do Sujeito B), porém devido a fatores externos tais como dificuldades financeiras, os mesmos foram retirados da escola antes mesmo de serem alfabetizados. Logo, estes pais e mães não mediram esforços para que a alfabetização de seus filhos ficasse em primeiro lugar, buscando alfabetizar-se para poder auxiliar os filhos com os trabalhos escolares (fato mais relatado pelo Sujeito D), e também mesmo após longas jornadas de trabalho ainda ter que ir à escola.

O analfabetismo ainda é um problema presente na cidade de Feliz/RS, embora estatísticas não demonstrem tal fato existem alguns casos de pessoas analfabetas na cidade. A finalidade da alfabetização não é que o indivíduo apenas saiba decodificar as letras do alfabeto para que possa ler e escrever como um processo mecânico, mas sim capacitar esses sujeitos a interagir no contexto das práticas sociais em que estão inseridos. O ensino básico deve atender às necessidades das pessoas no acesso aos bens culturais de uma sociedade letrada, nas oportunidades de emprego e, também, na continuidade dos estudos.

Para encaminhamentos futuros, espera-se trazer uma amostragem maior de sujeitos analfabetos e/ou em processo de alfabetização, trazer para esta pesquisa histórias de vidas diferentes. Tendo em vista que os sujeitos de pesquisa são de descendência alemã, desejamos explorar o universo de outras culturas e verificar como as causas para o analfabetismo na nossa região estão relacionadas com questões como descendências, raça, classe social e gênero.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Patrícia Teixeira de. **Representações sociais do analfabetismo na perspectiva de jovens e adultos não-alfabetizados**. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2004. Disponível em <<http://www.bdae.org.br/bitstream/123456789/936/1/tese.pdf>>. Acesso em: 8 Abr. 2019.
- ANTUNES, Siumara Elias. Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da leitura e da escrita. 2014. **Cadernos PDE**, versão *On-line*, ISBN 978-85-8015-076-6.
- ASSMANN, Beatriz Edelweis Steiner. **Feliz ontem e hoje**. 3 ed. Porto Alegre: Corag – Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 2009.
- BARROS, Héli da Paixão Rodrigues de; SANTOS, Silvano Messias dos; REIS MIRANDA, Joseval dos. Adultos Analfabetos e a Construção da Identidade: “Vixe, quem é a gente sem leitura”? COLÓQUIO INTERNACIONAL, 6., 2012, São Cristóvão. **Anais...** São Cristóvão. p. 1-15.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso**: cultura escrita, educação e participação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- CORDEIRO, Ariane Alhadad. Resenha: Letramentos Sociais. **Revista Práticas de Linguagem**. v. 6, n. 1, jan./jun. 2016.
- DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS, Produções. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE. 2013.
- FEDERAL, Senado. Constituição. **Brasília (DF)**, 1988.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 42. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, José Adailton C.; BARBOSA, Daiane da C. Letramento e Analfabetismo: reflexões sobre conceituações, índices e desafios. **Revista Científica do IFAL**, v. 1, n. 3, jul./dez. 2011.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira, Di Pierro, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007.
- GOFFMAN, Erving. Estigma e identidade social. In.: GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LCT, 1988.
- JACQUES, Izabel Cristina Maffioletti; CASAGRANDE, Samira. Analfabeto e Preconceito: uma relação velada na sociedade. **Revista Saberes Pedagógicos**, v. 1, n. 2, p. 121-136, 2017.
- KLEIN, Rejane. **Os discursos da alfabetização de adultos e as representações do sujeito analfabeto**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento**: uma perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- KOCH, Ingedore Villaça, ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2 ed., 3. impressão. São Paulo: Contexto, 2015.

LIMA, Ana; RIBEIRO, Vera Masagão; CATELLI JR., Roberto. (Coord.). Estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho. São Paulo: [s.n.], 2016.

\_\_\_\_\_; CATELLI JR., Roberto. (Coord.). INAF Brasil 2008: estudos preliminares. São Paulo: [s.n.], 2018.

MANÉ, Djiby. As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico. **Via Litterae**. v. 4, n. 1, p. 39-51, jan./jun. 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Edson; SPECHELA, Luana Cristine. A importância do letramento na alfabetização. Ensaios Pedagógicos. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET**. Jul. 2012.

OLIVEIRA, José Clovis Pereira de et al. **O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2013. Disponível em:

<[http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV056\\_MD1\\_SA13\\_ID8319\\_03082016000937.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA13_ID8319_03082016000937.pdf)>. Acesso em: 12 Fev. 2019.

PETRÓ, Vanessa. **Cidadania, emancipação e imaginário social: um estudo sobre as políticas sociais para a alfabetização de jovens e adultos**. 2009. 170 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

Projeto Político Pedagógico, Escola Municipal de Ensino Fundamental Alfredo Spier, 2016.

PUPPO, Vanessa de Oliveira. **Disposições Culturais e Analfabetismo: histórias de exclusão educacional**. 2011. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa em Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Regimento do Núcleo Municipal de Educação de Jovens e Adultos, Feliz, 2015.

RIBAS, Luciane Bittencourt. **Metodologia de Projetos de Aprendizagem: contribuições para o desenvolvimento da Alfabetização e Letramentos**. 2010. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2010.

RIBEIRO, Anailza Oliveira. **Alfabetização e letramento: os impactos da prática docente no contexto das séries iniciais do ensino fundamental**. 2009. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão e Coordenação do Trabalho Escolar) – Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009.

RIBEIRO, Vera Masagão; VÓVIO, Claudia Lemos; MOURA, Mayra Patrícia. Letramento no Brasil: alguns resultados do indicador nacional de alfabetismo funcional. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 81, p. 49-70, 2002.

SILVA, Vanessa Souza da. Letramento e ensino de gêneros. **Educ. foco**, v. 16, n. 1, p. 19-40, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2003.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas, **Revista Brasileira de Educação**. n. 25, Jan /Fev/Mar/Abr, p. 5-17, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e Letramento**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SPERRHAKE, Renata. Alfabetismo/letramento e saber estatístico: algumas formas de quantificação e classificação em análise. In: ANPED SUL, 10, 2014, Florianópolis, **Anais...** Florianópolis. P. 1-19.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

\_\_\_\_\_. Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil. **Cadernos Cedes**, v. 33, n. 89, p. 51-71, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v33n89/a04v33n89.pdf>>. Acesso em: 10 Jun. 2019.

#### SITES:

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Brasil Mais Alfabetizado. Dispõe sobre o quadro de valores e regulamentações para o alfabetizador atuar no programa. Brasília, DF. 2018. Disponível <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=19002](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19002)> Acesso em: 11 Abr 2019.

BRASIL. IBGE. IDEB – **Anos iniciais e finais do ensino fundamental (Rede pública)**: Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP - Censo Educacional 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/feliz/panorama>> Acesso em: 17 Mai 2019.

FELIZ (RS) Site da Prefeitura Municipal de Feliz. Feliz é o município mais alfabetizado do Brasil. Feliz, 22 Jun 2011. Disponível <<https://www.feliz.rs.gov.br/web/noticia/98/feliz-e-o-municipio-mais-alfabetizado-do-brasil>> Acesso em: 22 Jun 2019.

FELIZ (RS) Site da Prefeitura Municipal de Feliz. Escolas do Município. Disponível em: <<http://www.feliz.rs.gov.br/web/escolas-do-municipio>> Acesso em: 21 Mar 2019.

IBGE. Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade: IBGE, Censo Demográfico, 2010.

Instituto Paulo Montenegro. Ação Social do Ibope. Dispõe sobre o indicador de analfabetismo funcional (Inaf) da população entre 15 e 64 anos. São Paulo, SP, 2017. Disponível em: <<https://ipm.org.br/inaf>> Acesso em: 22 Jun 2019.

## ANEXO A: Termo de Consentimento de Pesquisa



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
RIO GRANDE DO SUL – CAMPUS FELIZ**

### AUTORIZAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo Flavia Arenhardt, estudante do curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Feliz, a utilizar as informações por mim prestadas para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título “Analfabetismo e Letramento: A realidade de sujeitos analfabetos na cidade de Feliz/RS”, sendo orientada pela Prof.(a.) Dr.(a.) Aline Evers.

Feliz, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

---

Assinatura do entrevistado ou responsável

## **ANEXO B: Roteiro de Entrevista Piloto**

1. Qual seu nome?
2. Qual a sua idade?
3. Local de nascimento?
4. Você possui irmãos? (Se sim) Quantos? Todos frequentavam a escola?
5. Como era sua vida quando criança? Você ia para a escola? Trabalhava?
6. Se ia para a escola, ela era perto da sua casa? Como ia até lá? Até que série você estudou? Como era a educação nessa época?
7. Por que você não foi mais à escola? Quando você saiu da escola, você sabia ler e escrever? Com quantos anos você começou a trabalhar? E como era o seu trabalho? Exigia que você fosse alfabetizado?
8. Os seus pais frequentaram a escola quando jovens? Eles sabiam ler e escrever? E você, sabe ler e escrever? (Se não) Existe mais alguém da sua família que não sabe ler e escrever? (Se sim) Quantas pessoas? Qual a idade delas? Eles moram com você?
9. Qual a importância que você atribui à educação?
10. Você pensa que algo teria sido diferente na sua vida se fosse alfabetizado? Por quê?
11. Você tem vontade de aprender a ler e escrever?
12. Você encontra dificuldades no seu dia a dia por não saber ler e escrever? (Se sim) Que tipo de dificuldades?
13. Você vai ao supermercado? A lojas? (Se sim) Como você desenvolve essas atividades? Em casa ou até fora de casa, o que você pensa quando vê algo escrito? Como você se sente por não saber o que está escrito?
14. Quando você tem dúvida sobre alguma coisa ou quando algo lhe chama a atenção, você pergunta e pede ajuda a outra(s) pessoa(s)? Ou desiste e volta para casa? Você se sente mal com isso?
15. Em algum momento você já se sentiu mal com alguma situação que ocorreu pelo fato de não saber ler e escrever? (Se sim) Como foi essa experiência?
16. O que lhe vem à mente quando você ouve os seguintes termos:
17. Pessoa analfabeta, Pessoa alfabetizada, Analfabetismo, Alfabetização, Seu futuro.
18. Você acha que ainda existe um grande número de pessoas analfabetas? Por quê?
19. Como as pessoas reagem quando você diz que é analfabeto(a)?
20. Como é a vida de uma pessoa não alfabetizada? Quais as principais dificuldades vivenciadas por você, pelo fato de não saber ler e escrever? E como você enfrenta essas dificuldades?
21. Você acha que a alfabetização poderia trazer mudanças para sua vida? (Se sim) Que tipo de mudanças?

## ANEXO C: Roteiro de Entrevista 2

1. Qual seu nome?
2. Qual a sua idade?
3. Local de nascimento?
4. Você possui irmãos? (Se sim) Quantos? Todos frequentavam a escola?
5. Como era sua vida quando criança? Você ia para a escola? Trabalhava?
6. Se ia para a escola, ela era perto da sua casa? Como ia até lá? Até que série você estudou? Como era a educação nessa época?
7. Por que você não foi mais à escola? Quando você saiu da escola, você sabia ler e escrever? Com quantos anos você começou a trabalhar? E como era o seu trabalho? Exigia que você fosse alfabetizado?
8. Os seus pais frequentaram a escola quando jovens? Eles sabiam ler e escrever? E você, sabe ler e escrever? (Se não) Existe mais alguém da sua família que não sabe ler e escrever? (Se sim) Quantas pessoas? Qual a idade delas? Eles moram com você?
9. O que você costuma fazer no seu dia a dia para saber das notícias?
10. Você se interessa pelas notícias da cidade e do Brasil?
11. Qual a importância que você atribui à educação?
12. Você tem vontade de aprender a ler e escrever?
13. Já ouviu falar sobre o NUMEJA da cidade?
14. Conhece alguém que está se alfabetizando?
15. Você pensa que algo teria sido diferente na sua vida se fosse alfabetizado? Por quê?
16. Você gostaria de aprender a ler e escrever? Já ouviu falar sobre o NUMEJA da cidade? Conhece alguém que está se alfabetizando?
17. Você costuma ir ao supermercado, por exemplo? Como é essa experiência?
18. O que você costuma fazer no seu dia a dia para saber das notícias? Você se interessa pelas notícias da cidade e do Brasil?
19. Você trabalha? o que você gosta de fazer quando não está trabalhando? Você costuma passear pela cidade? Quais são seus lugares preferidos?
20. Depois que começou a frequentar as aulas de alfabetização, houve mudanças na sua vida, no seu cotidiano?
21. Que dificuldades você sente/vê por não saber ler e escrever?
22. O que você acha que muda quando a gente sabe ler e escrever?
23. Você encontra dificuldades no seu dia a dia por não saber ler e escrever? (Se sim) Que tipo de dificuldades?
24. Você vai ao supermercado? A lojas? (Se sim) Como você desenvolve essas atividades? Em casa ou até fora de casa, o que você pensa quando vê algo escrito? Como você se sente por não saber o que está escrito?
25. Quando você tem dúvida sobre alguma coisa ou quando algo lhe chama a atenção, você pergunta e pede ajuda a outra(s) pessoa(s)? Ou desiste e volta para casa? Você se sente mal com isso?
26. Em algum momento você já se sentiu mal com alguma situação que ocorreu pelo fato de não saber ler e escrever? (Se sim) Como foi essa experiência?
27. O que lhe vem à mente quando você ouve os seguintes termos:
28. Pessoa analfabeta, Pessoa alfabetizada, Analfabetismo, Alfabetização, Seu futuro.

29. Você acha que ainda existe um grande número de pessoas analfabetas? Por quê?
30. Como as pessoas reagem quando você diz que é analfabeto(a)?
31. Como é a vida de uma pessoa não alfabetizada? Quais as principais dificuldades vivenciadas por você, pelo fato de não saber ler e escrever? E como você enfrenta essas dificuldades?
32. Você acha que a alfabetização poderia trazer mudanças para sua vida? (Se sim) Que tipo de mudanças?

## **APÊNDICE A: Transcrição do termo de consentimento**

### **Sujeito A:**

Pesquisadora: Senhor A, eu irei ler uma autorização para saber se o senhor me autoriza a usar suas respostas no meu trabalho.

Entrevistado: Tá.

Pesquisadora: Senhor A, o senhor autoriza Flavia Arenhardt, estudante do curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Feliz, a utilizar as informações por mim prestadas para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título “Analfabetismo e Letramento: A realidade de sujeitos analfabetos na cidade de Feliz/RS”, sendo orientada pela Prof.(a.) Dr.(a.) Aline Evers. O senhor me autoriza a usar essas informações?

Entrevistado: Sim.

### **Sujeito B:**

Pesquisadora: A senhora autoriza Flavia Arenhardt, estudante do curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Feliz, a utilizar as informações por mim prestadas para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título “Analfabetismo e Letramento: A realidade de sujeitos analfabetos na cidade de Feliz/RS”, sendo orientada pela Prof.(a.) Dr.(a.) Aline Evers.

Entrevistada: Não

Pesquisadora: Isso que eu li, é para saber se a senhora me autoriza a usar essas informações no meu trabalho?

Entrevistada: Ah... Sim.

### **Sujeito C:**

Pesquisadora: Senhor C, o senhor autoriza Flavia Arenhardt, estudante do curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Feliz, a utilizar as informações por mim prestadas para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título “Analfabetismo e Letramento: A realidade de sujeitos analfabetos na cidade de Feliz/RS”, sendo orientada pela Prof.(a.) Dr.(a.) Aline Evers. O senhor me autoriza a usar as suas respostas no meu trabalho?

Entrevistado: Autorizo sim.

**Sujeito D:**

Pesquisadora: Senhora D, a senhora autoriza Flavia Arenhardt, estudante do curso de Licenciatura em Letras – Português e Inglês, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Feliz, a utilizar as informações por mim prestadas para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título “Analfabetismo e Letramento: A realidade de sujeitos analfabetos na cidade de Feliz/RS”, sendo orientada pela Prof.(a.) Dr.(a.) Aline Evers. A senhora me autoriza a usar as tuas respostas no meu trabalho?

Entrevistada: Sim, sim.

## APÊNDICE B: Transcrição das entrevistas

### Transcrição da entrevista 1 → Sujeito A

**Pesquisadora:** Senhor A., me conta um pouco como era tua vida quando tu era pequeno.

**Entrevistado:** Eu tinha seis aninhos, aí eu tinha que começar a í na escola.

**Pesquisadora:** E o senhor foi quantos anos na escola?

**Entrevistado:** Dois aninhos, dois aninhos. Dois anos na escola, dois. Eu não passei nem segunda série.

**Pesquisadora:** Mas e por que o senhor não foi mais na escola depois?

**Entrevistado:** Por que o meu pai disse assim, para mim ir na roça trabalhar. Trabalhar com ele.

**Pesquisadora:** O senhor tinha que ajudar ele?

**Entrevistado:** Tinha que ajudá, ajudá ele a trabalhar na roça.

**Silêncio.** Aí quando eu não ia na escola, a professora me xingava.

- Por que não veio aquele dia?

**Pesquisadora:** O senhor não ia todo dia na escola?

**Entrevistado:** Eu não ia todo dia. Aí a professora dava castigo. E eu disse para professora que tinha que ajudá o pai ir na roça.

**Pesquisadora:** E a professora não gostava que tu não ia na escola?

**Entrevistado:** Eu tava com medo. A professora era muito braba.

**Pesquisadora:** Os professores eram bravos? Todos os professores que você teve eram bravos com você?

**Entrevistado:** Eu faltei um dia e daí ela me deu um castigo lá fora. **Tristeza**

Ela bateu a régua na mão, ainda. A régua na mão. Aí eu fiquei com mais medo de ir na escola.

**Pesquisadora:** Ela deu o castigo por que tu não tinha ido na escola já que tinha que ajudar o pai e a mãe?

**Entrevistado:** Ela deu o castigo porque eu faltei um dia. Aí por causa disso. Daí eu tava com medo, né? **Tristeza**

**Pesquisadora:** E onde o senhor ia na escola?

**Entrevistado:** Arroio do Ouro.

**Pesquisadora:** O senhor morava lá?

**Silêncio.**

**Pesquisadora:** O senhor morava em Arroio do Ouro?

**Entrevistado:** Arroio do Ouro. Sim.

**Pesquisadora:** E o senhor nasceu aqui em Feliz ou em Arroio do Ouro?

**Entrevistado:** Nasci aqui, na Feliz.

**Pesquisadora:** E o senhor tem irmãos?

**Entrevistado:** Temo 11 irmãos.

**Pesquisadora:** 11 irmãos! E todos eles foram na escola?

**Entrevistado:** Foram tudo na escola.

**Pesquisadora:** Eles também tinham que ajudar o seu pai e sua mãe?

**Entrevistado:** Também, e iam tudo na aula.

**Pesquisadora:** Eles iam na aula e tinham que ajudar na roça também?

**Entrevistado:** Sim, sim. Iam também na roça. Eu e meus irmãos.

**Pesquisadora:** E como é que o senhor ia pra escola?

**Entrevistado:** Caminhando, caminhando.

**Pesquisadora:** Era longe?

**Entrevistado:** Dava meio quilômetro.

**Pesquisadora:** E o senhor ia como pra lá? De a pé sempre?

**Entrevistado:** Sempre de a pé, não tinha como, naquela época.

**Pesquisadora:** E até que série o senhor estudou?

**Silêncio.**

**Entrevistado:** Segunda série.

**Pesquisadora:** E como é que era estudar naquela época?

**Entrevistado:** Mmmm (tristeza)

Não era fácil. Não era fácil, porque não tinha lápis comprido, não tinha uma folha de caderno.

**Pesquisadora:** Aonde vocês escreviam? Escreviam em cima de que?

**Entrevistado:** Um papel. Um papelzinho. Mal e mal um livrinho a gente tinha. Um livro, mal e mal tinha.

**Pesquisadora:** Então o senhor não foi mais pra escola porque tinha que trabalhar?

**Entrevistado:** Sim. Tinha que trabalhá e a professora era muito braba.

**Pesquisadora:** E quando tu parou de ir pra escola tu sabia ler e escrever? Sabia alguma coisa?

**Entrevistado:** mmmmm

Nada. Nada. Nada.

**Pesquisadora:** E o alfabeto o senhor sabia?

**Entrevistado:** Não.

**Pesquisadora:** Não aprendeu?

**Entrevistado:** Negou com a cabeça.

**Pesquisadora:** E com quantos anos o senhor começou a trabalhar?

**Entrevistado:** Quando tinha 12 aninhos eu fui na olaria.

**Pesquisadora:** Com 12 anos já começou a trabalhar?

**Entrevistado:** Ollaria.

**Pesquisadora:** E antes o senhor trabalhava na roça com seus pais?

**Entrevistado:** Era só na roça.

**Pesquisadora:** E como era trabalhar na olaria?

**Entrevistado:** Pesado, era paulera.

**Pesquisadora:** E o senhor tinha que saber ler e escrever pra trabalhar lá?

**Entrevistado:** Nada, não.

**Pesquisadora:** Não precisava?

**Entrevistado:** Não.

**Pesquisadora:** E o senhor sabe se seus pais foram pra escola quando eram mais novos?

**Entrevistado:** Silêncio

Sim. Sim.

**Pesquisadora:** Eles foram na escola e sabiam ler e escrever?

**Entrevistado:** Sim. O pai sabia, a mãe não sabia.

**Pesquisadora:** A sua mãe não sabia ler?

**Entrevistado:** Não, não sabia lê nem escrevê.

**Pesquisadora:** E o senhor hoje sabe ler ou escrever alguma coisa?

**Entrevistado:** Nada, nada. O nome, o nome. Só o nome sei escrevê.

**Pesquisadora:** O nome o senhor consegue escrever?

**Entrevistado:** Uma e outra palavrinha só.

**Pesquisadora:** Mais nada?

**Entrevistado:** Não. Tristeza

**Pesquisadora:** E tem mais alguém na tua família que não sabe ler e escrever?

**Entrevistado:** Não, não. Tristeza

**Pesquisadora:** Os seus irmãos, 11 irmãos né? Todos sabem ler e escrever?

**Entrevistado:** Sabem lê e escrevê, sim. Tristeza

**Pesquisadora:** Tu sabe quantos anos eles tem mais ou menos? Eles são mais novos ou mais velhos?

Silêncio

**Pesquisadora:** Os seus irmãos, eles são mais novos que o senhor ou mais velhos?

**Entrevistado:** Mais novos.

**Pesquisadora:** O senhor é o mais velho?

**Entrevistado:** Sim, eu sou o mais velho da família.

**Pesquisadora:** E eles moram junto contigo?

**Entrevistado:** Não. Não moram comigo.

**Pesquisadora:** Eles moram onde?

**Entrevistado:** Arroio do ouro.

**Pesquisadora:** O senhor mora na Feliz e todos os outros irmãos moram em Arroio do Ouro ainda?

**Entrevistado:** É, é.

**Pesquisadora:** E porque o senhor acha importante a educação, e saber ler e escrever?

**Entrevistado:** Pra mim seria muito bom, se podia escrevê.

Lê e escreve. Seria muito bom. **Tristeza** Só que não consigo. **Lágrimas**

**Pesquisadora:** O senhor teve dificuldade quando pequeno pra aprender a ler e escrever?

**Entrevistado:** Sim. **Tristeza**

**Pesquisadora:** E se tivesse aprendido a lê e escrever tu acha que tua vida teria sido diferente?

**Entrevistado:** Sim, sim. Eu gostaria.

**Pesquisadora:** Porque o senhor acha que teria sido diferente? Tu acha que talvez tu teria um outro serviço ou algum outro emprego?

**Entrevistado:** Siiiiim, seria muito bom.

**Pesquisadora:** O senhor trabalhou onde? Hoje o senhor é aposentado né?

**Entrevistado:** Sim. Olaria, antigamente. Olaria.

**Pesquisadora:** Só em olaria tu trabalhou?

**Entrevistado:** Só olaria antigamente. Quando era pequeno, só olaria.

**Pesquisadora:** E depois mais tarde?

**Entrevistado:** Mais tarde, depois eu peguei num matadouro. **Confuso**

Não, Agrosul daqui. Cervejaria Agrosul.

**Pesquisadora:** Não era Cervejaria Antártica?

**Entrevistado:** Sim, isso. Era Antártica.

**Pesquisadora:** O senhor primeiro trabalhou na Antártica e depois na Agrosul?

**Entrevistado:** Depois na Agrosul. **Concorda**

**Pesquisadora:** E lá o senhor também não precisava saber ler e escrever?

**Entrevistado:** Não, não precisava.

**Pesquisadora:** Lá o senhor só assinava o nome?

**Entrevistado:** Só assinava o nome num papel, e pronto.

**Pesquisadora:** E tu tem vontade de aprender a ler e escrever?

**Entrevistado:** Sim. Sim, sim.

Sinceramente...Eu tenho vontade.

**Pesquisadora:** Porque tu tem vontade de aprender a ler e escrever?

**Entrevistado:** Só que não consigo. Não consigo. Minha cabeça ficou fraca. Não consigo pegá, sinceramente.

**Pesquisadora:** E tem alguma coisa que no teu dia a dia é difícil pra ti porque tu não sabe ler e escrever?

**Entrevistado:** É difícil. **Tristeza**

É difícil.

É difícil.

**Pesquisadora:** Que tipo de dificuldades o senhor encontra quando vai no centro da cidade ou no supermercado?

**Entrevistado:** Aí eu passo e olho, mas aí vem umas palavras, sabe.

**Pesquisadora:** E o senhor não sabe o que tá escrito.

**Entrevistado:** Não. Não sei.

**Pesquisadora:** E quando senhor precisa saber, o senhor pergunta pra alguém ou deixa assim?

**Entrevistado:** Sim, eu pergunto.

**Pesquisadora:** Que bom que o senhor sempre pergunta.

**Pesquisadora:** E o senhor vai no supermercado e em lojas comprar coisas?

**Entrevistado:** Sim, vou.

**Pesquisadora:** E como é comprar as coisas? O senhor entende?

**Entrevistado:** Tá sendo difícil. Preciso das coisas, aí tenho que perguntá os empregados que tão lá dentro, sabe?

**Pesquisadora:** O senhor sempre pede ajuda?

**Silêncio.**

O entrevistado concorda com a cabeça. Sim, sempre.

**Pesquisadora:** E quando o senhor vê alguma coisa escrita, o que o senhor pensa?

**Silêncio.** Ele balança a cabeça.

**Entrevistado:** Dá pra pegar ou não? Aí eu vou lá perguntar os empregados, sabe.

**Pesquisadora:** Como é que é não saber o que está escrito ali?

**Entrevistado:** Daí tenho que chamar o empregado, sabe, que trabalha ali dentro, pra ver se é esse que quero pegar, se tá certo.

**Pesquisadora:** E eles ajudam sempre?

**Entrevistado:** Sim, ajudam. (não foi com firmeza)

**Pesquisadora:** O senhor comenta com eles que não sabe ler e escrever?

**Entrevistado:** Não, não falo. Só peço o que é. Tristeza

**Pesquisadora:** Já teve alguma vez que você foi no mercado e voltou pra casa sem nada por que tava com vergonha de pedir alguma coisa?

**Entrevistado:** Sim. Sim. Sim. (Concorda com a cabeça)

**Pesquisadora:** E tu já te sentiu mal alguma vez por não saber ler e escrever?

**Entrevistado:** Sim.

**Pesquisadora:** E como foi?

Silêncio. Tristeza

**Entrevistado:** Assim... Como eu vô dizê. (Lágrimas nos olhos)

**Pesquisadora:** Se o senhor não quiser falar, não precisa.

**Entrevistado:** Eu me senti mal que não sabia lê e escrevê, né?

Aí me senti meio mal, porque passei vergonha. Tristeza

**Pesquisadora:** O senhor sente vergonha por isso?

**Entrevistado:** (Lágrimas nos olhos) Silêncio. Sim

**Pesquisadora:** Mas o senhor não precisa sentir vergonha. O senhor teve que, desde pequeno, trabalhar.

**Entrevistado:** É... Desde pequeno. Tristeza e lágrimas.

**Pesquisadora:** O que te vem na mente quando o senhor escuta falar por exemplo, pessoa analfabeta?

**Entrevistado:** É ruim. Lágrimas nos olhos

**Pesquisadora:** Por que é ruim?

**Entrevistado:** Por que não sabê lê e escreve, é... não conseguiu falar

**Pesquisadora:** O senhor não gosta de não saber ler e escrever?

Silêncio

**Pesquisadora:** O senhor acha que não sabe ler e escrever porque sempre teve que trabalhar na roça?

**Entrevistado:** (concorda com a cabeça) Sempre na roça.

**Pesquisadora:** Pra ti o que é uma pessoa alfabetizada?

**Silêncio.**

**Entrevistado:** Como é que vou responder isso? **Pensativo.**

**Entrevistado:** Como?

**Pesquisadora:** O que tu acha que é uma pessoa alfabetizada?

**Entrevistado:** Quem sabe lê e escrever?

**Pesquisadora:** O senhor acha que é ruim ou bom?

**Entrevistado:** Muito bom.

**Pesquisadora:** O que o senhor pensa sobre o analfabetismo? Porque, lembra que faz uns 9 anos atrás que a cidade de Feliz era a cidade com o menor índice de analfabetismo? Que tinha menos pessoas analfabetas aqui. O senhor acredita que tem poucas pessoas analfabetas aqui na cidade ou que tenha mais?

**Entrevistado:** Tem poucas. Poucos. Poucos. Tem poucas pessoas. Não muitas. Tem poucas pessoas analfabetas. Muitas não tem.

**Pesquisadora:** E o senhor conhece mais pessoas analfabetas?

**Entrevistado:** Um e outro, mais ou menos. Um e outro.

**Pesquisadora:** E são pessoas da sua idade ou mais novas?

**Entrevistado:** É, por aí. Nessa minha idade.

**Pesquisadora:** E quantos anos o senhor tem hoje?

**Entrevistado:** 62 anos.

**Pesquisadora:** E o que o senhor pensa sobre alfabetização?

**Silêncio.**

**Entrevistado:** ‘Ensiná’ as pessoas pra aprendê a lê e escrevê?

**Pesquisadora:** O que o senhor pensa sobre o seu futuro?

**Silêncio.**

**Silêncio.**

**Entrevistado:** Pra lê e escrevê.

**Pesquisadora:** O senhor gostaria de aprender a ler e escrever?

**Entrevistado:** SIM.

**Pesquisadora:** E por que o senhor não tenta aprender a ler escrever?

**Entrevistado:** Cabeça fraca. **Tristeza**

**Pesquisadora:** O senhor acha que não vai conseguir?

**Entrevistado:** NÃO. **(Ele afirma com muita certeza)**

**Pesquisadora:** Por quê?

**Entrevistado:** É... A minha idade já... Não. 62 anos, é difícil.

**Pesquisadora:** Mas pra aprender a ler e escrever não importa a idade.

**Entrevistado:** Mas... A minha cabeça fraca.

**Pesquisadora:** O senhor acha que não vai conseguir?

**Entrevistado:** Não vou conseguir. TENHO CERTEZA que não vô conseguí.

**Silêncio. Tristeza**

**Pesquisadora:** Tu acha que existem muitas pessoas analfabetas? Não só aqui em Feliz, mas em outros lugares também?

**Entrevistado:** Outros lugares tem muitos.

**Pesquisadora:** Por que o senhor acha isso?

**Silêncio.**

**Entrevistado:** Antigamente era...

**Silêncio.**

Todo mundo tinha que trabalhá, né? De vez de ir na escola, todo mundo tinha que trabalhar na roça.

**Silêncio.**

Daí ficou analfabetos. **(Lágrimas nos olhos)**

**Pesquisadora:** Não tiveram como ir na escola?

**Entrevistado:** Não tinha condições. Não tinha. **Tristeza** Não tinha.

**Pesquisadora:** Tinha sempre que ajudar os pais?

**Entrevistado:** É. É.

**Pesquisadora:** O senhor fala para as pessoas que não sabe ler e escrever?

**Entrevistado:** Não. Não. **Tristeza**

**Pesquisadora:** O senhor não se sente à vontade de falar isso?

**Entrevistado:** Não me sinto à vontade. **(Nega com a cabeça) Tristeza**

**Pesquisadora:** Como é a vida de uma pessoa que não sabe ler e escrever?

**Silêncio.**

**Entrevistado:** Mais ou menos.

Não é muito bom. Né...Muito ruim. Sabe por quê? Por que aí vô pedí ajuda, se ninguém me ajuda? Daí... **Tristeza, mexe os ombros.**

**Pesquisadora:** E tem pessoas que ajudam e tem pessoas que não ajudam?

**Entrevistado:** É, é.

**Pesquisadora:** E o senhor já foi num lugar que ninguém te ajudou?

**Entrevistado:** Sim. Sim. **Tristeza**

**Pesquisadora:** Onde foi?

**Entrevistado:** No supermercado.

**Pesquisadora:** E foi difícil?

**Entrevistado:** **Silêncio.** Concorde com a cabeça.

**Pesquisadora:** Tem alguma coisa que foi uma dificuldade que tu viveu por não saber ler e escrever? Por exemplo, achar um emprego ou alguma coisa?

**Entrevistado:** Mais ou menos. Eles ajudavam, sabe. Quando ia pedí o emprego, daí davam a ficha e me ajudavam a fazê a ficha. E completavam pra mim.

**Pesquisadora:** Sempre te ajudaram quando o senhor procurava emprego?

**Entrevistado:** Sim, sempre ajudavam.

**Pesquisadora:** Eles sabiam que o senhor não sabia ler e escrever?

**Entrevistado:** Sim, sabiam. **Tristeza**

**Pesquisadora:** Nas empresas que o senhor trabalhou eles sabiam?

**Entrevistado:** Sim, sabiam.

**Pesquisadora:** E como foi trabalhar nessas empresas?

**Entrevistado:** Foi muito bom. Ajudavam pra mim. E eu fui indo.

**Pesquisadora:** Tu acha que se o senhor soubesse ler e escrever a tua vida ia ser diferente hoje?

**Entrevistado:** Seria diferente. **Tristeza**

**Pesquisadora:** Por que tu acha isso? O que tu acha que ia ser diferente?

**Entrevistado:** Daí não precisava pedir a mão pros outros. **Tristeza**

De fazer essas fichas. Completá essas ficha. Daí não precisava de nenhum outro pra me ajudá, assim.

**Pesquisadora:** Não ia precisar pedir ajuda?

**Entrevistado:** Não.

**Pesquisadora:** E o senhor acha que talvez teria outro emprego, não ia ter trabalhado nos mesmo lugares ou ia ter feito um faculdade?

**Entrevistado:** Tem emprego, tem pros analfabetos. Tem emprego pra uma ou duas pessoas. Eles dão a mão pra ajudá.

**Pesquisadora:** O senhor acha que as empresas ajudam?

**Entrevistado:** Ajudam. **(confirma com a cabeça)**

**Pesquisadora:** Com o senhor foi assim? Sempre ajudaram?

**Entrevistado:** Sim...Completamente. Sempre me ajudaram. (Sorriso)

### Transcrição da entrevista 2 → Sujeito B

**Pesquisadora:** Quantos anos a senhora tem?

**Entrevistada:** Eu tem 69.

**Pesquisadora:** E a senhora nasceu aqui na Feliz?

**Entrevistada:** Não. Lá em Tucunduva.

**Pesquisadora:** E como a senhora veio parar aqui?

**Entrevistada:** Eu veio parar por aqui porque tinha cunhado ali.

**Pesquisadora:** E a senhora veio junto pra cá?

**Entrevistada:** Ele veio olhá, sem eu vim junto. Aí nós viemo de mudança.

**Pesquisadora:** E a senhora tem irmãos?

**Entrevistada:** Ali?

**Pesquisadora:** Aqui é?

**Entrevistada:** Se eu tem?

**Pesquisadora:** É, se a senhora tem irmãos?

**Entrevistada:** Tem!

**Pesquisadora:** E quantos irmãos você tem?

**Entrevistada:** Dois ali e uma irmã em Tupandi.

**Pesquisadora:** Todos vocês foram na escola quando eram pequenos?

**Entrevistada:** Acho... **silêncio** Olha... Acho que dois não foram, outros foram.

**Pesquisadora:** Só alguns foram?

**Entrevistada:** Sim

**Pesquisadora:** E vocês tinham que trabalhar na roça? Ajudar o pai e a mãe sempre?

**Entrevistada:** Sim, sim. Sempre, sempre junto com os véio.

**Pesquisadora:** E entre quantos vocês eram no total?

**Entrevistada:** Entre onze. Nove irmãos e duas.

**Pesquisadora:** Duas mulheres e nove homens?

**Entrevistada:** Sim. Família grande.

**Pesquisadora:** E como era quando a senhora era pequena? A senhora tinha que trabalhar ou foi pra escola?

**Entrevistada:** Não foi na escola. Nenhuma vez.

**Pesquisadora:** Tinha que ficar em casa ajudando a mãe?

**Entrevistada:** Em casa. Cuidá das irmãs.

**Pesquisadora:** Tinha que cuidar das irmãs mais novas?

**Entrevistada:** Sim.

**Pesquisadora:** A senhora é a mais velha?

**Entrevistada:** Não... Eu tô no meio.

**Pesquisadora:** Os seus irmãos foram na escola ou só alguns?

**Entrevistada:** Uns foram, uns não... Eu não sei porque o pai não mandou.

**Pesquisadora:** E daí os que foram, estudaram?

**Entrevistada:** Até nos cinco.

**Pesquisadora:** Até a quinta série mais ou menos?

**Entrevistada:** Sim, sim, sim. Na época não tinha.. Lá não tinha nada. Escola era longe. Não tinha ônibus, não tinha. Não tinha condições. Assim... Até meus filhos caminhavam acho que 3 ou 4km de a pé sempre.

**Pesquisadora:** Nessa época não tinha ônibus ainda?

**Entrevistada:** Não

**Pesquisadora:** Não é que nem hoje, que os pais levam de carro ou vão de ônibus.

**Entrevistada:** Não... Nunca, nunca, nunca.

**Pesquisadora:** Era diferente que hoje... Não tinha carro, ônibus.

**Entrevistada:** Não, não tinha.

**Pesquisadora:** Tu sabe se teus pais foram na escola quando eram mais novos?

**Entrevistada:** Óia... O pai veio da Alemanha com 14 ano, eu não pode dizê isso. A mãe foi.

**Pesquisadora:** Ela sabia um pouco?

**Entrevistada:** Sim, sim. Ela sabia um pouco. O pai também sabia. O pai escreveu, eu tava sentada de noite, ele tinha um lampião assim, aí ele tava sentado na mesa com um pincel pra escrever pra Alemanha pra mãe dele. Ele fugiu da guerra com 14 ano.

**Pesquisadora:** Mas aí ele veio sozinho pra cá?

**Entrevistada:** Sim, sim.. Isso eu sei ainda.

**Pesquisadora:** Ele deixou o pai e a mãe lá?

**Entrevistada:** Sim, sim. Isso eu sei ainda. Isso sempre o pai me falô, que era fugido.

**Entrevistada:** Na época era complicado.

(...)

**Pesquisadora:** A senhora vai no mercado no centro da Feliz?

**Entrevistada:** Sim, sim... Tudo. **Felicidade**

**Pesquisadora:** Faz tudo?

**Entrevistada:** Tudo. Tudo eu faz sozinha.

**Pesquisadora:** Que bom!

**Entrevistada:** Eu compro a prestação e tudo, eu pago por mês. Eu pego aposentadoria, sempre antes do tempo. Sempre aqui oh, em dia. Legal.

**Pesquisadora:** E o que a senhora faz no teu dia a dia? A senhora trabalha?

**Entrevistada:** Eu trabalho.

**Pesquisadora:** Em casa?

**Entrevistada:** Eu trabalho ali, e ajudo lá no galpão pra botá os morango nas bandeja.

**Pesquisadora:** Ah..

**Entrevistada:** E as pêra.

**Pesquisadora:** Vocês tem plantação de morango?

**Entrevistada:** Sim, sim. Eu e meu véio ainda.

**Pesquisadora:** Os dois tão trabalhando firme e forte?

**Entrevistada:** Sim. Isso é bom, divertido, tempo passa. Eu não qué sabê. Aqui dentro não. Eu tô em casa, assim fim de semana, se não tem muito o que fazê.

**Pesquisadora:** E os filhos da senhora também ajudam?

**Entrevistada:** Sim, eles são plantador de moranguinho... Só morango eles plantam.  
(fala sobre os filhos)

**Pesquisadora:** A senhora assiste TV e ouve rádio também?

**Entrevistada:** Sim! Tudo.

**Pesquisadora:** Olha bastante novela?

**Entrevistada:** Só de noite.

**Pesquisadora:** E a senhora se interessa pelas coisas que acontecem aqui na cidade? No Brasil? Sempre sabe de tudo?

**Entrevistada:** Sim.

**Pesquisadora:** Presta atenção em tudo?

**Entrevistada:** Claro.

**Pesquisadora:** Assiste bastante TV?

**Entrevistada:** Só de noite, durante o dia não.

**Pesquisadora:** E a senhora tem vontade de aprender a ler e escrever?

**Entrevistada:** Agora não mais.

**Pesquisadora:** Por que não?

**Entrevistada:** Eu sô véia. Tô meio doente também. Eu não vô mais na escola. Se não faltô até agora, não vai faltar agora em diante. **risada** Também eu vô fazer 70 anos já não... Não vô mais chega, eu não vô mais.

**Pesquisadora:** A senhora sabe que tem uma escola ali no Matiel né?

**Entrevistada:** Tem, tem. Eles falaram pra mim.

**Pesquisadora:** Quem?

**Entrevistada:** O posto. (referindo-se ao posto de saúde)

**Pesquisadora:** Ah... Que legal.

**Entrevistada:** Eles ofereceram pra mim. Eu disse que não, e também não vô. (**Afirma com muita certeza**)

**Pesquisadora:** Não se interessa mais?

**Entrevistada:** Não, agora não mais.

...

**Pesquisadora:** E a senhora conhece alguém que frequenta o Numeja?

**Entrevistada:** Não.

**Pesquisadora:** E conhece alguém que não sabe ler e escrever?

**Silêncio**

**Entrevistada:** A minha cunhada, mas ela foi na aula. Ela mora ali embaixo. Ela não sabe muito, mas ela foi na aula. Não se interessô a ir estudá, mas meus filhos todos foram, todos estudaram.

**Pesquisadora:** A senhora acha que ia ter sido diferente, a sua vida, se tivesse aprendido a ler e escrever?

**Entrevistada:** Poquinho.

**Pesquisadora:** O que tu acha que ia mudar?

**Entrevistada:** Ahh... Ia mudar muito diferente coisa. Talvez eu... Agora não vô te dizê, mas antes quando eu tava mais nova, podia trabalhá na firma, uma coisa ou outra ia, mas assim eu nunca, não podia saí de casa né? Sempre na roça, não tinha estudo. Fazê o que né?!

**Pesquisadora:** Nessa época era mais complicado... Meu pai sempre dizia que tinha que trabalhá pra ter o que comê em casa.

**Entrevistada:** Isso é verdade! Nós também passemos por coisa lá embaixo. Nós vivia com milho verde pra secá, pra comê, pra pagá luz. Não era fácil.

**Pesquisadora:** A senhora vê alguma coisa que é difícil por não saber ler e escrever?

**Entrevistada:** Às vez.

**Pesquisadora:** Fazer alguma coisa, o que tu acha difícil?

**Entrevistada:** Tudo! Eu que... Que... Eu... O que eu sempre queria costurá. **Tristeza** Eu até costurei bastante pra escola Escadinhas, sem lê e escrevê, sabe?!

**Pesquisadora:** Aprendeu assim!

**Entrevistada:** É... Da cabeça... Aí eles trouxeram calça, casaco. Eu fiz medida certa, comprei rolos! Assim fiz tudo sozinha. Aí ganhei meus pila, calcinha eu fiz... Tudo! Tudo!

**Pesquisadora:** Ganhou teu dinheiro assim!

**Entrevistada:** Depois... Ahh... Ganhei na coluna, tô meio doente na coluna! Tinha estorado também tudo!

**Risada**

....

**Pesquisadora:** E quando a senhora vai no centro pra pegar a aposentadoria, a senhora retira sozinha ou pede ajuda?

**Entrevistada:** Eu sempre chamo, eu tirei uma vez! Não mais que uma vez, daí eles mudaram.

**Tristeza**

**Pesquisadora:** Ah... Quando mudaram o sistema!

**Entrevistada:** É... Daí eu disse: eu não pode mais pegá sozinha meu dinheiro. Tenho que tê uma ajudante ali!

**Pesquisadora:** E eles sempre te ajudam?

**Entrevistada:** Sempre! Sim! Eu tem que, às vez, tem que esperá um poquinho! Às vez, tem um ali que tá ajudando os outros, daí eu vô junto com ele, assim, vai embora.

**Pesquisadora:** E a senhora sempre vai sozinha?

**Entrevistada:** Siiiiim! **alegria** Eu vô por tudo! Ihh... Isso não tem problema.

**Pesquisadora:** E a senhora vai de ônibus?

**Entrevistada:** Não, meu véio tem carro.

**Pesquisadora:** Ah... O seu esposo sempre leva a senhora!

**Pesquisadora:** E quando a senhora tem uma dúvida, quando tá no centro, por exemplo, a senhora pede pra alguém ou fica quieta e vai embora?

Silêncio...

**Pesquisadora:** Por exemplo, se tá numa loja e tem uma dúvida, a senhora pede?

**Entrevistada:** Não, eu fico quéta e vô embora.

**Pesquisadora:** Por quê?

**Entrevistada:** Por que eu tenho vergonha. **Tristeza**

**Pesquisadora:** Mas não precisa ter vergonha! Tem que perguntar!

**Entrevistada:** É... **tristeza**

**Pesquisadora:** E alguma vez quando a senhora tava em algum lugar, já se sentiu mal por não saber ler e escrever?

**Entrevistada:** Às vez.

**Pesquisadora:** Já aconteceu com a senhora?

**Entrevistada:** Sim! Sim... Se eu vô na cidade grande assim... Quando às vez eu foi pra Porto Alegre com minha mãe, quando ela tava doente, óia óia... Daí eles me mandaram pra um lugar, eu não sabia lê, aí eu tava assim! **tristeza** Só olhei. Mas fazê o quê?! Eu não sabia, daí eu perguntô um homem, outro homem e ele me mandaram cada vez mais longe... Longe... Aí eu disse pra minha mãe:

- Nós vamo fazê a volta, vamo de volta e vamo embora.

**Pesquisadora:** É complicado quando a gente não conhece o lugar né? Cada um manda pra um lugar diferente. Ainda mais cidade grande.

**Entrevistada:** Sim... Sim... É difícil, mas se tu sabe lê, tu só olha as placa e deu! Mas se tu não sabe, fazê o quê?!

**Pesquisadora:** E a mãe da senhora não sabia lê e não conhecia o lugar?

**Entrevistada:** Ela sabia um poquinho ali... Mas coisa mínima! Mínima.

(...)

**Pesquisadora:** E o que vem na sua cabeça quando escuta pessoa analfabeta?

**Entrevistada:** Iah... Acho a mesma coisa como eu tô...

**Risada** Fazê o quê?! Mais um burro! **risada**

**Pesquisadora:** Não... Mas não é burro! A senhora só não sabe lê, porque não teve oportunidade pra aprender a ler e escrever... Porque cada um viveu uma situação... E é só uma condição.

**Entrevistada:** Minha falta... Não foi minha falta! Essa foi dos pai! Os pai que faltô comigo.

**Pesquisadora:** Não tinha condições, né?

**Entrevistada:** Tinha... Não por isso, não tanto! Também tinha pra comprá um caderno ou lápis... Óia! Eu não sei por que... Antigamente não tinha quem foi pra cima: vocês tem que mandá as criança na escola! **tristeza** Eu gostava de ir pra escola! É verdade... Meu Deus!

**Pesquisadora:** É... Hoje em dia as crianças vão logo pra escola!

**Entrevistada:** Concorda com a cabeça.

**Pesquisadora:** Então a senhora gostaria de estudar!

**Entrevistada:** Concorda com a cabeça.

Não quis mais falar sobre.

**Pesquisadora:** E a senhora tem netos?

**Entrevistada:** Tem sim! Cinco já! **sorriso** A L. tem três, e tem mais dois homem grande! Tão tudo bem! Não que nem nós! **tristeza** Quando a gente começou essa casa... Bons tempo! Nós trabalhamos por mês! E por mês a gente pagava. Depois 14 em 14 dia, daí eles pularam de 3 semanas, 3 semanas. Depois por mês a gente pagava, a gente não tinha muito. A casa, em um ano, fizemos 3 auto novo. Nós não tinha um pagamento pra gastá. Quando o dinheiro vira volta...

**Pesquisadora:** Ahh... Quando mudou do cruzeiro e passou pro real!

**Entrevistada:** Caiu muito dinheiro... Mas daí, quando mudô, a gente conseguiu ganhá mais dinheiro, daí a menina ajudô nós! E quando nós tava pronto, nós ajudemo ela, daí compremo ali na frente.

**Pesquisadora:** Ali na frente é tudo de vocês?

**Entrevistada:** Sim, tudo!

**Pesquisadora:** Ali vocês sempre plantam os morangos?

**Entrevistada:** Sim... Nós ia ganhá muito mais se plantasse na terra da menina... Aqui a gente paga tudo sozinho!

**Pesquisadora:** Mas a gente tem que ficar feliz que tem um pedacinho de terra pra plantar pra ganhar um dinheirinho né?

**Entrevistada:** Sim! Sim! Tem que trabalhá!

**Pesquisadora:** E o que a senhora pensa de uma pessoa alfabetizada?

**Entrevistada:** Iah... Pensa o quê? **silêncio**

**Pesquisadora:** Que tu imagina?

**Entrevistada:** Que tá a mesma coisa como eu? Eu não sei.

**Pesquisadora:** E o que a senhora pensa sobre o analfabetismo? A senhora acha que tem bastante gente que não sabe lê e escrevê?

**Entrevistada:** Não! Acho que mudô! Não tem muito! Mudô bastante! Ohhh... Mudô bastante! As pessoas vão mais atrás! Sim, Sim!

**Pesquisadora:** E o que a senhora pensa sobre o seu futuro?

**Entrevistada:** Não quero mais! Deixa assim! Deixa quieto! Tá bom assim!

**Pesquisadora:** Não quer mais aprender a ler a escrever?

**Entrevistada:** Não, não! Deixa assim! E quando tem que ligá... Ahhh... Deixa eu pegá meu caderninho pra te mostrá!

(...) Enquanto ela pega o caderninho

**Pesquisadora:** A senhora mora sozinha?

**Entrevistada:** Não... Meu véio e meu filho mais novo! A gente dividiu a casa.

Assim, nós não fica sozinho!

(...) ela vem com o caderninho

**Entrevistada:** Esse aqui é o telefone do meu marido! Ele sempre tá de chapéu. Esse aqui minha filha!

**Pesquisadora:** A senhora que desenhou?

**Entrevistada:** Siim... **alegria** Essa é minha filha com as duas filhas dela! Essa... minha outra filha... Ela gosta de cerveja!

**Pesquisadora:** Ahhh... Daí a senhora desenhou uma cerveja para saber quem é?! Muito legal!

**Entrevistada:** Esse é o telefone do meu cunhado! Ele gosta de peixe, daí desenhei os peixe! Esse é meu irmão... Ele toca gaita... Daí desenhei a gaita! Assim sei que é ele! E a que corta meu cabelo, desenhei uma tesoura! Assim eu marquei tudo! Se preciso ligar pra alguém, eu sei! Eu me acho, certo! Sei que vou ligá pra pessoa certa! É... Se alguém qué comprá um peixe, ou vendê, pode desenhá um peixe. E assim eu acho tudo! Me acho! Assim tá tudo certo!

**Pesquisadora:** Isso.. Daí a senhora não precisa pedir pra ninguém!

**Entrevistada:** Não, não! Eu me viro sozinha! **sorriso**

**Pesquisadora:** E a senhora costuma contar pras pessoas que não sabe lê e escrever?

**Entrevistada:** Não, não! Eu falo! Eu não tenho vergonha na minha cara pra dizê, eu não sô culpado.

**Pesquisadora:** Não, não... A senhora não tem culpa!

**Entrevistada:** Pai e mãe são culpado. Pai e mãe foi, né?!

**Pesquisadora:** E também não dá pra dizer que é uma culpa!

**Entrevistada:** Não, talvez ele não tinha também! Eu não sei... Pobre nós fomo sempre! Sempre! Sempre!

**Pesquisadora:** Sempre tinha que trabalhar pra ter o que comer.

**Entrevistada:** Sempre, sempre! Foi uma criança atrás do outro.

**Pesquisadora:** Como é que é tua vida? Tem coisa que é difícil pra ti fazer por não saber ler e escrever?

**Entrevistada:** Humm... Não é também um bicho papão.

**Pesquisadora:** Consegue se virar?

**Entrevistada:** Sim, sim, sim, sim! O mais importante consigo fazê! Eu vô no centro, compro tudo fiado! Pago a prestação, assino meu nome! Eu só sei assiná meu nome por causa da minha mãe, porque eu ia casar... Aí a mãe disse:

- Tu tem que assiná teu nome!

Aí eu disse:

- Mas como mãe?

Daí ela botô numa folha e eu foi fazendo igual, sempre! Um outro dia, mais um dia, de noite! Assim tu tem que escrevê, ela disse! Aí eu fui... Assim eu aprendi... Daí casemo.

**Pesquisadora:** Aprendeu ligeiro então? Só porque queria casar, né?

**Entrevistada:** risada Sim... Sim... Daí vai ligeiro. Risada

**Pesquisadora:** Tu acha que a alfabetização poderia mudar a sua vida?

**Entrevistada:** Isso tanto faz! Do jeito que tá, tá bom! Não faiz falta agora pra mim, mas antigamente faz... Quando tinha que trabalhá, daí sim! Eu faz conta, mas não sei fazê... Como posso dizer?! 120 e 140, juntá isso, eu não sei juntá. Mas se tem 150 e 150 eu sei! Dá 300. E 500 e 500 sei que dá mil. Isso eu sei! Tudo de cabeça, não precisa caneta, nada, nada. Nós tinha um bar aqui, 10 ano. Aqui na casa.

**Pesquisadora:** E quem cuidava do bar?

**Entrevistada:** Meu marido cuidava. Eu fui na roça sempre, ele cuidou sempre sozinho. 10 ano, nós tinha 48 e eu 41. Tudo aqui embaixo! Mas nós tinha tanta gente pra comê no sábado de noite, quando tinha jogo.

**Pesquisadora:** Mas aí vocês faziam lanche?

**Entrevistada:** Sim! Sim! Domingo de tarde, isso tava sempre cheio! Tinha sinuca, tudo! 48 (bocha) Nós fizemo nosso pé ali!

**Pesquisadora:** Conseguiram se manter por um bom tempo assim?!

**Entrevistada:** Sim! Sim! 10 ano não é 5 mês. Óia, os piá também sofreram. Trabalharam ali no Seidel, ali na roça, depois ali, fim de semana. Todo mundo se puxô. Hoje todos tem suas coisa e trabalharam bem.

### Transcrição da entrevista 3 → Sujeito C

**Pesquisadora:** Quantos anos os senhor tem?

**Entrevistado:** 54.

**Pesquisadora:** E o senhor mora onde?

**Entrevistado:** Aqui no...no Matiel.

**Pesquisadora:** E o senhor nasceu aqui?

**Entrevistado:** Não, não. Mundo Novo, centro de Farroupilha, em Barbosa.

**Pesquisadora:** E como chegou aqui na Feliz?

**Entrevistado:** De cidade em cidade. A mãe e o pai veio morando pra cá... Pra lá em São Pedro, e de São Pedro, viemo pra cá.

**Pesquisadora:** Foram se mudando?

**Entrevistado:** Fomo se mudando, de São Pedro viemo pra Arroio Feliz. E ali o pai e a mãe moravam até falecê, e eu vim morá pra cá, na Feliz. Vim trabalhá pra Feliz.

**Pesquisadora:** E o senhor tem irmãos?

**Entrevistado:** Tenho, tenho 8, se não me engano. Tem duas mulheres e seis homens. Um já faleceu.

**Pesquisadora:** E quantos anos eles têm mais ou menos? São mais novos ou mais velhos que o senhor?

**Entrevistado:** Eu sô mais novo, o mais velho tem 70, 72 acho... Coisa assim.

**Pesquisadora:** E como era quando vocês eram pequenos?

**Entrevistado:** Olha.. **tristeza**.. Nós trabalhava na roça e ia pra escola... Vamo dizê... **Tristeza** Os meus irmãos, não sei... Por que não sô o mais velho. Quando eu nasci, já não tinha mais ninguém quase em casa, mas quando eu fui pra escola... É eu fui uns três mês, por aí. Daí eu fui mandado pra casa porque a mãe e o pai não tinha mais dinheiro pra pagá a escola.

**Pesquisadora:** Vocês tinham que pagar a escola?

**Entrevistado:** Sim, antigamente tinha que pagá. Isso foi em 80, 83, por aí.. Uma coisa assim, ou 70... Uma coisa assim.

**Pesquisadora:** E o senhor foi só lá nesse período e depois não foi mais?

**Entrevistado:** Só nesse período... Depois foi só no serviço, que a minha irmã tentou um colégio lá em Caxias e não conseguiu. Tava lotado sabe, daí ficou pro outro ano. No outro ano fomo lá de novo e tava cheio de novo. Daí vim pra casa porque a mãe e o pai precisava de mim.

**Pesquisadora:** Aí tinha que ajudá a trabalhá.

**Entrevistado:** Aí eu fui trabalhá na olaria, aqui no Arroio Feliz pra ajudá sustenta a mãe e o pai.

**Pesquisadora:** E os seus irmãos, chegaram a terminar o Ensino Fundamental?

**Entrevistado:** Não, não... Tem um que tá bem de estudo, mas o outro tá já... Desapareceu faz uns 28, 30 ano e também tinha estudado lá em São Pedro, e os outros tão mal e mal ... Assim...

Não tão... Conseguem se virá, é. E tem um que não sabe nem o nome. Não escreve, ele é o mais velho.

**Pesquisadora:** Quantos anos ele tem hoje?

**Entrevistado:** Uns 70, 72. Por aí, não sei certo. Por aí.

**Pesquisadora:** E o senhor, quando saiu da escola, sabia escrever?

**Entrevistado:** Não... **tristeza**

**Pesquisadora:** Não sabia nada?

**Entrevistado:** Sabia as letra, umas letrinha, do começo. As letra eu aprendi agora, sozinho em casa!

**Pesquisadora:** Em casa?

**Entrevistado:** É.

**Pesquisadora:** E o senhor foi, por livre e espontânea vontade, ou alguém te incentivou?

**Entrevistado:** Não, sozinho. **Sorriso de satisfação**

**Pesquisadora:** O senhor sempre quis aprender?

**Entrevistado:** Sempre quis, mas nunca dava tempo, tanto serviço. Aí quando peguei aqui, trabalho nos Kayser, Irmãos Kayser. Trabalhei aqui 23 anos de motorista, aqui. E em casa, de noite, pegava o livro e até dormia com o livro na mão. **Sorriso** Quando tu quer... Quando tu quer uma coisa, sabe? Tu insiste, insiste, insiste. Até eu falei pra professora:

- Dormi quantas noite com o livro em cima do nariz. **Risada**

E hoje, agora a pouco tempo, eu já consegui, com a professora aqui, né?! Tê aula agora, tô aposentado! Não consigo mais trabalhá, né! Por causa do problema na coluna, daí eu conseguí aqui.

**Pesquisadora:** O senhor vem toda semana?

**Entrevistado:** Siiiiim! Toda semana. **Sorriso** É que eu vim aqui, daí disseram que ia tê... Aí, no fim, me ligaram:

- Não vai tê, porque um monte de gente desistiu...

Aí eu fiquei assim... Foi atrás em Bom Princípio, fui na prefeitura. Foi em Bom Princípio, foi no Caí. Não, no Caí só em julho. Daí que eles iam vê. Aliás, em Bom Princípio. E no Caí é do quinto ano em diante, mas como eu não tinha nem o primeiro ano né... **tristeza**

**Pesquisadora:** Ah.. Sim. Daí teria que começar desde cedo.

**Entrevistado:** É... Desde cedo, é. O que eu sabia quando entrei aqui agora, com a guria, agora tem que começá a escrevê ligado... Aí eu me atrapalho tudo.

**Pesquisadora:** Mas vai dar certo!

**Entrevistado:** Vai indo até que dá! **sorriso**

**Pesquisadora:** E onde vocês moravam, a escola era perto ou mais longe?

**Entrevistado:** Lá em São Pedro não... Não... Ela dava 1km e meio de distância, por aí.

**Pesquisadora:** E vocês iam de a pé?

**Entrevistado:** De a pé. Aquele tempo nós trabalhava na roça né. Não tinha, nem bicicleta nós tinha... Pobre, nada pra comê. **Tristeza** Eram outras condições que hoje. É... É que nós só ficava na roça... Lá em São Pedro, só na roça e agora começamo trabalhá nas firma, quando viemo aqui pra baixo, no Arroio Feliz. Daí eu e meu irmão fomo trabalhá. O meu irmão depois de mim, antes, aliás, antes de mim.

**Pesquisadora:** E antes disso, era só na roça? Só ficavam com o pai e mãe ajudando?

**Entrevistado:** Sim... Só na roça, só em casa, na roça... Era de manhã até de noite... Que não tinha outra coisa, né?!

**Pesquisadora:** É... Precisava trabalhar pra ter o que comer, né?

**Entrevistado:** Sim, e o meu irmão então conseguiu. A mãe conseguiu pagá a escola pro meu irmão aprendê. Esse aprendeu a lê e escrevê. Só que eu foi mandado pra casa porque não tinha de chega... Aí era um ou nenhum, né? É... Daí a minha irmã disse:

- Não, então vamo te botá lá na escola. Lá em Caxias, né?!

Cheguemo lá, não tinha mais vaga. **Tristeza** Aí ficou por isso, né... Eu foi trabalhando assim, em casa. E agora... Vamo vê se vai dá certo!

**Pesquisadora:** Vai dá sim... Tem que pensar positivo! A gente tá aqui pra aprender!

**Entrevistado:** Sim, claro! **alegria**

**Pesquisadora:** E tu sabe dizer se teus pais iam pra escola quando eram mais novos? Eles sabiam lê e escrevê?

**Entrevistado:** Sim, sim! Eles sabiam. Acho que sabiam, nunca perguntei. Mas acho que sabiam. A mãe já faz 35 anos que faleceu, o pai já vai... Já fez 30.

**Pesquisadora:** Os dois já são falecidos?

**Entrevistado:** Os dois falecido... É... Quando comecei a trabalhar aqui, uma semana depois faleceu a mãe.

**Pesquisadora:** Ah... meus sentimentos, mas faz parte né...

**Entrevistado:** Sim, sim.

(...)

**Pesquisadora:** E o senhor costuma ir ao mercado, fazer as compras?

**Entrevistado:** Sim!

**Pesquisadora:** E como era quando o senhor não sabia o que tava escrito?

**Entrevistado:** Não... Isso até eu me defendia! **satisfação**

**Pesquisadora:** Conseguia se virar?

**Entrevistado:** Conseguia me defender, é... Pouco a pouco eu me defendia! É que agora fiquei viúvo, né?! Faz... Vai fazer cinco anos que tô viúvo, né! Tenho dois filhos. Um tá aqui na Feliz, e outra tá lá em Osório. **Tristeza**

**Pesquisadora:** Foi morar tão longe?

**Entrevistado:** É... Casô e foi pra lá. Daí agora eu tô sozinho... O guri também foi morá com a namorada... **tristeza** Aí vô me virando. Vô no mercado, faço meu rancho.

**Pesquisadora:** E quando o senhor não sabe o que tá escrito, o senhor pergunta pra alguém?

**Entrevistado:** Não... É difícil... Eu... Mas eu vô e tento entendê... Mas se eu não sei, eu pergunto.

**Pesquisadora:** Não se importa?

**Entrevistado:** Não, não! Isso não. É que tenho pouca visão também...

**Pesquisadora:** Ah... Sim. Isso interfere um pouco.

**Entrevistado:** Isso é pra perto... O de longe ainda não veio. Tô sem duas semana já. O médico lá de Farroupilha me deu o óculos errado. Aí eu tive que mandá, eu fui no... Fui lá de novo fazê o exame, lá tava certo. Só aqui o óculos não tava certo. Eu não enxergava, daí eu fui num outro oculista. Primeiro oculista que eu fui! Aí ele disse:

- Não, não! Isso aqui tava tudo, completamente errado.

**Pesquisadora:** Mas aí o senhor teve que mandar fazer o óculos de novo?

**Entrevistado:** Aí um veio. E o outro ainda não veio... Agora tô na expectativa pra vê!

**Pesquisadora:** Tem que esperar vim agora, pra vê se vai dá certo ou não?!

**Entrevistado:** Pois é!

**Pesquisadora:** E o que o senhor faz no seu dia a dia? Agora que tá aposentado?

**Entrevistado:** Olha... Limpo a casa! Tento limpar, porque não posso pegá nem a vassoura... nem, nem....

**Pesquisadora:** Por causa da coluna?

**Entrevistado:** Causa da coluna! Nem enxada posso pegá! Tenho que passá veneno pra matá o mato. Eu tinha uma hortinha, aí tinha que pará com tudo! **tristeza** Não deu mais pra continuá. Aí só amexa, bergamota... Essas coisas aí, tem!

**Pesquisadora:** Sim... Que não precisa se abaixar né?

**Entrevistado:** É... Agora o mato eu tenho que matá com veneno, né! Eu acho que tem muita, muita gente com esse defeito, né?!

**Pesquisadora:** É... Problema na coluna é complicado, tem que se cuidar!

**Entrevistado:** O médico me proibiu de levantá 2kg. Se vai pegá uma enxada já pesa mais de 2kg. **Tristeza**

**Pesquisadora:** É... Qualquer sacola no mercado já pesa isso, né?!

**Entrevistado:** Eu me cuido quando vô no mercado! Me cuido pra não pegá muito peso!

**Pesquisadora:** E o senhor assiste bastante TV ou não é de assisti TV?

**Entrevistado:** Ahhh... **sorriso** Eu assisto filme... E de noite assisto minha novela. **Sorriso**

**Pesquisadora:** Gosta de assistir novela?

**Entrevistado:** É... **sorriso** Vô fazê o quê? Assisto novela, tomo chimarrão...

**Pesquisadora:** E as notícias, o senhor assiste?

**Entrevistado:** Ahh... Assisto notícia todas as noite!

**Pesquisadora:** Gosta de assistir o jornal?

**Entrevistado:** Se eu pudé, eu olho de meio dia... Olho de noite! **sorriso**

**Pesquisadora:** E o senhor recebe jornal em casa?

**Entrevistado:** Não! Isso não peguei ainda. Quando preciso, eu compro, né?! Por que... Que eu vô fazer com jornal? Porque eu enxergo pouco, né?! Aí tem que sempre botá o óculos.

**Pesquisadora:** Mas aí consegue lê e entender, né?

**Entrevistado:** Siiim... **sorriso** É que podia sê escrito um pouquinho maior! E eu tenho defeito, né?! Tenho só uma vista. Daí eu leio, pego um livro... Leio todo ele... Assim, livro que tá escrito, assim, um poquinho mais grande. Fora a fora. Mas aí, quando eu vô escrevê, eu sempre esqueço de letra. **Tristeza**

**Pesquisadora:** Mas isso é só até acostumar... Depois vai no automático! O senhor está aprendendo ainda.

**Entrevistado:** Aprendo um poquinho mais!

**Pesquisadora:** E faz tempo que o senhor vem aqui nas aulas?

**Entrevistado:** Olha... Nós comecemos em abril, dia 2 de abril.

**Pesquisadora:** E como tá sendo vim aqui?

**Entrevistado:** Tamo indo... Tamo indo, legal, é! **sorriso** A professora ajuda bastante! Ela é calma. Sabe como professora tem que sê?! Encaminha.... E a gente vai fazendo! **sorriso**

**Pesquisadora:** Já aprendeu bastante coisa?

**Entrevistado:** Já! Já aprendi bastante! **sorriso** As conta de mais eu fazia... Agora, já, já tá me botando conta de dividí. As mais difícil... Dividí não! As de multiplicá! E dividi é, dividi não fizemo ainda! Só fizemo a vezes... Mais de vezes... Aí... Isso fui bem ainda, de mais eu sabia! **sorriso** Que fazia muitas contas!

**Pesquisadora:** É que no dia a dia a gente usa essas, né?

**Entrevistado:** E ali, como eu trabalhava de fazê vale, daí eu já escrevia sozinho! Fazia os valezinho, as carga eu levava pra lá... Isso já ajudava! Em casa sempre tinha o livrinho de caça palavras! **sorriso**

**Pesquisadora:** Ahh... Que legal! O senhor fazia os caça palavras?

**Entrevistado:** Sim! Sim! Eu tenho um livro grande assim, que eu peguei numa professora, lá do Vale do Lobo, e tá comigo hoje ainda! **sorriso** Esse livro sempre dormia em cima do meu nariz de noite! **risada**

**Pesquisadora:** E conseguiu preencher ele todo?

**Entrevistado:** Consegui... Ah, o livrinho?? Sim!

**Pesquisadora:** Fez todo ele?

**Entrevistado:** Todo, todo, não! Tem uns 50 ainda.

**Pesquisadora:** Isso é bom, né?

**Entrevistado:** Exercita!

**Pesquisadora:** A leitura, né?

**Entrevistado:** Sim... **sorriso**

**Pesquisadora:** A gente sempre aprende uma coisa nova também!

**Entrevistado:** É... Sempre vai... Vai, cada vez uma palavra diferente, né?! Tu vai procurando e vai achando! **sorriso**

**Pesquisadora:** E antes do senhor vim aqui, sabia que tinha essas aulas aqui na escola?

**Entrevistado:** Eu sabia, só que como tava trabalhando, eu não tinha como... **tristeza**

**Pesquisadora:** O senhor trabalhava até mais tarde?

**Entrevistado:** Eu pegava de manhã, e não tinha hora pra saí! Não tinha hora pra largá... Tinha noites que era 11hs da noite, tava trabalhando ainda. Eu fazia entregas, tinha que carregá o caminhão pra de manhã descarrega brita, areia, tudo a pá. Até eu tentei... Fui numa professora - que ela mora aqui perto - eu fui na casa dela de noite, umas 4, 5 vez... Mas não aguentava. **tristeza**

**Pesquisadora:** É muito puxado, né?

**Entrevistado:** Aquela 1 hora, 1h30 que ia lá fazê aula com ela... Quando eu voltava eu pegava na pá de novo, até 1h, meia noite... Pra daí no outro dia fazê a entrega.

**Pesquisadora:** Mas aí o senhor ficava bem cansado!

**Entrevistado:** É... Era bem puxado. **Tristeza**

**Pesquisadora:** E com exceção do seu irmão, o senhor conhece mais alguém que não sabe ler e escrever?

**Entrevistado:** Não, eu também nunca, nunca perguntei, também.

**Pesquisadora:** E tu acha que tem mais pessoas que não sabem ler?

**Entrevistado:** Ahh... **tristeza** Deve tê... Deve tê.

**Pesquisadora:** As pessoas não gostam de falar?

**Entrevistado:** Não... **tristeza** Eu também não gostava de falá que eu... Eu até um dia falei lá na... Lá onde faz os documento... Ali eu falei pra mulher lá:

- Eu tem que tá fugindo das pessoas porque tô me escondendo.

Diz ela:

- Mas porquê?

- Ahhh... É... Eu tenho vergonha de falá que não sei lê, né?!

Antigamente tu já sabia lê, né! E agora eu não consegui... **tristeza** Não consegui, né?! Que fui mandado pra casa. **Lágrimas nos olhos**

**Pesquisadora:** Mas senhor Marcos... A gente não pode ter vergonha, porque as prioridades eram outras, né! Hoje já é bem diferente! Qualquer criança, elas vão logo estudar.. Antigamente a prioridade era trabalhar!

**Entrevistado:** É... Antigamente era outros versos na vida... Não é que nem hoje... Hoje não. Hoje a criança não pode mais trabalhá a não ser antes de tê 16 anos. E...

**Pesquisadora:** É, tem as leis.

**Entrevistado:** É... Antigamente quando tu conseguia ir pra roça com a enxadinha, tu já tava trabalhando bem cedo! E eu, de tanto cedo que comecei, né?! A levantar peso, né! Tô quebrado das costa e daí? Agora... **tristeza**

**Pesquisadora:** Não pode mais fazer força!

**Entrevistado:** Não posso! **tristeza**

**Pesquisadora:** Mas agora pode descansar, né?

**Entrevistado:** É... mas agora tem que corre atrás do colégio, né?

**Pesquisadora:** Mas agora tem tempo, não é?

**Entrevistado:** É verdade! **sorriso**

**Pesquisadora:** Nunca é tarde pra aprendê!!

**Entrevistado:** Pois é! Nunca é tarde! É verdade! **alegria**

**Pesquisadora:** E se tu tivesse aprendido a lê e escrevê, se tivesse ficado na escola, tu acha que tua vida ia ter sido diferente?

**Entrevistado:** Olha... **pensativo** Eu acho que ia se diferente! Que daí eu não taria aqui, né! **risada** Eu taria... Vamo supor, a minha vida pode se... Que eu taria viajando! **sorriso** Que o meu sonho sempre era caminhão!

**Pesquisadora:** É? Queria ser caminhoneiro?

**Entrevistado:** É... Caminhoneiro! E eu fui por 23 anos, é, caçambeiro! Daí agora tamo aí, só com carrinho de mão! **risada**

(...)

**Pesquisadora:** Desde que tu tá estudando aqui, mudou alguma coisa na tua vida?

**Entrevistado:** Mudou... **sorriso** Que eu sento mais no livro de dia, né! Daí dá mais ânimo pra lê o livro, né! **sorriso** Sento com o livro... Alevanto... Dô uma volta lá fora! Entro! Sento de novo, vamo no livro de novo. Vamo lá! **sorriso**

**Pesquisadora:** E tá gostando de ler?

**Entrevistado:** Tô gostando! **sorriso** Sempre gostei... Só que eu nunca tinha oportunidade, né? **tristeza** Agora tô tendo oportunidade! Vamo tem que aproveitá! **alegria** Vamo aproveitá!

**Pesquisadora:** E quando tu não sabia lê, tinha alguma dificuldade que tu sentia?

**Entrevistado:** Tinha umas palavra que não conseguia. Decifrá umas letras... Eu falei pra professora, tinha umas letra que não conseguia decifrá. Agora quase todas eu consigo, quase todas, não todas!

**Pesquisadora:** E quando ia pra algum lugar que não conhecia, tu conseguia se virar? Saber pra que lugar deveria ir?

**Entrevistado:** Ahhh... Pelas placa eu ia me virava... Pelas placa eu me virava, porque as placa é com a letra separada! Se fosse emendada, não sabia! Porque eu só escrevia desemendado. Aí eu me enrolava, palavras que eu conseguia, tinhas palavras que eu não conseguia.

**Pesquisadora:** E já aconteceu alguma vez de tu te sentir perdido por não saber onde tava?

**Entrevistado:** É... Alguma vez, sim! Isso foi em São Leopoldo. Lá tinha as... Umas placa que procurei lá... Hospital, mas eu não vi as placa, porque as placa era muito pequeninha pra enxergá. Daí eu tive que perguntá pra chegá lá... Que têm as placa pra chegá lá, né? Eu tive que perguntá pra chegá, porque botaram umas placa muito pequena.

**Pesquisadora:** E o senhor não se importava em pedir?

**Entrevistado:** Não, não! Não! Pra mim, é o menos! Até hoje ainda, se eu não consigo, que falta visão, né?!

**Pesquisadora:** Daí pergunta?

**Entrevistado:** Eu pergunto! Sim, eu pergunto.

**Pesquisadora:** Não precisa se preocupar, que alguém vai ajudar?

**Entrevistado:** Alguém ajuda! Pessoa que sabe, ajuda sim! **sorriso**

**Pesquisadora:** E as pessoas no geral, elas costumam ajudar quando o senhor pergunta se tem dúvida?

**Entrevistado:** Sim, sim! Pessoa que sabe, ajuda! A gente fala os problema que tem... Visão e coisa... Que não é, vamos supor, perdido, perdido, né?! Quando tu mesmo sabe, é bem mais fácil. Mas quando tem que perguntá, é meio difícil... Mas vamo se virando!

**Pesquisadora:** E já aconteceu de tu te sentir mal com alguma coisa, ou alguém que não te ajudou?

**Entrevistado:** Não! Não! Sempre, até hoje, me ajudaram quando precisei!

**Pesquisadora:** O que te vem na mente quando tu escuta alguém falar “pessoa analfabeta”?

**Entrevistado:** Eu penso assim: eu também fui, sô ainda, mas já tô me levando, né?! O que eu aprendi... Aprendi sozinho, como falei! Mas eu sempre penso porque que também não arranja uma ajuda, né?! Pra melhorá, né?! O bom é que consegui aqui. É que eu tinha que... Se não conseguisse aqui, eu ia pra Bom Princípio ou Caí.

**Pesquisadora:** Daí ia mais longe.

**Entrevistado:** É... Bom Princípio ia dá em julho.

**Pesquisadora:** E agora não ia ter nem começado ainda?

**Entrevistado:** Não... Só mês que vem. Daí eles iam vê ainda se tinha lugar, né?! Por que eu fiquei assim... Fazê o quê? Tanto tempo sem... Sem ninguém me ajudá **tristeza** a sabê corretamente, então vô ficá pro resto da vida assim, né!

**Pesquisadora:** Mas que bom que deu certo aqui, não é? Agora já estamos fazendo conta!

**Entrevistado:** Eu fiquei contente o dia que me ligaram aqui, que vai ter! **sorriso**

**Pesquisadora:** Eles te ligaram?

**Entrevistado:** Eles me ligaram, que já tava desistindo, né?! Por que tanto tempo...

**Pesquisadora:** O senhor veio aqui na escola?

**Entrevistado:** Sim, eu vim aqui! Eu vim aqui perguntá, me inscrevi. Aí ela disse:

- Não! Vai ter umas 12 pessoas, daí vai começá tal dia! Nós vamo te ligá.

Aí quando era pra começá, me ligaram:

- Não! Não vai tê mais. Que 10 pessoa desistiram!

Aí fazê o quê? Daí foi mais umas 2 semana depois, se não me engano. Daí eu fui na prefeitura...

Isso, isso e tal... Fui atrás, né?! Daí me ligaram:

- Vai tê aula! Tu quer ir?

- Mas claro que eu quero, né?! **sorriso**

Daí vim no dia marcado e já começemo.

**Pesquisadora:** Já começaram logo?

**Entrevistado:** Sim! Sim! No dia marcado, já começemo! **alegria**

**Pesquisadora:** E como estão sendo as aulas?

**Entrevistado:** Olha... **pensativo**

**Pesquisadora:** Tá difícil ou tá indo?

**Entrevistado:** Ahh... Tá indo! Não vô dizer que vô voar diretamente **risada** né! Mas eu não vô dizê, tá, diretamente! Tá indo... Devagarzinho! Eu disse pra ela, vamo devagar que...

**Pesquisadora:** Sim... Devagar e certo!

**Entrevistado:** Sim! **sorriso**

**Pesquisadora:** E o que tu pensa que é uma pessoa alfabetizada?

**Entrevistado:** Bom... Alfabetizada é uma pessoa que já... Já aprendeu! Já consegue lê e escreve, né? Aprendeu tudo de pequeno.

**Pesquisadora:** E como tu acha que é isso? É um processo fácil?

**Entrevistado:** Isso eu acho... Que de pequeno, eu acho que aprende mais rápido, né?! Acho eu... Daí a cabeça ajuda mais, acho! Que é todos os dia, né?! Nós vem uma vez por semana, aí já é mais difícil, né?!

**Pesquisadora:** E vocês ganham tema pra fazer em casa?

**Entrevistado:** É... **sorriso** De vez em quando ela dá!

**Pesquisadora:** E consegue fazer em casa?

**Entrevistado:** Pois é... Não é fácil, às vezes! A colega tem ajuda, só que eu não tenho ajuda, né?! Eu sô sozinho! **tristeza** A colega tem os filhos dela que ajuda. Que tão na aula, né?! Daí já é mais fácil pra ela. Pra mim já é mais difícil. **Tristeza**

**Pesquisadora:** Mas mesmo achando difícil, o senhor vai tentar fazer?

**Entrevistado:** Mesmo assim eu faço! Eu corrijo umas coisa que tá errado, e faço certo. Quando não consigo entender, aí deixo.

**Pesquisadora:** E alfabetização, o que tu pensa sobre?

**Entrevistado:** Ahh... Isso é bom, né?! O que eu vou pensar? Coisa boa, porque todos precisam, né?! Agora, hoje quem não tem estudo... Até pra varrer rua precisa de estudo, que antigamente não precisava... Tu sabia, tu só apertava mão!

**Pesquisadora:** É que antigamente não era tão cobrado, né?

**Entrevistado:** Não... É que agora a tecnologia, né! Que tá saindo...

**Pesquisadora:** Agora as crianças de hoje, quase já nascem sabendo fazer tudo, né?

**Entrevistado:** É... Sim... Já sabem mexer com tudo! Elas vão mexendo, o pai e mãe tem internet, né! E elas vão aprendendo por ali já, né?

**Pesquisadora:** Dá pra se dizer que aprendem sozinhos!

**Entrevistado:** É... No telefone... Que eles não desgrudam do telefone, né? E eu até hoje não botei internet no telefone. Eu não botei internet, nem nada. Eu tenho medo que... Causa da minha visão curta.

**Pesquisadora:** Sim, tem que cuidar.

(...)

**Pesquisadora:** E o que tu pensa do teu futuro?

**Entrevistado:** Eu penso em mim, que agora eu posso pegá um livro... Lê melhor em casa, um jornal, lê melhor, né? Que antes, muitas, muitas palavras eu não entendia. Eu ia indo, ia lendo, fazendo como podia.

**Pesquisadora:** E agora em diante tá sendo mais fácil?

**Entrevistado:** Tá sim! **sorriso de alegria**

**Pesquisadora:** Como é a vida de uma pessoa que não sabe lê e escreve?

**Entrevistado:** É... Isso é ruim! **tristeza** É ruim, mas se leva também! A gente vive também! **sorriso** Que a vida é uma só, né?! A gente vive também! Só que a gente não sabe lê nem escrevê, né!!

**Pesquisadora:** É só uma dificuldade que tem!

**Entrevistado:** É... A vida é tudo igual! É só a dificuldade de lê e escrevê, né!

#### **Transcrição da entrevista 4 → Sujeito D**

**Pesquisadora:** Quantos anos a senhora tem?

**Entrevistada:** 46.

**Pesquisadora:** E a senhora mora onde?

**Entrevistada:** Escadinhas.

**Pesquisadora:** E a senhora nasceu aqui?

**Entrevistada:** Não... Eu nasci em Cruzeiro do Sul.

**Pesquisadora:** Como veio parar aqui?

**Entrevistada:** Porque eu conheci meu marido, num baile aqui no Bela Vista, que tinha aquela época. Muitos anos atrás no salão Bela Vista. Aí eu conheci ele, começemo a namorar. Tive um filho e viemo morar pra cá. Vim de Novo Hamburgo.

**Pesquisadora:** Morava com seus pais até então?

**Entrevistada:** Sim... Com o pai e minha mãe.

**Pesquisadora:** E a senhora tem irmãos?

**Entrevistada:** Tem... Uma irmã e mais um irmão.

**Pesquisadora:** E quantos anos eles têm?

**Entrevistada:** Meu irmão tem 50, e minha outra irmã 44. Faleceu já faz anos. E a minha mãe também já faleceu, e meu pai ainda vive.

**Pesquisadora:** E vocês foram na escola quando eram pequenos?

**Entrevistada:** Todos eles foram. Só eu que não. **Tristeza**

**Pesquisadora:** E por que você não foi?

**Entrevistada:** Porque assim oh... A minha mãe trabalhava numa casa de gente muito rica, lá em Novo Hamburgo. Daí a minha patroa, a patroa dela, sempre dizia que queria que eu trabalhasse com ela. Daí minha mãe disse que se botasse eu no colégio depois, daí eu deixo pra trabalhá contigo quando ela for maior. Daí eu tinha 13 anos, eu fui trabalhar com ela. Morava com minha patroa, assim... Morei anos, anos, anos... Minha vida toda, quase morei lá pra ela. Morei com ela dos 13 até os 27 anos. Eu trabalhei com ela, daí eu vinha só final de semana. Só no final do mês pra casa, pra trazer o dinheiro pra minha mãe e pro meu pai. Ajudava eles, daí eu trabalhava nessa casa. E daí minha mãe parou de trabalhar nessa casa, porque ela pegou uma outra empregada. Daí ela pegou eu pra cuidar dos filhos dela, que ela tinha ganhado duas meninas. Ela tinha ganhado na época. Aí eu fui pra cuidar das crianças, e a outra empregada, então, pra fazer o serviço. Daí as crianças cresceram, cresceram, cresceram. E eu fiquei como braço direito da minha patroa.

**Pesquisadora:** Trabalhou por muito tempo com ela?

**Entrevistada:** Muitos anos... até 27 anos.

**Pesquisadora:** E daí não foi na escola?

**Entrevistada:** Não me botou na escola. **Tristeza**

**Pesquisadora:** E os seus irmãos foram?

**Entrevistada:** Os meus irmãos, todos eles sabem lê, **tristeza** todos eles sabem escrevê. Só eu que não. Só eu que fiquei, que eu quis ajudá meus pais, daí eu só vinha pra casa no final do mês pra trazer meu salário. Eu vinha no sábado de manhã e domingo de tarde já tinha que voltá.

**Tristeza**

**Pesquisadora:** Era bem corrido então?

**Entrevistada:** Era. Era só pra trazer o dinheiro pra casa mesmo.

**Pesquisadora:** E era bom trabalhar lá?

**Entrevistada:** Aii... Eu gostava, porque eu aprendi tanta coisa com ela! Meu Deus! **sorriso** Ela me ensinou tanta coisa, sabe? Só que o principal eu não aprendi, mas eu pensei assim: Ahhh, pelo menos eu sou uma boa doméstica, né?! Porque hoje eu sô a melhor doméstica que tem na Feliz, sô eu! Já tô a 14 anos numa casa. Só que o estudo não... Daí eu pensei, não... Eu tem que voltá a estudá.

**Pesquisadora:** E foi tu quem quis?

**Entrevistada:** Eu que quis! **sorriso**

**Pesquisadora:** E como ficou sabendo daqui?

**Entrevistada:** É que aqui no EJA, eu já tinha vindo uns 9 ano, 10 anos atrás. Que eu já estudei. Aí eu fiquei, aprendi tudo. A professora Ana que me dava aula, aí ela me ensinou a lê e escrevê tudo, daí eu engravidei do meu guri. Daí tive que saí pra cuidá do gurizinho, não ficá em casa, porque não tinha mais como deixá ele de noite sozinho, daí parei de estudar. Agora, depois, ele tem 9 anos, eu voltei de novo! Agora daí eu fui, daí eu disse assim:

- Vô voltá a estudá, porque eu preciso, né?!

Porque eles pede as coisa pra mim, porque o pai deles não tem paciência. Aí eles pede as coisa pra mim:

- Ai, mãe! Tu podia me ajudá!

- Mas a mãe não sabe lê, aí como é que a mãe vai ajudá vocês?

Aí eu resolvi voltá, pra mim ajudá os meus filhos. Claro que agora minha guria já tá na sétima série e o guri tá na quarta, né? Mas o meu interesse maior mesmo foi pra ajudá meus filhos.

**Pesquisadora:** E como tá sendo agora?

**Entrevistada:** Tá bom... Por que agora eu tô lendo! **sorriso** Até a professora, semana passada, se emocionou que eu consegui lê! **alegria**

**Pesquisadora:** Ohh... Que legal! Aos pouquinhos vai indo, né?

**Entrevistada:** Siiim... Vai indo, mas é muito bom, muito bom estudá! **sorriso** Daí a professora perguntô pra mim porque eu voltei.

- Eu voltei porque eu quero tirá a carteira. **Sorriso**

**Pesquisadora:** Isso aí... Quando vê tá vindo de carro pras aulas!

**Entrevistada:** Sim! Sim! Imagina! **sorriso de alegria** Mas eu fui... Mais no colégio mesmo, eu trabalhei mesmo pra ajudá meus pais, de babá.

**Pesquisadora:** E como era tua vida quando tu era criança?

**Entrevistada:** Eu só trabalhei, só trabalhei.

**Pesquisadora:** Tu ficava o dia inteiro lá?

**Entrevistada:** Nessa casa, eu fui lá pra morá lá, mas quando eu era mais criança, mais pequena, eu ia junto com minha mãe, ajudá ela a fazê faxina. Aí eu ficava lá onde minha mãe ia fazê faxina. Eu ia junto pra ajudá ela. Sempre trabalhei de doméstica, sempre ajudei minha mãe. Daí minha mãe ganhava um pouquinho a mais, porque eu ia junto e ajudava ela.

**Pesquisadora:** E os seus irmãos, quando iam pra escola, como eles iam? A escola era perto?

**Entrevistada:** Era perto de casa, sim! Eles iam de a pé.

**Silêncio (ela não quis falar mais sobre)**

**Pesquisadora:** Tu me contou que não foi na escola...

**Entrevistada:** Eu fui. Eu fui um tempo na escola, mas depois tive que saí, né?! Mas daí eu não consegui aprendê nada. Um tempo eu fui.

**Pesquisadora:** E como era quando tu tinha ido na escola? Tu lembra?

**Entrevistada:** Eu me lembro... Mas... Eu vô falá... Mas a minha mãe e meu pai, sempre vinha bilhete pra mim, sempre. Porque eu ia na escola, era assim ó... Era, eu não sei se isso é da gente ou que que é... Eu não sei, dava a hora do recreio e eu não ia brincá com os outros colega, eu ia ajudá as merendeira a servi o almoço e lavá a loça. Daí a professora sempre chamava:

- C.? Onde tá a C.?

Tava lá no refeitório com as merendeira. Eu nunca, eu rodei 3 vez a segunda série, 3 vez. Só por causa disso, porque eu não prestava atenção, que queria ajudá elas, as mulheres.

**Pesquisadora:** Tu só pensava na hora do recreio pra ajudar elas!

**Entrevistada:** É... Daí elas faziam assim, elas me davam merenda, porque eu não levava merenda. Nós tinha merenda, sabe? **tristeza** Daí elas sempre me davam mais merenda, pra mim ajuda elas, e eu ajudava.

**Pesquisadora:** E gostava?

**Entrevistada:** Eu gostava. Batia... A professora batia o sinal e eu corria pra lá, quando batia o sinal. Eu não ouvia, que eu tava lá ajudando a secá a loça, sabe? E elas gostavam. Nunca mais... Não sei se já deve, se tá morta já. Que é muitos anos. Aí meu pai:

- Eu vô te tira do colégio! Porque tu vai pro colégio?

Todo dia vinha bilhete, todo dia.

**Pesquisadora:** Mas porque tu ficava lá com as merendeiras?

**Entrevistada:** É, porque eu ficava lá. Eu não acompanhava as aula, né?! Ela vinha me chama lá, a professora. Sempre.

**Pesquisadora:** E daí, depois teve que saí da escola pra ir trabalhar?

**Entrevistada:** Daí eu tive que sair depois, acho que eu tinha o quê? Uns 10 anos ou 9 anos. Uma coisa assim... Daí eu tive que ajudá minha mãe! Ela disse:

- Vô te botá a trabalhá, por que estudá não adianta, tu não vai aprendê. **Silêncio**

Daí pelo menos tinha merenda pra comê, né? **suspiro** Pensava na merenda e ajudava elas, né? E aquelas merenda era... Hoje vai botá um filho da gente pra comê aquilo, era sorja sabe? Era um arroz, mas aquilo era tão bom! Era pão com banha, sabe? Hoje eu falo pras minhas crianças, eles não querem comer schmia no pão. Aí eu falo pra eles, vão comer pão com banha.

(...)

Mas eu tinha colegas que levavam bolachinha recheada. É... Nós era pão com banha. Bolachinha recheada, nunca comi quando eu era criança... O filho dos outros comia... Eu não... Eu comia 2, 3 fatia de pão com banha! Era tão bom, hoje não posso nem vê... **risada**

**Pesquisadora:** E quando tu saiu da escola, tu não sabia lê?

**Entrevistada:** Não, não sabia. Porque eu nunca tinha aprendido.

**Pesquisadora:** Mas as letras tu conhecia?

**Entrevistada:** Não, também não... Não sabia, não sabia nada pra lê. Aprendi com a professora aqui, 10 ou 9 anos atrás. Ela me ensinou tudo! Eu não sabia nada, nada, nada.

**Pesquisadora:** Era a mesma professora?

**Entrevistada:** Não, não. Era outra, a Dani. Ela que me ajudou muito, me ajudou muito. As letra bonita que eu tenho hoje, foi ela que me ajudou. Aí eu já vim aqui, que eu já não era tão mais analfabeta, que eu conhecia tudo as outras letras.

**Pesquisadora:** Já tava um pouco mais avançada que os outros colegas?

**Entrevistada:** É... Melhor! Quando eu vim ali, eu não sabia nada, nada, nada. Daí a minha patroa sempre dizia pra mim:

- Um dia tu vai aprendê a estudá C. ... Um dia tu vai aprendê!

Mas ela nunca me botô num colégio. **Tristeza** Eu só trabalhei. Podia tê me botado meio turno, de repente. Eu trabalhava meio turno, já que eu morava lá com eles, né?!

**Pesquisadora:** Até poderia ter ido junto com os filhos dela, já que cuidava deles, né?

**Entrevistada:** Sim... Eu arrumava eles tudo pra ir pro colégio, daí eu ia fazê o serviço. Daí ela tava sempre junto comigo na cozinha. Ela vinha mais cedo pra fazê o almoço, porque era ela que fazia o almoço, né?! Aí eu ajudava ela a pica as coisa, ela me ensinava direitinho, sabe?

**Pesquisadora:** No começo ela te ajudava e depois tu fazia sozinha?

**Entrevistada:** Depois eu tive que fazê sozinha. Aí era janta todo dia de noite. Tinha vez que ia dormi 2 horas da manhã e tinha que acordá no outro dia cedo pra arrumá as criança, pra ir pro colégio.

**Pesquisadora:** É... Porque até jantar, lavar a louça, arrumar tudo e ir dormir...

**Entrevistada:** Aí ela falava:

- Eu não preciso me preocupá, eu tenho minha C., ela dizia.

Me pagava um salário e deu... Me pagava sempre um pouquinho a mais.

(...)

**Pesquisadora:** E tu sabe se teus pais sabiam ler e escrever? Se eles foram na escola?

**Entrevistada:** Sabiam... Sabiam. Minha mãe me ajudava às vez, mas ela não tinha paciência, que ela tava sempre cansada.

**Pesquisadora:** E tem mais alguém na tua família que não sabe ler?

**Entrevistada:** Não... **tristeza** Só eu. Meus irmão, todos eles foram, todo eles sabem lê. **Tristeza** Todos têm. A minha irmã tem a 4ª série, e meu irmão foi... Até lá as últimas.

**Pesquisadora:** E eles moram por aqui?

**Entrevistada:** Não.. Eles moram, um em Novo Hamburgo, e o outro mora em Cruzeiro do Sul.

**Pesquisadora:** E tu tem contato com eles?

**Entrevistada:** Sim! Sim... Mas é que, o problema dos meus irmão, que eles foram pro colégio pra aprendê a lê. Eles não faziam o que eu fazia, que ia lá ajudá os outros! Por isso que eles conseguiam acompanhá as aula. E era tudo na mesma aula, no mesmo colégio.

(...)

**Pesquisadora:** E tu vai no mercado? Tu compra as coisas sozinha?

**Entrevistada:** Sim! Sim! Tudo sozinha! **sorriso**

**Pesquisadora:** E quando tinha algo que não sabia, tu pedia pra alguém?

**Entrevistada:** Quando eu não sabia, eu levava um papel escrito e pedia pra guria do mercado. Daí ela separava as coisas.

**Pesquisadora:** E tu nunca te importou em pedir?

**Entrevistada:** Não, não. Nunca me importei, sempre foi tranquilo. Daí as pessoa dizia:

- Ai... C.! Tu tem que voltá a estudá!

- Aiii... Mas eu não tenho tempo! Aiii... Não dá, eu tenho minhas criança pequena, esperá minhas criança crescê. Depois eu volto.

Todo mundo queria que eu voltasse. A minha patroa, essa que trabalho com ela anos já, ela sempre dizia:

- Volta a estudá, C.! Tu precisa. Vai lá de uma vez.

**Pesquisadora:** E tu trabalha com ela ainda?

**Entrevistada:** Sim, trabalho com ela ainda. Eu vim morá pra cá. Quando eu saí de Novo Hamburgo arrumei aqui, eu só saí daquele emprego porque eu já tinha emprego arrumado aqui. Aí eu saí de lá pra vim pra cá. Eu saí na sexta de lá, e na segunda já tava trabalhando aqui. E tô aqui até hoje. Faz 15 anos que moro aqui na Feliz. Faz 15 anos que eu trabalho com eles, e eles me adoram.

(...)

**Pesquisadora:** E o que tu faz no teu dia a dia quando tu não tá trabalhando?

**Entrevistada:** Óh... Eu trabalho na R., 3 vez por semana. Trabalho numa outra casa também, 2 vez por semana. Tenho 4 estufa na minha casa, com as coisa que eu planto, que é plantação minha! Que é terreno meu, que eu comprei e fiz as estufa. Em sábado, eu faço faxina até meio dia, numa casa aqui no... Perto do mercado aqui. Esse mercado aqui em baixo. Aí eu chego em casa, tenho que lavá as roupa das criança pro colégio, tenho que fazê janta, limpá a casa. E no final de semana, às vez que dá um tempinho, eu limpo. Se não eu pego uma guria pra limpá, uma vez por semana, mas ela limpa tudo por cima, sabe. E eu chego em casa de tarde, quando eu venho do serviço, eu chego 5h30. Aí vô até umas 9h na roça. Por que eu tenho as minha coisas que tenho pra colhê. Meu marido, ele vai 2 vez por semana na Ceasa. Aí ele botô luz pra mim nas minhas estufas, pra mim pode enxergá as coisa pra podê colhê. Se não tava escuro e eu não conseguia vê.

**Pesquisadora:** O seu marido também te ajuda nas estufas?

**Entrevistada:** Nããã... Ele tem a roça dele, ele tem as coisa dele. Aquilo ali é só MEU! Eu que tenho que cuidá. Eu que tenho que passá veneno, eu tenho que colhê, eu que tenho que limpá.

**Pesquisadora:** E tu dá conta de tudo isso?

**Entrevistada:** Às vezes eu não sei se eu dô conta, se encosta uma coisa em mim e me ajuda... **risada** Não sei o que acontece... Às vezes, eu mesma não consigo acreditá. Às vez eu vô dormi 1 hora, meia noite.

**Pesquisadora:** E levanta cedo no outro dia?

**Entrevistada:** 6 horas, pra arrumá as criança pro colégio. E também vim com o ônibus.

**Pesquisadora:** Eles estudam de manhã, os dois?

**Entrevistada:** Sim... Aí tem que acordá cedo pra levá eles no colégio.

**Pesquisadora:** Assistir TV então, não dá nem tempo?

**Entrevistada:** Às vezes dá pra olhá uma novelinha, um pedacinho aqui, um pedacinho ali... Mas sentá pra olhá não. Aí eles começam:

- Manhê, me dá aqui mãe! Mãe eu quero isso... Hoje tem isso... Hoje tem aquilo.

A menina tem sete, e o guri tem 9. É complicado... Toda hora pedindo coisa.

**Pesquisadora:** E como eles estão na escola?

**Entrevistada:** Eles tão ótimo, só o guri. A menina tá bem e ele tá meio fraquinho, sabe... Não consegue acompanhá as leituras, mas isso é por causa do futebol, que ele joga futebol.

**Pesquisadora:** Mas aos poucos ele vai conseguir!

**Entrevistada:** Sim! A professora falô, também.

**Pesquisadora:** E que importância tu dá pra educação?

**Entrevistada:** A educação é... Eu dô ouro, vale ouro! **sorriso** Porque sem educação guria, não adianta. Porque tu vai num lugar, a pessoa diz:

- Ai, aquela ali tem que aprendê a lê!

Porque tudo tu tem que lê, hoje em dia né?! Tudo, tudo, tudo tu tem que lê. Eu acho muito importante a educação. Qualquer lugar tem coisa escrita e tu tem que lê. Que nem eu, ás vez eu ia no banco, eu queria entrá pra pegá alguma coisa, daí não conseguia. Tinha que pedí o que tava escrito ali. No correio também, a mesma coisa. Eu ficava lá, sentada esperando. Daí a guria disse assim:

- Moça, tem que ir lá pegá a senha...

Como é que eu ia sabê que tinha que pegá senha? Se eu não sabia o que tava escrito ali. É complicado. Hoje em dia, tudo tu tem que tê educação, tem que sabê lê.

**Pesquisadora:** Até se tu vai pra outra cidade, né?

**Entrevistada:** Ônibus! Como é que eu ia pegá ônibus? Eu sempre pedia pra uma pessoa do meu lado:

- A senhora lê pra mim, quando vim o ônibus ali?

Eu não tinha vergonha de dizê que não sabia lê. Eles ficavam olhando assim pra mim, de certo pensando, uma baita mulher dessa não sabê lê?

- Ai fulana, é que eu não sei lê... Sabe me dizer a hora que o ônibus vié pra mim pegá?

Que tava sempre grande, no letreiro. Agora não... **sorriso** Agora é uma beleza! **satisfação** Teve uma vez, o meu marido disse pra mim que o ônibus vai embora, e eu ainda não consegui lê tudo ainda.

**Pesquisadora:** Agora quando tu vê uma coisa escrita já quer ler, né?

**Entrevistada:** Sim! Sim, tô bem feliz! **sorriso** Na semana passada, tava bem feliz que consegui lê bastante.

(...)

**Pesquisadora:** E como tu ficou sabendo daqui? Alguém te falou?

**Entrevistada:** É que a primeira vez me falaram que tinha, né? Aí eu vim atrás, daí eu me inscrevi. Aí eu tinha que esperar um pouco, porque não tinha tanta gente. Daí logo me chamaram, daí eu logo comecei a vim. Eu fiquei, acho que uns 3 anos, 3 ou 4 anos eu fiquei. Aí depois, agora, daí eu falei com a diretora. Ela é amiga do meu guri, porque o filho dela joga bola junto com meu. Daí ela falou:

- Aii... Tu tem que esperar um pouco, porque só tem uns 3 ou 4 aluno, e tem que tê pelo menos uns 8 aluno.

Daí eu disse:

- Eu tô interessada em aprendê a lê, e a prefeitura vem dizê que tem que esperá? Não foi no jornal, que eles colocaram que precisava, que na Feliz não tinha tanto analfabeto.

Nós fomo até entrevistado aqui, uma vez, aqui. **Sorriso** Eu não vi passá na televisão. Diz que passô! E daí eu disse assim:

- Agora vô tem que esperá? Eu vô esperá? Eu não vô esperá.

Daí um dia eu fui no jogo e ela tava lá, daí eu disse:

- Olha professora, eu vô na prefeitura. Eu gosto muito de ti, mas eu vô no promotor.

Aí eu fui lá na promotora... Aí ela disse assim:

- A gente não pode fazê nada, porque se tu fosse uma pessoa, uma criança, né? Aí tudo bem, mas tu é uma adulta.

Daí eu disse:

- Mas eu quero aprende a lê!

- Mas nós vamo vê o que nós vamo fazê contigo.

**Pesquisadora:** E a senhora não foi na prefeitura?

**Entrevistada:** Eu fui 2 ou 3 vezes. Daí falaram que tinha que fechá 8 pessoas. Que eles não podiam dar aula pra 2, 3 pessoa. Isso antes de ir no promotora. Aí eu fui lá na promotora e disse que eles tinham que me dá resposta. Isso foi na sexta-feira. E na terça-feira, a professora me

ligou dizendo que tinha um monte de aluno e que eu podia começá, já. Pra vim aqui, fazê minha matrícula. Daí eu cheguei aqui... E só tinha 2. E porque agora podia dois?

**Pesquisadora:** Eu lembro que eu vi essa reportagem, na TV. A senhora fez uma entrevista?

Sim... **sorriso**

**Pesquisadora:** Ah... Então se eu achar essa entrevista, eu trago aqui e te mostro!

**Entrevistada:** Não, no jornal tá eu... mas na TV eu queria vê! Na TV, porque eu falei bonito aquele dia.

**Pesquisadora:** Sim... Eu trago no computador, daí a gente assiste no computador! Vô trazê, se eu achar.

**Entrevistada:** Ah... Tá! Só se eles cortaram, porque eu, na hora, comecei a chorar. Que eu me emocionei, sabe? Daí, de repente eles cortaram, né? Mas tava, três pessoas que tava. Era eu, uma mulher e um homem, ou três mulher. Uma coisa assim. Daí uma falô, e daí eu falei. Daí eu disse que queria aprendê a lê, voltá a lê e escrevê de novo. Que eu queria ajudá meus filhos, que minha filha pedia pra mim lê e eu não conseguia. **Tristeza** Isso tudo na época! E daí, o cara do jornal tava até gozando com nós, que ele tava fazendo uma enjambração pra arrumá o microfone. Era bem querido aquele pequenininho. Mas eu não cheguei a vê na TV. Mas o jornalzinho eu tenho guardado até hoje.

(...) repete a ida ao promotor

**Pesquisadora:** Além das pessoas que tão aqui, tu conhece alguém que não sabe lê e escrevê?

**Entrevistada:** Eu não conheço! Só se eles não falam, porque têm vergonha. Eu sempre falei que eu não sabia lê. Todo mundo, meus amigos, meus parente. Todo mundo sabia, que eu não sabia lê. Eu não conheço. Eu nunca escondi, é uma verdade. Agora que eu sei lê um pouco, né?! As pessoas dizem assim:

- Aiii, C.! O que tá escrito aqui?

Só que como não tenho meus óculos, não consigo enxergá, não consigo lê. Mas quando tenho, eu leio.

**Pesquisadora:** E tu acha que alguma coisa na tua vida ia ter sido diferente se tivesse aprendido a lê quando era pequena?

**Entrevistada:** Aii... Tu sabe que às vezes eu agradeço porque eu não sabia lê. Porque aconteceu tanta coisa boa pra mim. Óh... Se eu tivesse aprendido a lê, de repente eu não ia conhecê meu marido. De repente eu ia tá indo morá em outro país, outro lugar! Eu não ia tê meus dois filhos, que eu amo tanto! **sorriso** Eu não ia tê o emprego que eu tenho, que eu adoro

tanto meus patrão, né? Porque, quando no dia que eu fui fazê a entrevista, eu disse logo pra minha patroa:

- Óh... Eu não sei escrevê e não sei lê.

- Aii... Como C.?

Eu disse não, eu vô falá a verdade. Eu disse pra ela:

- Se tu não quer eu..

Aí ela disse:

- Eu vô dexá uns bilhete pra ti.

Sempre que ela ia trabalhá, ela deixava uns bilhete. E eu conseguia entendê. É que ela era professora! **sorriso** Daí aos pouco eu entendia, que ela deixava as letra bem grande e fazia desenho. Eu, na minha cabeça, assim, eu acho que tá tudo planejado! A gente vem na vida com o plano de fazer uma coisa. Já tem um caminho traçado, porque se eu não ajudasse aquela merendeira... De repente, até hoje, ela deve lembrá de mim, se tá viva! Se eu não tivesse ajudado ela, talvez minha vida ia tá sendo bem, completamente diferente. Nem ia tá morando aqui, não ia tá... Nem falando aqui com a senhora.

**Pesquisadora:** É... Acho que não estaríamos aqui agora! E como tá sendo estudar aqui?

**Entrevistada:** Aiii... Ótimo! Ótimo! Maravilhoso. **Sorriso** Ela dá coisa bem forte pra gente. Mas a gente... Ela é bem firme... Até continha de dividí. Essas coisas tudo, eu não sabia! Agora tô fazendo! Tô craque! **sorriso**

**Pesquisadora:** Já estão aprendendo a fazer conta? E como tá sendo?

**Entrevistada:** Tudo, tudo, tudo... a gente não sabe... Tá sendo difícil, mas vai embora! **sorriso**

**Pesquisadora:** E o teu dia a dia mudou?

**Entrevistada:** Mudou... **sorriso** Agora minha patroa me dá uns papel, manda eu fazê a lista. Às vez, esquece uma perninha, uma coisa assim.

**Pesquisadora:** Mas ela entende, né?

**Entrevistada:** Mas ela entende. Ela ri. Dá risada. E daí EU vô no mercado sozinha, com o papelzinho! **sorriso** Não preciso mais pedir pra ninguém. Eu vô! Eu pego o papel, ela escreve.

**Pesquisadora:** E como foi a primeira vez que foi no mercado sozinha, pra pegar as coisas?

**Entrevistada:** Aiiiiii... Me senti a tal. **Sorriso** Parecia uma dona C. lá no mercado! Daí a guria me conhecia, né? Ela pediu:

- Quer que eu leia pra senhora?

E eu disse:

- Não... agora eu sei! **alegria**

Mas, demora um pouquinho até que eu leio tudo. **Sorriso**

**Pesquisadora:** Mas o importante é que tá conseguindo!

**Entrevistada:** Sim!

**Pesquisadora:** O passo mais importante já foi dado, que é estar aqui!

**Entrevistada:** Pela segunda vez, né? Porque a primeira vez...

**Pesquisadora:** Ah... Mas teve um bom motivo pra senhora não vir mais.

**Entrevistada:** Mas eu também podia tê vindo antes. Mas daí tu vai deixando, deixando e quando tu vê...

**Pesquisadora:** É que a gente se escora bastante... Deixa pro ano que vem, né?

**Entrevistada:** É... Sim! Muito! Aí quando eu decidi vim mesmo, daí eu fui atrás.

**Pesquisadora:** E que dificuldade tu sentia quando não conseguia lê?

**Entrevistada:** Aii... **tristeza** Muitas vezes eu chorava.

**Pesquisadora:** É? E por quê?

**Entrevistada:** Porque é triste, assim... **suspiro de tristeza** Tu... A tua filha, teu filho... Pedi uma coisa pra ti lê:

- Aii... Lê, mãe! Pra mim... Mãe lê?

E eu:

- Não consigo! **tristeza**

Tu não sabê. Teu filho pedia pra ti, assim... E tu não conseguí. Aí uma vez minha guria disse assim pra uma amiga minha:

- Aiii... Minha mãe não sabe lê!

- Mas como M.? (se referindo a filha) O que tu tá fazendo, que tu não ajuda tua mãe?

Tu tem que ensiná a tua mãe a lê! Se tu sabe, ajuda tua mãe.

É muito triste... Assim, o filho da gente dizê que a mãe da gente não sabe lê. Muito triste.

**Tristeza**

**Pesquisadora:** Mas agora essa fase tá superada, não é?

**Entrevistada:** Sim, tá. **Sorriso** Daí agora, esses dias, meu guri fez continha, na 4° série, né? Daí ele teimou comigo que tava errado. Eu fiz pra ele e disse:

- Filho, é assim... Agora a mãe sabe.

Daí ele:

- Aii, mãe! Não é.

Daí eu fiz, meu filho fez! Daí meu marido olhou, conferiu e viu que o meu tava certo e dele não.

- Era só o que me faltava, a mãe me passá.

**Pesquisadora:** E o que tu acha que muda, quando a gente aprende a lê e escrevê?

**Entrevistada:** Aiiiii... Muita coisa... Muita, muita coisa! Parece que as pessoas olham pra gente com mais carinho.

**Pesquisadora:** Ah, não! Mas isso não muda, o carinho é o mesmo!

**Entrevistada:** Não, muda sim!

- Aii... Aquela ali não sabe lê! Vamô passá a perna nela!

Quantas vez eu comprava coisa nas loja, tu acha que... Eles me passaram a perna nas lojas, me cobraram duas, três vezes a mesma conta, as vez... Porque sabiam que eu não sabia lê.

- Ela não vai sabê quanto é, quanto custa aquilo ali.

**Pesquisadora:** Tem gente boa e da mesma maneira tem gente ruim, mas não vão levar nada junto, né?!

**Entrevistada:** Tem, mas não vão levar nada. Mas se puder passar a perna na gente, eles passam.

**Pesquisadora:** Aconteceu várias vezes?

**Entrevistada:** Aqui nas loja da Feliz, aconteceu várias vezes... **tristeza**

**Pesquisadora:** E a senhora voltou lá?

**Entrevistada:** Não, nunca voltei lá. Sempre deixava assim, porque não queria me estressar. Não queria me incomodar, sabe. Mas eu tenho certeza que paguei tudo. Aí eu ia lá e pagava de novo. Até no SPC me colocaram uma vez. E eu já tinha certeza que já tinha pago, e eles falaram que não.

(...)

**Pesquisadora:** Quando tu tinha dúvidas tu sempre perguntava?

**Entrevistada:** Sim, sim!

**Pesquisadora:** Tu não tinha vergonha?

**Entrevistada:** Não, não. Eu perguntava! Eu dizia que não sabia lê, eu queria sabê. Todas as pessoas que eu sempre perguntei, todas me ajudavam, e sempre falavam pra mim:

- Tu tem que volta a aprendê a lê! Que tu é tão inteligente.

**Pesquisadora:** Então nunca aconteceu de tu ir num lugar e desistir?

**Entrevistada:** Não, nunca.

**Pesquisadora:** E teve alguma vez que aconteceu alguma, ou que tu sentiu mal pelo fato de não saber ler, ou ficou com vergonha?

**Entrevistada:** Aiiiii... Eu acho... Vergonha de não sabê lê eu nunca tive. Nunca tive vergonha!

**Pesquisadora:** E o que te vem na mente quando tu escuta pessoa analfabeta?

**Entrevistada:** Aiiii... tristeza.

**Pesquisadora:** Por que tristeza?

**Entrevistada:** **tristeza** Aiii... Porque tu qué lê alguma coisa e tu não consegue. Por que... É triste! Tu pega, assim, e as coisa tá escrita ali, e tu não conseguí juntá as letra pra lê... Isso é muito triste. Aí tu tem que pedi pra alguém pra lê pra ti e tu tá vendo ali... É só tu junta as letrinha. Agora eu vejo, é só juntá as letrinha, fazê um som, tu consegue... Mas se tu não consegue lê, tu não consegue juntá as letrinha. Tu não conhece que letra é aquela ali, pra lê. Isso é triste! Eu, vergonha eu não tinha, mas tinha tristeza de vê, assim, as pessoas. Eu não queria que ninguém passasse por o que eu passei.

(...)

A única coisa que eu aprendi a fazê no colégio, foi escrevê meu nome.

**Pesquisadora:** E o que te vem na mente quando alguém te fala pessoa alfabetizada?

**Entrevistada:** Aiii... **sorriso** Felicidade, eu acho. Tô feliz! Foi o que eu senti quando eu fui no mercado! O que eu senti, na semana passada, quando eu consegui lê. Aiii.. Tu fica feliz, assim... Eu cheguei em casa e falei pro meu marido:

- Eu aprendi a lê!

E ele: Ahhh... E o meu guri me abraçou, me beijou... E ele:

- Aii, mãe! Tu conseguiu lê!

E eu disse:

- Eu consegui!! **sorriso**

Eu fiquei tão feliz. Aquele dia de noite, eu demorei pra dormi, porque eu fiquei tão feliz. E no mercado, também! Mas acho, que mais feliz ainda, foi semana passada, quando consegui lê! Eu disse:

- Professora? Sô eu que tô lendo?!

**Pesquisadora:** E quando alguém te fala analfabetismo?

**Silêncio**

**Entrevistada:** Aii... vô falar o quê?! Angústia? Uma angústia por dentro, assim, porque mesmo tu não sabendo lê, tu quer tentá lê, e não consegue. Aí tu tem aquela angústia por dentro, que tá te faltando alguma coisa. Eu sô uma mulher muito feliz, tenho meus filho, tenho meu marido, tenho minha casa, minhas coisas, meu serviço. Mas me faltava uma coisa, assim, por dentro. Sabe quando tu quer dormir e sentia uma falta de ar? Assim eu me sentia. Agora eu não sinto mais isso. Agora eu tô tranquila! **sorriso** Durmo tranquila a noite inteira. Sabe que, às vezes, até eu sonhava que tava lendo... **sorriso** De tanta vontade que tinha de lê.

**Pesquisadora:** E o que tu pensa sobre o teu futuro?

**Entrevistada:** Aiii, meu futuro? É... Dirigi um carro, **sorriso** com os meus filho. Bota meus filhos no carro e dizê assim:

- Vamo passear e deixá o pai em casa.

Pior coisa é tu depender dos outros, né? Mesmo se for teu marido né?! Pegá o carro, assim... O dia que eu entrá num carro, assim, e eu dirigi o carro! E lê as placa. **Sorriso** Vai ser o dia mais feliz da minha vida! **alegria**

**Pesquisadora:** E esse dia vai acontecer!!

**Entrevistada:** Aii... Eu acho que vai... Eu tô com 46 anos. Esse é o dia que eu mais sonho, é esse dia de botá meus filhos sentado comigo no carro e dizê:

- Vamo passear num lugar bem bonito, só nós três.

**Pesquisadora:** E quando tu quer ir pra um lugar mais longe, você vai com seu marido?

**Entrevistada:** Sim, ele sempre me leva. Sempre pedi pra ele:

- Pai! Vamo viajá? Vamo lá na minha mãe?

Minha mãe já é falecida, mas tem meus parente lá, e ele sempre me leva. Nunca disse não. No colégio, também. Ele me traz e me busca.

**Pesquisadora:** Ele vem te buscar depois?

**Entrevistada:** Sim... Ele me busca. Porque o ônibus só vem às 10h30, 11hs, que é o do colégio.

**Pesquisadora:** E aqui, a aula vai até que horas?

**Entrevistada:** Vai até 9, às vezes a professora deixa nós até 9h30.

**Pesquisadora:** E tu acha que aqui na Feliz tem mais pessoas que não sabem lê e escrevê?

**Entrevistada:** Eu acho que não, acho que não tem mais tanta gente. Só se eles tão se guardando pra si, por que as pessoas tudo que eu conheço aqui, que já faz 15 anos que eu moro aqui. Uma pessoa só, que eu acho, ele é um gaiteiro que mora aqui, que toca gaita. Ele não sabe lê direito, que ele estudô comigo naquela época. Ele também não sabia lê, mas desistiu por causa do tempo da viola, das coisa dele. Aquele ali, acho que precisava, por que ele tem uma inteligência... Mas ele disse que não vai mais, que não vale a pena. Mas é que as pessoas se acham velhas de mais.

**Pesquisadora:** Eu acho que não tem idade pra aprender!

**Entrevistada:** Não tem idade, não.

**Pesquisadora:** É, isso aí. O importante é vir aqui e chegar em casa e dizer que conseguiu, né?!

**Entrevistada:** Aiii, sim! Eu disse pro meu marido:

- Eu vô chega em casa um dia, vô pegá a folha todinha e vô lê pra ti, tu vai ficá me olhando. E vai achá que não é eu! **sorriso**

**Pesquisadora:** Mas esse dia vai chegar!

**Entrevistada:** Vai chegar sim, não vai demorar muito. **Sorriso**

**Pesquisadora:** E quando tu falava pras pessoas que não sabia lê e escrevê, como elas reagiam?

**Entrevistada:** Aiii, elas ficavam olhando.

- Aii... Eu não acredito que tu não sabe lê? Inteligente o jeito que tu é! Todo mundo fala bem de ti... Aii, que a C. é isso, é aquilo. E tu não sabe lê? Eu não acredito.

Eles ficavam apavorados, porque todo mundo imaginava que eu sabia lê. Por que eu ia por tudo, fazia as coisa por tudo, sabe. Eu me virava, nunca dependi de ninguém. As coisa que eu tenho plantada na minha roça, eu tenho morango e tomatinho cereja, eu sô melhor que o meu marido. Eu sei passá as coisa, os veneno, as coisa certa.

**Pesquisadora:** E isso tudo tu aprendeu sozinha?

**Entrevistada:** Aprendi tudo sozinha, sem meu marido me ensiná, sem ninguém me ensiná a plantá as coisa, tudo sozinha. Aí meu marido disse assim:

- Eu acho que tu não devia se doméstica, tu devia de se agricultora, por que tu sabe mais coisa que nós, que trabalhamo a vida inteira com isso.

Isso tudo da minha cabeça. Coisas assim que eu planto... Assim, as coisa que vem na minha cabeça, eu vô lá e planto e dá certo.

**Pesquisadora:** Que bom né? Assim tu ganha teu dinheirinho extra, não é?

**Entrevistada:** Ali eu ganho o dinheiro, só que olha... É judiado.

**Pesquisadora:** Tu acha que a partir de agora, por saber ler e escrever, tu acha que tua vida vai mudar?

**Entrevistada:** Não! Mudá nem melhorá. Acho que vai ficá na mesma! Só eu vô sabê lê, né?! Por que eu já sô inteligente de chega, pra quem nunca aprendeu a lê, né? Eu me acho, sempre me achei inteligente, né? Não porque que eu não sei lê, que eu vô sê burra.

**Pesquisadora:** Exatamente.

**Entrevistada:** A minha patroa sempre dizia pra mim:

- C. ! Tu é mais inteligente que gente que tem o segundo grau.

**Pesquisadora:** É que o conhecimento a gente constrói ao longo da vida, né? O fato de não saber lê e escrevê é outra coisa.

**Entrevistada:** Sim! Aiii, mas por isso que as pessoa antes então ficavam apavorada comigo, quando dizia que não sabia lê. Se eu sabia fazê tudo as coisa. Aí falava as coisa, assim. Eu nunca fui uma pessoa, assim, desbocada, de xingá uma pessoa. Nunca fui de xingá ninguém. Eu fico quietinha na minha, assim, pra que que eu vô ficá xingando os outros, né?! Se eles tão

errado, eles vão vê se eles tão errados ou não, né? Cada um tem que sabê. Aí todo mundo dizia assim, ficava apavorado por causa disso, por que achavam que eu tinha o estudo lá em cima, mas eu não tinha nada.

**Pesquisadora:** Mas agora com esse estudo, vai decolar, não é?

**Entrevistada:** Vai sim! Vô lá pra Brasília! **risada**